

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião

CLAUDECIR JOSÉ JAQUES

**A SOLIDARIEDADE NO “DNA” DO CRISTIANISMO:
Um estudo sobre a motivação dos Agentes da Pastoral da Criança, na
Região de Palmas/TO, para a ação de solidariedade cristã.**

Goiânia
2015

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião

CLAUDECIR JOSÉ JAQUES

**A SOLIDARIEDADE NO “DNA” DO CRISTIANISMO:
Um estudo sobre a motivação dos Agentes da Pastoral da Criança, na
Região de Palmas/TO, para a ação de solidariedade cristã.**

Dissertação apresentada no Mestrado em Ciências da Religião, para a Linha de pesquisa “Religião e Movimentos Sociais”, da PUC Goiás, sob a Orientação do Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

Goiânia
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)


J36s Jaques, Claudécir José.
A solidariedade no “DNA” do cristianismo [manuscrito] : um estudo sobre a motivação dos agentes da Pastoral da Criança, na região de Palmas/TO, para a ação de solidariedade cristã / Claudécir José Jaques. – Goiânia, 2015.
117 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2015.
“Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros”.
Bibliografia.

1. Religião. 2. Ética. 3. Motivação (Psicologia). I. Título.

CDU 27-784-055.3(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 23 DE FEVEREIRO DE 2015 E APROVADA PELA BANCA
EXAMINADORA

1) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente) 

2) Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Membro) 

3) Dr. Adriano José Hertzog Vieira / UnB (Membro) 

“Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância.”
(João 10,10 – Adaptado para lema da Pastoral da Criança)

Dedico esse trabalho à minha esposa Iara, que
foi a minha grande incentivadora no Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores do Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás que são: Coordenadora Dra. Irene, Prof.^a Dra. Carolina, Prof.^a Dra. Ivoni, Prof. Dr. Haroldo e Prof. Dr. Gilberto que ministraram ótimas aulas no decorrer desses semestres. Ao meu Orientador Dr. Eduardo Gusmão que muito me auxiliou na elaboração dessa dissertação, que não foi de orientação tão simples por eu morar a 800 quilômetros de distância da Universidade. Porém, as viagens e as orientações a distância me ajudaram muito, deixaram-me seguro e livre para a produção. Agradeço aos colegas do Mestrado que me ajudaram bastante nas compreensões dos conteúdos e pela convivência fraterna. Agradeço à PUC de Goiás e à CAPES por terem concedido bolsas de estudos, sendo que em uma delas fui selecionado, e isso foi crucial para que eu conseguisse me manter no curso, uma vez que tive grandes despesas com deslocamento. Agradeço em especial à minha esposa Iara que, sem o seu incentivo, eu não teria concluído este Mestrado. E, por fim, agradeço a Deus que me manteve forte para trabalhar nesta empreitada de construção de mais conhecimento.

RESUMO

JAQUES, Claudécir José. *A SOLIDARIEDADE NO “DNA” DO CRISTIANISMO*: Um estudo sobre a motivação dos Agentes da Pastoral da Criança, na Região de Palmas/TO, para a ação de solidariedade cristã. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

Esta dissertação faz parte da conclusão do Mestrado em Ciências da Religião do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Religião e Movimentos Sociais. O tema central deste trabalho é Religião e Solidariedade, tendo como objeto de pesquisa a motivação para a solidariedade. A hipótese principal é de que uma fé religiosa madura é uma das motivações importantes para a ação solidária. A solidariedade é tratada aqui como um elemento constitutivo da religião, especialmente do Cristianismo. No início desta obra, trabalham-se alguns conceitos e categorias importantes que dão base e referenciais para a sua construção. Após a abordagem geral sobre os temas religião, ética, solidariedade e educação, o trabalho se direcionou para o campo dos projetos sociais efetivos, tendo como principal ação a ser analisada a Pastoral da Criança. A Pastoral foi escolhida por sua relevância no cenário nacional e por sua eficácia na mudança de vida das crianças abandonadas pelo poder público. Ela não é entendida neste trabalho como um projeto de transformação ou de crítica social, pois diretamente não o é. No entanto, está sendo muito eficaz na missão que se propôs e indiretamente questiona os responsáveis através de sua ação. Para tornar o trabalho mais concreto e testar a hipótese levantada, fez-se uma pesquisa de campo, entrevistando alguns voluntários da Pastoral da Criança da região de Palmas, Estado do Tocantins, visando identificar especialmente as motivações que levaram ao engajamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Ética; Motivação; Solidariedade; Pastoral da Criança.

ABSTRACT

JAQUES, Claudécir José. SOLIDARITY IN "DNA" of Christianity: A study on the motivation of the Pastoral Agents in Palmas Region / TO, to the action of Christian solidarity. Dissertation (Masters in Religious Studies) - Catholic University of Goiás, Goiânia, 2015.

This work is part of the completion of the Master of the Graduate Program Religious Science *Stricto Sensu* the Catholic University of Goiás, in the search line Religion and Social Movements. The central theme of this work is Religion and Solidarity, with the object of research the motivation for solidarity. The main hypothesis is that a mature religious faith is one of the important motivations for solidarity action. Solidarity is treated here as a constitutive element of religion, especially Christianity. At the beginning of this work, it works out some important concepts and categories that are the basis and reference for its construction. After the general approach on religious topics, ethics, solidarity and education, the work is directed to the field of effective social projects, with the main action to be analyzed the Pastoral. The Ministry was chosen for its relevance on the national scene and its effectiveness in changing the lives of children abandoned by the government. It is not understood here as a project of transformation or social criticism, because it directly is not. However, being very effective in the mission that was proposed and indirectly question those responsible through its action. To make the concrete work and test the hypothesis, there was a field research, interviewing some volunteers of the Pastoral of the Child Palmas region, State of Tocantins, aiming in particular to identify the motivations that led to social engagement.

KEYWORDS: Religion; Ethics; Motivation; Solidarity; Pastoral of Children.

LISTA DE SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
PC	Pastoral da Criança
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, em inglês: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância, em inglês: United Nations Children's Fund
FABS	Folha de Acompanhamento e Avaliação Mensal das Ações Básicas de Saúde e Educação na Comunidade
ECC	Encontro de Casais com Cristo
PJ	Pastoral da Juventude
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-estar do Menor
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-estar do Menor
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
JOC	Juventude Operária Católica
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
DNA	Deoxyribo Nucleic Acid ou ADN em português, é a sigla para Ácido Desoxirribo Nucléico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
1. A RELIGIÃO E SUA DIMENSÃO ÉTICA: o caso do Cristianismo.....	18
1.1 - Solidariedade com os empobrecidos: um legado de Cristo aos Cristãos	21
1.1.1 - Crise civilizatória: cultura da indiferença com a situação dos outros	24
1.1.2 - Solidariedade com os empobrecidos na Bíblia	27
1.1.3 - Cristo e os empobrecidos de sua época	28
1.1.4 - A Igreja Latino-americana e a opção preferencial pelos empobrecidos	30
1.1.5 - Será que esse legado foi abraçado pelos ditos seguidores do Jesus de Nazaré? ...	31
1.2 - Educação cristã para a solidariedade: ajudar os outros não é natural, é cultural .	32
1.2.1 - Educação como o ato de amamentar, conduzir a um aprendizado à uma ação... 	34
1.2.2 - Educação, religiosidade e intervenção social	35
1.2.3 - Educação e religião para projetos solidários	37
1.3 - Motivação, disposição e ação social: ingredientes indispensáveis para a solidariedade cristã.....	43
1.3.1 - Motivação e disposição em Clifford Geertz.....	45
1.3.2 - Ação social em Max Weber	46
1.3.3 - Nem toda a motivação vai se efetivar em ação social.....	47
1.3.4 - A ação social a partir do contato com a realidade	48
1.3.5 - A criatividade humana como um elemento facilitador da ação social	50
1.3.6 - Motivação e solidariedade cristã.....	52
CAPÍTULO II	
2 A PASTORAL DA CRIANÇA COMO UMA AÇÃO DE SOLIDARIEDADE MOTIVADA PELA FÉ RELIGIOSA	58
2.1 A solidariedade e a infância brasileira: casos e descasos.....	58
2.1.1– O atendimento às Crianças no Tocantins.....	64
2.2– Pastoral da Criança: um projeto cristão de efetiva solidariedade.....	68
2.2.1- Um pequeno histórico ou origem da Pastoral Eclesial no seu sentido genérico ...	69
2.2.2 - Pastoral da Criança: origem, expoentes, ações e resultados	71
2.3 - Análise dos resultados da pesquisa de campo, tendo como interesse principal a motivação para a solidariedade: entrevista com alguns voluntários da Pastoral da Criança da Região de Palmas, Tocantins	81
2.3.1 - Perfil dos voluntários entrevistados na pesquisa de campo	83

2.3.2 – Envolvimento dos voluntários com a PC.....	84
2.3.3 – Motivação, sentimento e significado da ação dos(as) voluntários(as) da PC	86
2.3.4 Dificuldades partilhadas pelos(as) voluntários(as) na ação solidária da PC	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXO 1 – Relato completo das entrevistas com os 6 voluntários da Pastoral da Criança.....	98
ANEXO 2 – Cordel de Júnior Brasil em homenagem póstuma à Dr. Zilda Arns.....	113

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre este tema requer do estudante um forte desejo de entender a sociedade a partir de seus problemas, suas mudanças, identificando projetos efetivos e relevantes e uma preocupação de contribuir para a continuidade destas ações. Trata-se do surgimento de mais ideias e de pessoas dispostas a gratuitamente, motivadas por questões humanas ou religiosas, engajadas em sua comunidade, conscientes dos problemas e dispostas a enfrentá-los.

Alguns projetos surgidos com o intuito de resolver os problemas sociais da comunidade ou dar uma assistência, especialmente às pessoas mais fragilizadas, nasceram a partir de motivações cristãs. No caso desta dissertação, o objeto de estudo foca-se na motivação dos agentes da Pastoral da Criança, que nasceu a partir de motivações fortemente cristãs. Um breve estudo sobre o trabalho voluntário dos Agentes da Pastoral da Criança da Região de Palmas, Tocantins, contribui para a compreensão desta expressão da solidariedade cristã. A investigação se concentra especialmente sobre a presença da motivação cristã para a solidariedade, no caso da Pastoral da Criança.

A dissertação está dividida em dois grandes capítulos. No primeiro está a fundamentação, as conceituações e reflexões mais genéricas sobre o tema da religião e solidariedade. O segundo capítulo ficou para a parte mais específica do trabalho, ou seja, o estudo do projeto de solidariedade chamado Pastoral da Criança (PC) e gira em torno dele. As próprias entrevistas com os agentes voluntários da PC vão ser analisados em sua grande parte no segundo capítulo, mas no primeiro capítulo já vai aparecer alguns pontos importantes das respostas da pesquisa de campo.

Há na base e na motivação deste trabalho uma preocupação fundamental: a solidariedade é uma opção, uma alternativa para o cristianismo ou é uma característica fundamental da sua gênese religiosa? Em palavras mais formais, esta é a problemática que esta dissertação cunhou para estudar e responder.

A origem das religiões e do significado da própria palavra “religião”, do latim “religare”, segundo Lactâncio, direciona-a para a agregação, para a comunhão, para a religação com o Transcendente e com os semelhantes. Ela tem como busca, investigar se essa concepção de religião está presente no caso da ação dos agentes da Pastoral da Criança, pelo menos em parte deles.

A atividade que está na mira deste trabalho é a Pastoral da Criança, que será colocada como uma ação de potencial solidariedade nascida da dimensão social da religião. Foi escolhido por ser um projeto de longo prazo e sem fins de catequese ou proselitismo

doutrinário, como parece ser o caso de outros projetos assistenciais religiosos. Alguns projetos parecem ter por finalidade mais a catequização, a doutrinação e o proselitismo do que a própria solidariedade. No caso da PC, grande parte de sua história, parece não se fundar em cima disso. Inclusive, participam profissionais arreligiosos e de diversas religiões ou igrejas coirmãs da Igreja Católica.

A escolha da Pastoral da Criança se deu não por o envolvimento do mestrando pesquisador desta dissertação. A relação com a PC da criança era muito de apenas um admirador do trabalho. Já houve outros trabalhos em outras pastorais, como a da juventude por exemplo, mas na PC, nunca. Isso não quer dizer que não seja possível fazer uma boa pesquisa de campo e análise de dados coletados. A Pastoral da Criança sempre se destacou em nível nacional, ou seja, era fácil acompanhar as suas ações.

A relevância desta pesquisa está no resgate da reflexão e compreensão da dimensão ética do cristianismo percebida na solidariedade. Não há um número elevado de estudos sobre este tema, pelo menos de forma direta e, considerando-se o poder de transformação humana e social da religião, faz-se necessário buscar mais conhecimento diante da indagação em relação à solidariedade enquanto “célula-tronco” das correntes religiosas, especialmente do cristianismo.

É importante fazer também uma crítica a concepções religiosas reducionistas que não dignificam a religião, pois seguem modelos mutiladores e opressores. Há uma onda de intimismo nas pregações e práticas religiosas. Muitas pessoas e movimentos religiosos estão fazendo da sua igreja ou da sua filosofia religiosa um instrumento de lavagem e afago ao ego, favorecendo o predomínio do individualismo.

A partir da ótica da PC, este trabalho estará valorizando projetos religiosos que contribuem com a humanidade de forma gratuita e eficaz para que a religião recupere o seu lugar mais precioso que é o da religião do nível espiritual com o social. A Pastoral vai ser apresentada como uma importante ação de solidariedade cristã organizada, com parcerias importantes e fundamentada no voluntariado de agentes populares e profissionais. Constata-se, porém, que ela já esteve mais atuante em todo o Brasil, mas ainda continua em muitas regiões carentes desassistidas pelo poder público.

A pesquisa usada neste trabalho será qualitativa reflexiva. Será um entrevista com uma amostra de agentes voluntários da Pastoral da Criança. Alguns ainda são voluntários e outros não mais. Com estas entrevistas será possível constatar, analisar e refletir sobre muitos aspectos, dentre eles a questão das motivações para a ação social.

As entrevistas que foram feitas com alguns agentes da PC são, portanto,

indispensáveis para perceber as motivações religiosas apresentadas pelos agentes, os resultados, as decepções, a continuidade do projeto e o sentido das ações descritas por eles.

O trabalho voluntário dos agentes da Pastoral da Criança é um bom exemplo para mostrar que a solidariedade ainda é um pilar que alicerça o Cristianismo? E como sua atuação se mantém no início do século XXI?

A grande busca desta pesquisa é compreender a motivação dos que se dedicam à causa das crianças empobrecidas pelo sistema. Procura entender se este trabalho tem como motivação especial o legado de Cristo aos Cristãos. Ele é vivenciado como uma missão cristã ou apenas como uma ação humanitária desvinculada da fé?

Será que houve mudança nas motivações dos que atualmente trabalham na Pastoral da Criança, comparando-se aos que se empenhavam no momento do nascimento deste projeto na CNBB, com Zilda Arns?

Numa das conversas com um dos voluntários da PC, ficou bem claro que um verdadeiro cristão deve ser solidário e engajado. Nas palavras dele, “primeiro a fé. A gente acreditando em Jesus Cristo, a gente acredita que o mundo pode ser melhor. E a forma que o mundo pode ser melhor é eu dando a minha parcela de contribuição para que o mundo seja melhor.” A motivação dos agentes da PC é a solidariedade, fundamentada nos princípios cristãos. Esta motivação é percebida, igualmente, pelos receptores do serviço.

É bem provável que muitas comunidades religiosas se esqueceram de sua dimensão de solidariedade por adentrarem num verdadeiro mercado religioso de luta por espaço e fiéis. Por isso, não parece haver muitos projetos de solidariedade efetiva no meio religioso; pelo menos projetos de relevância social com vistas a mudanças significativas a curto, médio e longo prazo. O que parece acontecer são projetos imediatistas/paternalistas que costumam atender às necessidades sociais apenas em curto prazo e não contribuem para transformações concretas.

Porém, é provável também, que o cristianismo esteja buscando resgatar seu sentido de existência, se firmando em projetos sociais de ação relevante, assim como queria o mestre fundador deste movimento religioso. A Pastoral da Criança parece ser um desses projetos que resgatam o significado e o motivo da fundação deste movimento religioso ao exercer a solidariedade com as crianças empobrecidas.

Esta dissertação tem por base a revisão bibliográfica, com estudo e análise de livros, artigos sobre o tema, que ajudam a compreender a dimensão ética da religião, com atenção especial ao cristianismo. A pesquisa de campo se deu por meio de entrevistas com agentes (seis agentes) da Pastoral da Criança das Paróquias e comunidades engajadas. Elas trazem para

este trabalho a dimensão do real que é confrontado com os estudos e publicações consultadas. A região que foi escolhida para o contato com os agentes é a Região de Palmas no Tocantins e região circunvizinha, onde a Pastoral ainda permanece atuante e necessária.

As questões direcionadas aos entrevistados procuram captar não apenas informações objetivas acerca do projeto da PC, mas especialmente a subjetividade e motivação dos agentes, pois importa muito para esta pesquisa o sentido real das ações. Os dados objetivos serão facilmente coletados nas publicações da Pastoral da Criança. É levado muito em consideração, nos depoimentos dos voluntários da Pastoral da Criança, o aspecto vivencial de cada um. Isso trouxe uma contribuição grande para a pesquisa, que quer investigar exatamente a respeito das motivações básicas, das intenções dos agentes. Só assim se perceberá se suas ações, seu envolvimento tem por base a motivação religiosa cristã ou apenas uma vontade ética humanista. Ou ainda, verificaremos se há ganhos ou segundas intenções nas atividades dos agentes.

No título deste trabalho está a sigla DNA. O uso é simbólico e proposital. Se referindo aos elementos constitutivos. A sigla DNA (que é uma expressão em inglês: deoxy-ribo-nucleic acid; em português: Ácido desoxi-ribo-nucleico), “composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e alguns vírus” (dicionário informal). É usada no título da dissertação para sugerir a ideia fundamental desta pesquisa que é a de atestar que a solidariedade não é apenas um anexo do movimento cristão ou apenas uma característica secundária. A solidariedade aqui é visualizada como um elemento constitutivo primário, ou seja, fundamental e que dá sentido a própria existência do Cristianismo. A partir dos estudos desta dissertação, fica claro que o movimento dos seguidores de Jesus Cristo tinha, e tem, como principal missão e sentido de vida, a fraternidade, a compaixão, o amor, ou seja, a solidariedade especialmente com os mais necessitados.

Contudo, a solidariedade não é apenas algo do DNA do cristianismo. O ser humano é um ser que necessita da solidariedade do outro e de ser solidário. Ele só se completa na relação solidária com os seus pares. Essa solidariedade nem sempre é consciente e planejada. Ela pode ser como em sociologia se chama de “solidariedade mecânica”. Porém, no cristianismo essa solidariedade voluntária e planejada é indispensável.

Esta dissertação coloca como referencial teórico a conceituação e a relação da religião com a ética, a compreensão do movimento latino-americano de ação social da igreja e da vivência religiosa dos agentes da Pastoral da Criança. Outro referencial importante para este trabalho é o conceito de ação social em Max Weber, por este autor tratar especificamente da

motivação.

A religião, para esta pesquisa, tem como base inicial a aplicação do conceito de Durkheim (2003, p. 32), que a define como sendo “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral chamada igreja, todos aqueles a que a ela aderem”. Porém, também e, especialmente, o conceito de Lactâncio que pesquisou a cerca da origem da palavra e chegou ao termo latino ‘*religare*’, que significa ‘*religar*’. A religião, então, é um fenômeno que tem como razão existencial a religação humana. Esta religação é inicialmente compreendida na relação do homem com o seu Deus. Por ser imperfeito, o homem constantemente afasta-se, desliga-se do sagrado. Então, o papel da religião é cotidianamente conduzi-lo ao retorno, à religação. Esta religião, no cristianismo é compreendida de forma mais ampla. Ela precisa acontecer no sentido vertical e horizontal, ou seja, a religião deve conectar o ser humano com o transcendente e com o imanente; com seu Deus e com o seu semelhante, com o mundo.

Croatto (2001) vai ajudar a estabelecer a relação do homem religioso com a sociedade diante dos seus problemas e seus modelos. No seu livro, “As linguagens da experiência religiosa”, em seu cap. II, coloca que a experiência humana é relacional (relação com o mundo, com o outro indivíduo e com o grupo humano) e, como tal, exerce uma forte influência na socialização das experiências religiosas. Uma das características fundamentais do ser humano é estar sempre em busca, gerando consciência das necessidades (físicas, psíquicas, socioculturais) e das limitações (fragmentação dos valores, a finitude e a falta de sentido em muitas experiências vitais). A partir dessas constatações, Severino Croatto estabelece uma análise das experiências religiosas. Em primeiro lugar, as experiências religiosas são relacionais e as necessidades são saciadas na esfera da transcendência: as físicas por milagres, as psíquicas pela paz, o gozo da glória e as socioculturais por uma nova ordem social e o surgimento de um mundo novo. Porém, outro aspecto que fora apontado é a capacidade de o ser humano imaginar, passando do fragmentário ao totalizador (condensação de experiências), do finito ao duradouro e sem limites. A falta de sentido é anulada por três aspectos: a esperança, a ideia de que a providência divina dirige a história e a influência dos modelos divinos.

A religião, assim, só pode ser compreendida em sua dimensão ética. O homem, como um ser também religioso, tem necessidade e obrigação de ser comprometido com a realidade social em que está inserido. Neste sentido, Leonardo Boff (2001) no seu livro ‘Ethos mundial’, resgata esta preocupação, que já havia sido proclamada pela própria teologia da libertação,

pensando na religião como construtora de um novo ethos. Ethos aqui é entendido como todo o conjunto de pensamentos, valores e prática importantes de uma comunidade.

Vê-se, a partir destes elementos introdutórios que a construção desta pesquisa é árdua, porém, interessante. É uma busca de conceitos, reflexões, estudos, de uma série de autores no intuito de compreender a ação dos voluntários que atuam na Pastoral da Criança. Além disso, está claro que o aprendizado principal e intuito construtor desta pesquisa é o ensino de que não se pode ficar como está, transformando, desconstruindo e recompondo outra visão de mundo, de religião e de homem.

CAPÍTULO I

A RELIGIÃO E SUA DIMENSÃO ÉTICA: o caso do Cristianismo.

O cristianismo é um movimento de cunho ético-religioso. Sua preocupação primordial é com o bem estar e a salvação dos humanos. Alguns grupos, no entanto, dentro de algumas religiões parecem não ter uma preocupação clara para com o outro, com o social, com as condições de vida, com o cuidado ético. São grupos ou movimentos de cunho transcendentalista, com enfoque individualista e intimista, preocupadas apenas na evolução individual. Outros não são apenas individualistas, mas concebem que o homem não tem papel preponderante na sociedade e dependem exclusivamente de forças divinas para que as melhorias ocorram nele e no coletivo. Porém, há os grupos religiosos de cunho eminentemente ético e comunitário. Esse é o caso do Cristianismo e de outras religiões conhecidas. Isso não significa que todos os cristãos ou grupos do cristianismo tenham esta práxis desenvolvida, mas não se pode negar este aspecto nos primórdios do movimento cristão.

Mas o que realmente é essa dimensão ética? Ela se casa com a religião mesmo ou o lugar da religião é noutra dimensão? O cristianismo é uma religião de cunho ético? Por quê? Que abrangência dá à religião a dimensão ética?

Compreendemos por *ética* a ação humana acrescida do sentido que o próprio ser humano dá a essa ação. *Sentido* aqui se refere o porquê agimos e, por conseguinte, aponta para uma finalidade objetiva como resposta. Ora, a característica central da ação ética não é ter outra finalidade que não seja a realização do próprio sujeito agente: eu me faço enquanto ajo, torno-me verdadeiramente sujeito por meio de minha ação. Isso significa que a explicitação da nossa ação moral não se dá pela referência desta a algo extrínseco ao sujeito como, por exemplo, um sistema de normas de conduta ou mandamentos divinos. Daí se segue que o ponto de partida da reflexão ética deverá ser o próprio ser humano na sua ação, ou seja, deverá ser a experiência humana de humanizar-se no agir (SUREKI, 2008, p.943).

Compreendido o que é a ética, sua abrangência e sua aplicação, é importante focar na dimensão da ação religiosa. Sureki (2008) deixa bem claro que toda a ação humana carregada de sentido é uma ação ética. A reflexão acima da ação é que dá sentido a ela, porque se não ela ficaria uma ação meramente mecânica e vazia. Muitas das nossas ações são assim, repetitivas como escovar os dentes, comer, dormir, etc. São necessárias e muitas delas nem requerem muito reflexão mesmo. Porém, outras ações necessitam de reflexões bastante profundas. São ações que não podem acontecer de forma espontânea, pois correriam o risco de

causarem injustiças, colocarem em risco a vida de muitos, se não de todos. São ações complexas e carregadas de significado. Na religião isso ocorre com um grau ainda maior, pois os significados que são atribuídos às ações vão além do mundo físico ou antropológico. A religião coloca nas ações uma dimensão transcendental.

Sukeri (2008, p. 943-944) ajuda a refletir sobre religião e ética destacando a saudabilidade desta relação. Para ele, ela é necessária e está no DNA da religião.

A questão que agora se coloca é: como articular a ética assim compreendida com a mesma em perspectiva religiosa? É possível aplicar o que dissemos acima à relação que o ser humano estabelece com o divino transcendente, com Deus? Dito de outro modo, como se articulam os aspectos ético-antropológicos da autorrealização do sujeito com o aspecto religioso-teológico? Acreditamos que tal articulação não só é possível, mas saudável e mesmo necessária em nossos dias. E isso não porque as religiões devam se sujeitar aos nossos propósitos de reflexão, mas porque elas, sobretudo as monoteístas, já trazem em si mesmas os elementos necessários para se elaborar um discurso capaz de lançar luzes aos problemas éticos que enfrentamos atualmente como, por exemplo, as questões que envolvem o cuidado com a vida como um todo, a paz entre os povos, o diálogo inter-religioso, os desafios levantados no âmbito da ecologia (SUREKI, 2008, p.943-944).

Segundo ele, “as religiões sempre tiveram influência sobre a formação do *ethos* humano”. Não há como dissociar religião de ética. Mesmo as religiões tidas como transcendentais não éticas influenciam o dia a dia das pessoas, dando sentido às suas ações, ou seja, fazendo cada um pensar nas suas ações com um olhar teológico ou religioso. No caso, do cristianismo, essa dissociação nem se cogita, pois ele nasceu dentro de uma perspectiva ética. Ele nasceu com a missão de mudança social, cultural. A proposta inicial do seu fundador foi de mudança na forma de ver as coisas, as leis, as relações... Como diz um dos entrevistados da pesquisa de campo, o seu José Antônio, “não adianta ir para a Igreja, ficar lá uns 40 min rezando e sair e não fazer nada”. Nesta fala revela exatamente o sentimento de que a religião não pode se dissociar da realidade.

Joachim Wach (1990) também ajuda a entender esta dimensão ética quando destaca que a grande importância de se estudar a religião na sua face ética. Dada a importância da religião como fato social para a prática da solidariedade e fé cristã, é fundamental que essas ações sejam realizadas em grupos institucionais da educação, sistemáticos, e longitudinais, propiciando ambiente de apoio e compartilhamento, possibilitando fluir relações afetivas, confiança e empoderamento entre os indivíduos. Nestes espaços, existem recursos que podem e devem ser fortalecidos; condição fundamental para atingir as distorções existentes e trabalhar a solidariedade e a fé cristã nos mais diversos aspectos sociais.

Em um de seus escritos, Wach (1990, p. 62) considera sumamente importante a própria religião a fim de desenvolver esta dimensão para a sua completude.

Uma religião meramente pessoal não pode conseguir em transcender a subjetividade. Um pensamento ou uma emoção devem ser expressos, para ser compreendidos ou que se visa que produzam efeito social. Nenhuma comunhão pode se realizar entre dois indivíduos que experimentem a mesma coisa, a não ser que esta experiência seja traduzida em gesto, em palavra ou em ação capazes de materializar e evidenciar sentimentos, pensamentos ou atos supostamente semelhantes.

Qualquer ser humano, mas o cristão de maneira especial possui uma referência clara sobre como agir frente ao outro, especialmente em relação aos empobrecidos. Na sua trajetória, Cristo falou alguma coisa e fez muita coisa que deve servir de referência para os cristãos. A fé que se tem em Jesus Cristo deve levar o crente a posturas condizentes.

Sabe-se que pode existir uma distância significativa entre aquilo que se pensa ou se acredita e aquilo que se faz. Isso é notório em todos os aspectos da vida humana: na religião, na política, na moral, na ética, na ecologia, e assim por diante. Como é difícil aproximar fé e vida ou reflexão e ação. Existe uma consciência bastante grande nas pessoas sobre a realidade em que se vive. Quase todos têm uma boa noção do que é certo ou errado, do que está certo ou está errado. No entanto, isso não significa que todos irão agir segundo esta percepção ou este conhecimento.

Falando desta dupla situação que a religião pode conduzir: a do engajamento e a da alienação, Rubem Alves (2008, p. 105) aborda esta reflexão apontando que os profetas já estavam atentos e conscientes de que não basta ser religioso, é preciso consciência e decisão.

É provável que os profetas tenham sido os primeiros a compreender a ambivalência da religião: ela se presta a objetivos opostos, tudo dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados. Ela pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar. Daí a necessidade de separar o Deus em cujo nome falavam, que era o Deus dos oprimidos, e que despertava a esperança e apontava para um futuro novo, dos ídolos dos opressores, que tornavam as pessoas gordas, pesadas, satisfeitas consigo mesmas, enraizadas em sua injustiça e cegas para o julgamento divino que se aproximava...

O Cristão ou o Judeu tem como base o Deus que se compromete com os mais sofridos, mas não há necessariamente um engajamento imediato destes religiosos. É o que será abordado em quase todos os momentos deste trabalho. A reflexão vai correr levando em consideração esta dupla concepção e postura religiosas: engajamento e alienação.

Este primeiro capítulo propõe uma interação entre estas realidades à luz de projetos

eclesiais e legados. Um projeto importante que se retoma neste trabalho é o Documento de Puebla, em que a Igreja assume os pobres como preferência nas suas atenções. , ressalta-se que a religiosidade ajuda a construir novas relações, apontando princípios. Nesse sentido, ressalta-se que a religiosidade ajuda a construir novas relações, apontando princípios de justiça, denunciando ameaças e violações da dignidade e dos direitos, abrindo caminhos de solidariedade.

A fé costuma ser um elemento de extrema importância na vida das pessoas. A partir disso, é importante também questionar se a prática da solidariedade e a fé cristã estão próximas. De fato poderiam ser inúmeras as respostas para tal questionamento. Essa relação, neste trabalho, é vista na Pastoral da Criança, mas antes é preciso conhecer a tradição cristã que esta organização, que este projeto incorpora.

1.1 – Solidariedade com os empobrecidos: um legado de Cristo aos Cristãos

Para melhor estudar e compreender esta dimensão ética da religião é importante definir melhor os termos que serão utilizados neste capítulo:

Solidariedade: A expressão solidariedade pode ser interpretada de diversas formas. A pior delas é a do sentido de ‘pena, de dó’. Para muitos, ser solidário é sentir dó das pessoas que estão em situação difícil. Seria o de emocionar-se e ficar chorando de pena destes. Esta sensibilização já é alguma coisa, pois pior que isso ainda seria a indiferença. Sentir-se tocado pelo problema é o primeiro passo. No entanto, ficar nisso além de ser pouco, pode ser doentio e adoecedor. O sensibilizado vive a dor do outro, mas não sabe o que fazer com isso e deprime-se. As pessoas necessitadas não precisam da pena de ninguém, elas precisam de ajuda.

Então, o conceito de solidariedade que se utilizará aqui enfoca o *sentir-se tocado e movido para a ação*. Sentir a dor do outro como sua e envolver-se de forma a contribuir para que esta dor desapareça, ganhe significado ou transforme-se. Não é fazer pelo outro, mas fazer com o outro, assim como fazia Jesus que movimentava os necessitados para a ação.

A palavra *compaixão* é um bom sinônimo de solidariedade neste contexto. Sentir a dor com o outro, colocar-se no lugar onde o outro está são posturas que se exige de alguém que diz ser solidário. Não dá para ajudar o outro se olhar a partir da perspectiva do outro. Aí se poderá caminhar junto com ele, sem querer fazer tudo por ele criando relação de dependência. Isso seria paternalismo. Solidariedade não é piedade, nem paternalismo. Solidariedade é um auxílio necessário, sustentável e coletivo.

Para melhor entender a palavra solidariedade é bom peder ajuda para quem já escreveu bastante sobre este tema. O Pe. João Carlos Almeida (2007, p. 68) desmembra o termo e explica um pouco melhor este termo que será muito utilizado neste trabalho.

Neste enquadramento histórico do conceito de solidariedade é importante fazer um lembrete de cunho etimológico. Quando falamos de solidariedade sempre temos como pano de fundo as palavras latinas *solidum* (totalidade, soma total, segurança) e *solidus* (sólido, maciço, inteiro). A definição sociológica de solidariedade do Dicionário Michaelis parece caminhar nesta direção: “Condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir o grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora”. Este tipo de “corporativismo social” é diferente da solidariedade cosmológica, tribal ou cultural. A diferença é que passa pela crítica do sujeito e não anula o indivíduo. Há uma espécie de interdependência. O Dicionário Aurélio falará de “vínculo recíproco”, que nos parece uma expressão muito feliz para um ensaio de definição.

Esta origem, do termo ajuda a compreender que ser solidariedade é dar suporte ao outro. É dar firmeza e solidez a vida do outro, ou seja, segurança. há um encontro entre duas realidade, uma fragilizada e outra em melhor estado. Juntar podem consolidar uma melhor situação. Ser solidário é, então, colocar-se ao lado ou no lugar e agir para mudar para melhor a situação desfavorável em que se encontra o sujeito.

Empobrecidos: O uso da expressão ‘empobrecidos’ é proposital, correto e justificado neste texto. Poder-se-ia falar apenas em *pobres*. No entanto a expressão pode carregar consigo uma visão fatalista e determinista, denotando que as pessoas que estão nesta situação, o estão por obra do acaso, da natureza ou, pior ainda, de Deus que teria os feito pobres.

O termo ‘empobrecidos’ fala melhor sobre a realidade da pobreza. Traz no seu conceito a ideia esclarecedora de que os pobres só os são porque as condições sociais os levaram a sê-los. Muitas coisas empobrecem o povo. Ninguém nasce pobre ou rico, mas se tornam pobres por influência das circunstâncias criadas pela própria sociedade. Estruturas e condições desiguais forçam a maioria a ocupar um lugar secundário e na marginalidade.

Nesse sentido, também, o mais correto não seria falar em ricos, mas em enriquecidos. Muitos são os fatores que levaram e levam as pessoas a enriquecerem. Em geral, se fala de que construíram fortunas com o seu trabalho, com o seu suor. Outros falam inclusive de sorte ou destino. A pergunta é: será que nada mais interferiu no enriquecimento seja de quem for? Será que as estruturas, as leis, os privilégios, as heranças, as explorações do trabalho alheio, etc., não tem nenhuma participação nisso?

O fato é que não existem pobres ou ricos. Existem empobrecidos e enriquecidos. Ninguém nasce social ou economicamente determinado. Há sempre um processo de

construção de situações, junção de elementos que levam as pessoas a serem condicionados social e economicamente. Também se pode ampliar a abrangência do termo. As pessoas não são empobrecidas apenas economicamente, mas em todos os aspectos. Um dos empobrecimentos mais cruéis parece ser o cultural. Impedir o outro de crescer culturalmente, de preservar suas raízes e de ser livre para ser diferente é empobrecê-lo. Isso não tira a importância do empobrecido em nível material também.

Este conceito é bem destacado no documento de Puebla, quando vai conclamar a Igreja para a ação e inculturação do evangelho.

Esta realidade eclesial sedimentada na consagração batismal do laicado na Igreja e desdobrada na diversificação dos ministérios e carismas sob a unção do Espírito Santo, ganha sua autenticidade à medida que esteja em sintonia com a belíssima e sempre desafiante opção preferencial pelos pobres-empobrecidos-excluídos. Esta tríade é densamente significativa e, corresponde respectivamente, a um processo degradante no qual Medellín fazia referência a pobres e miseráveis, Puebla falava de empobrecidos como resultado de um processo aspiral de pobreza, Santo Domingo utiliza a expressão "exclusão social, étnica e cultural" para indicar o peso da miséria que pesa sobre os excluídos. Aqui nos encontramos no âmbito da segunda dimensão que deve marcar a identidade da Igreja latino-americana (PRATES, 2007, revista online).

O cristão, que tem como base o cuidado ético, a dimensão comunitária como um mandamento e um legado, vem sofrendo, juntamente com toda a sociedade uma crise de desatenção e de descompromisso social. O empobrecido parece não incomodar mais tanto. A sensibilidade humanística está em crise.

Muitos outros autores e articulistas abordam o tema solidariedade humano-cristã. Desenvolvem a ideia de que faz parte da natureza, da constituição e da necessidade humana, ser solidário. Solidariedade é um valor ontológico. Não dá para separar o homem da sua missão ética de cuidar dos empobrecidos, os deixados de lado pela grande sociedade. Um dos autores que desenvolve em vários livros esta preocupação é Leonardo Boff que insiste acertadamente em escrever sobre esta missão indissociável do ser humano. Dois livros são fundamentais na abordagem de Boff: *“Saber Cuidar...”* e *“Civilização planetária...”*. Neste último, Boff (2003, p. 87) destaca:

Cresce a percepção de que vigoram interdependências entre todos os seres, de que há uma origem e um destino comuns, de que carregamos feridas comuns e alimentamos esperanças e utopias comuns. Somos, pois, solidários em tudo, na vida, na sobrevivência e na morte. (...) A solidariedade emerge aqui como uma categoria ôntica e, ao mesmo tempo, política. Ôntica porque está inscrita, objetivamente, no tecido de todos os seres. Todos os seres-de-relação e por isso interretroconectados e reciprocamente solidários. Esta é a estrutura básica

do universo que gerou as mais diferentes diversidades, especialmente a biodiversidade, como forma de garantir, solidariamente, a subsistência do maior número possível de seres, senão de todos os atualmente existentes. A própria lei da seleção natural de Darwin deve ser entendida no interior dessa lei mais universal da solidariedade de todos com todos. Ao nível humano, em vez de seleção, devemos propor o cuidado, para que todos possam continuar a existir e não sejam marginalizados ou eliminados em nome dos imperativos do interesse de grupos ou de um tipo de cultura que coloca a ambição acima da dignidade.

O homem descobre-se como humano à medida que vai percebendo a necessidade de agir de forma ética e solidária. Não é necessário que o ser humano espere para que a sua natureza, que carrega os genes da solidariedade, o obrigue ao cuidado do outro. É importante que a comunidade humana desperte cedo para a entreatjada e a percepção de que convivem pessoas dentro dela que estão sendo marginalizadas e empobrecidas.

1.1.1 - Crise civilizatória: cultura da indiferença com a situação dos outros

A atual conjuntura aponta para uma crise, entre tantas outras, que o ser humano está vivenciando e que aponta para uma indiferença em relação à situação do outro. Movidos pela atmosfera da alta modernidade em que o indivíduo está no centro e não a comunidade. A felicidade é uma busca isolada para uma recompensa individual. Isso leva a todos e emergirem e afundarem-se num mar de egoísmos e indiferença.

Apesar da crença, dos cultos e da liberdade religiosa, o humano parece se perder em meio aos seus próprios desígnios e desejos terrenos. Onde o material ofusca o espiritual, e a fé e a solidariedade não mais encontra espaços de contemplação e realização humana, a caridade e a bondade se confrontam num jogo de interesses e de bem estar individualizado.

Vive-se em uma sociedade dominada pelo consumismo, e certo declínio da moralidade e da própria ética cristã, os avanços da atualidade, do saber científico e tecnológico agrava a humanidade tornando os homens mais competitivos entre se, o que podemos chamar de crise civilizatória. A esse respeito, Leonardo Boff (2002) coloca que essa crise civilizatória que afeta a humanidade se revela pelo descuido e pela falta de cuidado com que se tratam realidades importantes da vida: a natureza, os milhões e milhões de crianças condenadas a trabalhar como adultos, os aposentados, os idosos e a alimentação básica, a saúde pública, sobretudo o cuidado com o outro. Para se sair dessa crise, precisamos de uma nova ética. Ela

deve nascer de algo essencial no ser humano.

Nas entrevistas feitas com os voluntários da PC em Palmas, apareceu esta preocupação com a indiferença e com a falta de engajamento para a mudança social. Alguns revelaram que um dos problemas da PC é a falta de agentes. Há ainda muita demanda em alguns lugares mais pobres, mas falta voluntários. A Irmã Noemi destaca que “no setor onde moro, atendo à umas 300 crianças e muitas adolescentes grávidas. No entanto, há apenas 10 voluntárias”.

Sobre as bases controversas em que a sociedade atual está alicerçada, que tenta facilitar a vida das pessoas, e que, no entanto, cria distanciamentos e graves fragilidades, Boff (2002, p. 12) questiona:

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura, não descartou as pessoas concretas com as feições de seus rostos, com o desenho de suas mãos, com a irradiação de sua presença, com suas biografias mascaradas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou como obstáculo ao conhecimento, realidades tão necessárias sem as quais ninguém vive e sobrevive com sentido? Na realidade em que avança tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecimento e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?

O questionamento do autor é fundamental para se verificar o rumo que a história está tomando. Embebecidos pelas benesses da tecnologia e da comunicação moderna se esquece de pensar quem está sendo verdadeiramente beneficiado por tudo isso e se isso é sustentável e acessível.

A humanidade está num momento de verdadeira crise em todos os aspectos. Porém, a crise que mais está afetando as populações é o descaso com o humano e a supervalorização da técnica. O ser humano não está contando neste processo de desenvolvimento instaurado especialmente desde a modernidade. Criam-se cada vez mais grupos de excluídos e grupinhos de privilegiados.

A crise de sentido faz o homem perambular por aí sem saber para onde vai, apenas vivendo o momento e sonhando com o imediato. Aí é que a religião pode ajudar. Ela pode ser o movimento de transcendência necessário para um resgate do humano e de sua espiritualidade.

Huston Smith (2001) em seu livro ‘Por que a Religião é Importante?’, relata sobre a necessidade urgente de reabilitar o papel da religião como força humanizadora fundamental para as pessoas e para a sociedade.

O estímulo ao religioso, à prática da solidariedade são estratégias que permitem novas

relações, convivência afetuosa e que venha substituir o desgastante cotidiano onde a repressão se mostra incompetente para dar respostas efetivas. Esse processo se alicerça em ações que possibilitam condições de proteção e promoção do ser humano na sociedade em que vivemos. A solidariedade e a fé cristã criam laços entre as pessoas de convivência mais próxima, em vista do conhecimento mútuo e da superação tanto do individualismo como das dificuldades pessoais.

Os seres humanos organizam-se em sociedade para fazer frente, juntos, às necessidades da vida e na cooperação solidária podem aumentar as possibilidades de potencialidades, não apenas no campo material, mas também no nível intelectual, afetivo e espiritual. Ser fraterno é uma obrigação para quem quer criar uma sociedade sustentável em todos os aspectos, especialmente no social.

A solidariedade quer promover uma nova cultura política para a construção de uma economia que atenda às necessidades dos cidadãos em todos os níveis e respeite as exigências de conservação da natureza política. A ação contra a exclusão está intimamente associada ao objetivo de recriar e recompor laços sociais, laços de humanidade. É, portanto, um caminho de contracultura em relação à cultura do enriquecimento com exploração, da acumulação que provoca a carência de muitas pessoas e do consumismo egoísta e materialista que coloca em risco a vida na Terra. A solidariedade aumenta nossa sensibilidade aos aspectos específicos da dor e da humilhação de outros seres humanos. Alarga o sentido tipicamente social da vida humana e ensina a privilegiar o “nós” em lugar do “eu”, ensina a ver em pessoas estranhas, companheiros de sofrimento e esperança. (CONIC, Texto Base – CF 2010, p. 56).

A ideia da solidariedade é habitualmente inserida no chamamento ético e cultural ao amor e à fraternidade humana, ou faz referência à ajuda mútua para encarar problemas compartilhados, à benevolência ou generosidade para com os pobres e carentes de ajuda, à participação em comunidades integradas por vínculos de amizade e reciprocidade. Esse chamado à solidariedade, arraigado na natureza humana, portanto conatural ao homem, qualquer seja condição e seu modo de pensar, tem encontrado suas expressões mais elevadas nas procuras espirituais e religiosas, sendo na mensagem cristã do amor, onde a solidariedade é levada a sua mais alta e sublime valoração.

O salmo 103,7-8 traduz a importância da misericórdia: “O Senhor é rico em misericórdia, não está sempre acusando nem guarda rancor para sempre; como um pai sente compaixão pelos filhos e filhas porque Ele conhece nossa natureza e se lembra de que somos pó; a misericórdia do Senhor é desde sempre para sempre”.

No julgamento final, segundo as escrituras sagradas, quando tudo será decidido, pelo mínimo de misericórdia e compaixão que tivermos tido com os famintos, os sedentos, os nus e

os encarcerados (Mt 25), é que se verá a importância da partilha, da solidariedade. Esta compreensão cristã destaca o elemento ético fundamental do movimento, que só nasceu a partir desta eterna demanda social que é a construção do homem na relação com os seus convivas.

Essas ressonâncias, entre outras, são o que Leonardo Boff (2002) chama de “o eco do cuidado essencial com o próximo”. É o amor, a justa medida, a ternura, a carícia, a cordialidade, a convivialidade e a compaixão que garantem a humanidade aos seres humanos. Através desses modos de ser, os humanos continuamente realizam sua autoconstrução histórica. Constroem a Terra e preservam suas culturas, seus valores, seus sonhos e suas tradições espirituais.

1.1.2 - Solidariedade com os empobrecidos na Bíblia

Os textos bíblicos nos dão muitas informações para a compreensão da realidade e em todos os aspectos da vida do povo que convivia na época do nascimento do cristianismo. Porém, uma pergunta pode ser feita: será que na Bíblia aparecem relatos e informações acerca do cuidado com as pessoas empobrecidas ou elas estavam entregues ao ‘Deus dará’? Neste sentido Ivoni e Haroldo Reimer asseguram quem é possível encontrar muitas informações que fazem ver que havia a preocupação das comunidades escritoras sobre situações, leis ou projetos de amparo aos desvalidos sociais que, diga-se de passagem, derramavam o sangue para sobreviver. O clã e a tribo são citados pelos autores do artigo “Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica”, como um ponto de apoio fundamental para as pessoas que estavam à margem da sociedade em todos os aspectos, a começar pelo econômico. Neste sentido eles destacam que

O empobrecimento de uma família, pelas razões acima referidas, podia ser socorrido por meio de ações de solidariedade intraclânicas (resgate, levirato, etc.) ou ser solucionado por meio de empréstimos junto a parentes hebreus mais abastados (REIMER, 2010, p. 186).

Segundo Ivoni e Haroldo Reimer, a Bíblia não somente apresenta a realidade da pobreza e de outras mazelas humanas da época, mas também aponta para a superação e a solidariedade. Um exemplo apontado no texto é um trecho do Am 5,24, quando diz “Deus não quer sacrifícios, mas quer que o direito das pessoas empobrecidas corra como as águas e que a justiça transborde como um rio”. Ou como no texto dos Atos dos Apóstolos no seu capítulo 4, versos 34, conclamando as comunidades dizendo: “repartir conforme a necessidade e para que não haja mais pessoas necessitadas”. E assim se segue. Os textos sagrados, tanto do novo

quanto do antigo Testamento, estão recheados de propostas de mudança da realidade em que se encontrava a maioria do povo da época. Hoje, não é muito diferente. Logo, estes textos podem despertar o povo para a mudança social na atualidade e não serem lidos de maneira fria, crua e fundamentalista sem aplicação nem sentido.

1.1.3 - Cristo e os empobrecidos de sua época

Muitas são as narrativas dos Evangelhos sobre a postura de Jesus frente aos mais necessitados. Alguns aspectos de sua ação merecem ser considerados para uma análise e para tê-los como referência. O cristão que não se espelha nas ações de Jesus, guardando as diferenças contextuais, não poderia ser chamado nem de cristão. Ter fé é muito mais do que apenas aceitar Jesus como Salvador ou apenas erguer as mãos e louvá-lo. Como o Evangelho narra: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7,20-21). A coerência e a atitude são fundamentais para quem quer ser chamado de seguidor de Jesus.

Aqui vai uma pequena análise de apenas duas situações que apontam Jesus como defensor da causa dos marginalizados, entre outras tantas. A primeira é uma parábola e a segunda é uma história que coloca Jesus frente a uma situação de necessidade do povo.

A parábola do Bom Samaritano, que está no Evangelho de Lucas, cap. 10, vers. 30-37, é uma história atribuída a Jesus que sintetiza a postura que alguém deve ter frente a seu próximo necessitado. Passou o Sacerdote e o Levita e não fizeram nada à vítima do episódio. Porém, passou um estrangeiro, samaritano e cuidou com presteza do ser humano em questão, que ele nem conhecia, mas que estava precisando. Esta parábola é contada para ensinar, entre outras coisas, a necessidade de ter atitude coerente e solidária para com os que estão em situação de desfavorabilidade. Outra coisa apontada aí é a denúncia implícita de Jesus aos que conhecem, estudaram, tem maiores recursos para ação, mas não fazem nada, como foi o caso do levita e do sacerdote.

Outra passagem interessante é a cena da ‘multiplicação dos pães’ (Mt 14,15-20) em que Jesus e alguns Discípulos se defrontam com uma população faminta após acompanhá-los por um longo tempo para ouvi-los. Os Discípulos já estavam querendo dispensar a multidão para que fosse às aldeias procurar o que comer, mas Jesus diz: “Não é mister que vão; dá-lhes vós de comer (Mt 14,17)”. Ele desafia os seus a fazerem algo pelo povo. Não os deixa empurrarem o problema para outros. E um segredo que ele ainda os ensina é que a partilha e a

generosidade são milagrosos solucionadores de problemas sociais.

A solidariedade faz da humanidade uma família onde todos se protegem mutuamente. Assim problemas que pareciam insolúveis podem ter soluções surpreendentes. A partilha faz milagres. É o que Jesus nos sugere no texto que narra como cinco mil homens mais as mulheres e crianças foram alimentados com cinco pães e dois peixes. (Mc 6,30-44). Os milagres de Jesus têm uma função pedagógica: eles nos convidam a fazer como ele fez, mesmo através de meios bem naturais. Se soubermos partilhar, certamente vai haver pão, casa, cura, saúde, educação e participação para muito mais gente. A pregação de Jesus sobre o juízo final mostra bem que Deus quer ser amado e servido nos pobres: “tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; eu era estrangeiro, e me acolhestes; estava nu, e vestistes-me; doente, e me visitastes; na prisão, e viestes a mim...” (Mt 25,31-40). (CONIC, Texto Base – CF 2010, p. 55).

Repartir o que se tem, por mais que seja pouco, com alguém que esteja em situação de exclusão ou marginalidade, é provocar o milagre da sobrevivência. Solidariedade nada mais é do que partilhar. A partilha não é necessariamente somente do pão material, mas também dele. Partilhar o tempo, a palavra, o conhecimento e o afeto, coloca o homem num nível de humanidade muito superior aqueles que detêm para si as maravilhas deste mundo.

O partir o pão com uma pessoa amiga faz brotar o desejo de repetir o mesmo gesto com muitas outras pessoas, belas na sua diversidade, interessantes na sua novidade, fascinantes no seu modo “transgressivo” de comportar-se diante da nossa cultura. É justamente a diferença ou, não raro, a situação conflitante um estímulo para a abertura de novos horizontes. Ambas são, portanto, fecundas para o espírito, de acordo com a intuição segundo a qual Deus coloca suas sementes em todo ser humano: quanto mais me aproximo dos outros e os amo, tanto mais me aproximo da Beleza e da Verdade Absoluta. (SALVOLDI, 1997, p. 8).

Uma boa experiência de solidariedade leva os envolvidos a sentirem de forma incontestável a novidade que Jesus Cristo veio trazer para a humanidade. Ele não veio para outra coisa a não ser o de resgatar a fraternidade entre as pessoas. É só observarmos nas narrativas dos Evangelhos. Ele provocava a todos para iniciarem-se na prática da compaixão. E, todo aquele que pratica a solidariedade, fica transformado e quer novas experiências. Ela dá sentido à vida humana. Tornar-se humano, em outras palavras, é desenvolver-se na arte de conviver, confraternizar e solidarizar-se especialmente com os mais necessitados.

O Padre Paulo, entrevistado na pesquisa de campo deste trabalho, destaca algo que é primordial na vida do cristão e da Igreja. Seguir Jesus Cristo é abraçar a sua causa. É, na fala dele, “ajudar a que todos tenham vida em abundância. Essa é a missão primordial da Igreja, fazer Cristo se reconhecido em todos os cantos, por todas as pessoas”. Algumas pessoas e alguns grupos dentro da Igreja também entenderam assim a proposta de Cristo. Na América Latina e alguns outros lugares, a igreja começou a algum tempo uma reflexão e uma ação

diferenciada, crítica e engajada.

1.1.4 - A Igreja Latino-americana e a opção preferencial pelos empobrecidos

Na América latina, especialmente na década de 70, cresceu a convicção de que a Igreja deveria ser mais objetiva na concepção e na prática cristã do mandamento do ‘amor ao próximo’ deixado por Jesus Cristo. A teologia da libertação traz para a Igreja uma nova compreensão, ou melhor, uma compreensão mais ampla e autêntica sobre o papel da Igreja junto à sociedade.

Esta preferência ficou clara nas ‘Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano’ de 1979, em Puebla de Los Angeles, México.

Opção” quer dizer decisão, tomada de partido. Entre opressores e oprimidos (no caso latino-americano), a Igreja toma o partido dos últimos. Trata-se de uma decisão política (pois os pobres são fruto de uma estrutura sociopolítica opressora), ética (é um imperativo moral) e evangélica (pois essa foi a opção de Jesus). A opção pelos pobres implica uma mudança de lugar social. O lugar social condiciona o nosso discernimento: sensibilidade para perceber, leitura da realidade, decisão. Se estamos, por exemplo, no lugar social do poder do privilégio, então a nossa leitura da realidade dificilmente se fará fora da perspectiva funcionalista. Iremos sem dúvida, privilegiar determinados valores como ordem harmonia, tranquilidade. Nossa ação provavelmente se desenvolverá numa linha assistencialista. A própria leitura das Escrituras privilegiará os temas, os textos e os contextos, que justificam a visão funcionalista da Igreja e do mundo. No caso da Igreja, por exemplo, correremos o perigo de conceber a sua unidade de modo meramente vertical, isto é, uma unidade restrita ao dogma, à moral, à obediência aos legítimos pastores; uma unidade para cima e não para os lados também, isto é, unidade que implica comunhão de bens, questionamento da escandalosa presença de opressores e oprimidos na celebração da mesma eucaristia. (DOCUMENTO DE PUEBLA, 1979, p. 42).

Esta conferência marcou de forma definitiva a história da Igreja, não só a Católica, como também outras que começaram a repensar seu papel e jeito a partir da teologia da libertação, especialmente na América latina, mas não só. Todo o conjunto das Igrejas integradas da época e outras posteriores viram aí a dimensão profética de uma igreja autenticamente engajada com a causa do Cristo histórico e divino.

A ousadia eclesial latino-americana merece ser destacada e resgatada a todo o tempo, pois se sabe que outros movimentos eclesiais que tendem a ver a Igreja como um lugar e uma comunidade de relacionamento com o divino sem conexão com o social e político. Tanto na Igreja Católica como em outras Igrejas, há esta tensão entre estas duas correntes eclesiais. Atualmente, o predomínio é de uma postura mais dissociada do político. Há uma tendência

para uma vivência religiosa descomprometida com as transformações sociais.

A solidariedade com os empobrecidos recuperada em Puebla a perda de sua força pela postura da Igreja Oficial que não compreendeu esta proposta latino-americana e por ascensões de movimentos religiosos norte-americanos que propõem uma religiosidade intimista, liberal e individualista que casou com as tendências pós-modernas que possuem características mais focadas na busca da felicidade individual entre outras características que ajudam a impulsionar o descompromisso e a alienação.

Na verdade o Movimento Carismático é mais antigo, e não começou nos EUA, e sim ainda na Europa com Dennis Bennett, um sacerdote episcopal, em 1960. Seu livro *Nine O'Clock in the Morning* dá um relato pessoal deste período. Este movimento espiritualista, de reavivamento da fé, não traz uma proposta nova, nem uma resposta profunda ao anseios humanos primordiais. Ele apenas responde à questões individuais e egoístas. Acaba cristalizando uma postura de indiferença e descompromisso com o social. Da mesma forma os neo-carismáticos Americanos que resgatam proposta de cunho nada social, na Convenção Batista de 1960. Na lógica deste trabalho, isso tudo poderia ser chamado de *castração cristã*, pois tira do movimento aquilo que lhe é mais peculiar, ou seja, a sua dimensão ética, o engajamento social, a construção de comunidades de partilha.

1.1.5 - Será que esse legado foi abraçado pelos ditos seguidores do Jesus de Nazaré?

Na solidariedade, reconhece-se uma razão para unir os nossos esforços aos dos homens de boa vontade e desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno. Com seu amor preferencial, a solidariedade e a fé cristã são uma um chamado à esperança, rumo a metas mais religiosas e mais humanas. Manter vivo este chamado é abrir novos horizontes à esperança.

Porém, é notável uma pouca ação social que instituições cristãs realizam entre os pobres. Existe uma incoerência muito grande entre o que pregam e acreditam as pessoas e as instituições cristãs e as suas ações efetivas. Muito pouco se faz para diminuir a pobreza no meio da humanidade.

O legado de Cristo não ressoa com muita efervescência no meio dos cristãos de hoje. Falta muito para acontecer a utopia cristã, que deve ser princípio de concretização nas obras de Jesus. Algumas pessoas parecem não ter compreendido muito bem a sua missão cristã aqui na terra. Parecem achar que a oração feita a Cristo é suficiente para que a realidade mude, ou seja, não se quer continuar fazendo o que Ele fez, mas quer-se que Ele continue fazendo pelo

povo sozinho o que poderia ser feito junto. Isto, evidentemente, é uma afirmação a partir de uma suposição de fé cristã. Apenas está se questionando a incoerência entre a postura e a crença.

Torna-se necessário realizar um esforço consciente para superar as resistências que opõem muitos dos mais comprometidos com essas experiências a considerá-las como não puramente conjunturais ou de emergência, mas como um modo permanente do fazer cristão.

Um dos maiores desafios atuais é a necessidade e o modo de como cuidar do outro, principalmente na urgência de políticas consolidada e orientada pela ética, sobretudo pela ética cristã se consideramos os milhões de pobres, oprimidos e excluídos da sociedade. Nada pode ser mais degradante ao ser humano do que o desprezo para com os próprios semelhantes. É preciso repensar, reelaborar e agir por meio de políticas públicas, de tradições humanísticas, das religiões e igrejas cristãs a transformação da sociedade. Ao contrário crescerá mais ainda a ideia de que as estratégias meramente assistencialista e paternalista nunca resolveram e jamais resolverão o problema dos pobres e dos excluídos na nossa sociedade.

Porém, cuidar do outro, ser solidário, amar ao próximo, esse legado não passam para as futuras gerações sem uma educação e uma constante releitura disso para o contexto em que se vive. O legado de Jesus só será mantido e revivido se a cultura for encharcada dessas suas preocupações. As crianças e os adultos (cristãos ou não) que querem comunidades de partilha e vivência de solidariedade podem ajudar a construir novas relações inspiradas nas ações de Cristo. O projeto de Jesus Cristo não foi destinado a um grupo específico para continuar fechado neste círculo. Foi para todos. Paulo de Tarso (Atos 15:19-21) compreendeu bem esta dimensão quando propõe a Pedro a não restrição nos ritos de iniciação.

Então, uma educação cristã verdadeira vai conduzir necessariamente os educandos a construir relações de solidariedade motivadas pelo exemplo de seu Mestre fundador. Não se pode esperar dos novos ou velhos cristãos a solidariedade se não houver um processo de educação que conduza a uma reflexão e à construção de projetos sociais transformadores. A cidadania pode ser construída também com motivação cristã num processo de educação integral e libertadora.

1.2 - Educação cristã para a solidariedade: ajudar os outros não é natural, é cultural

Educar para a solidariedade parece ser o caminho para manter o legado de Cristo vivo e atualizado. A integração entre educação e a religião é um caminho interessante para o

amadurecimento da cidadania e à condução de uma consciência e prática comunitária efetiva.

A educação aqui é entendida como um processo que nasce (ou deveria nascer) na comunidade para o bem dela própria. É uma concepção que resgata a integralidade e autenticidade do processo educativo, pois educação não é apenas transmissão, não é apenas ensino, não se trata de uma estrada de mão única e nem funciona como o um correio, que tem um emissor e um receptor. A religião é apresentada aqui como um processo em contínua construção e que envolve ao mesmo tempo todo um conjunto de elementos, fatores, estruturas que compõem a vida de uma comunidade organizada. Ela só acontecerá se o diálogo – educação, religião e comunidade – for constante e efetivo. Em outras palavras, a comunidade educa e a religião constrói comunhão.

A experiência que se tem no campo da educação, especialmente escolar, é em grande parte reprodutora de um sistema que conduz a uma vida individualista e competitiva. Poucas ações e projetos voltados à ideia de comunhão aparecem no cenário mundial. Talvez pela dificuldade que se tenha em implementar tais ações, pois o processo é mais demorado e não se é possível observar de imediato os resultados esperados. A cultura vigente é imediatista e, desse modo, quando um projeto é empregado, as expectativas acabam superando os resultados reais em curto prazo. Lamentavelmente, a própria mentalidade dos trabalhadores em educação ou outros envolvidos nas políticas educacionais, macro e micro, está contaminada por concepções mercadológicas, produtivistas e reprodutivistas.

No campo da Religião, o que se vê em quase todas as instituições e mesmo na individualidade, é uma busca do transcendente de forma alienada e intimista. Há poucos exemplos no cenário religioso que podem ser usados como referencial de construção de comunidades ativas e integradas. Apesar da religião conceitualmente ser o processo de religação do homem com seus elementos importantes, incluindo o transcendente, há mais divisão e desconexão do que vivência comunitária madura e comprometida. Um resgate de ideias e projetos iluminadores nesta área se faz necessário.

Religião, para o escritor cristão Lactâncio (330 d.C.), é um processo de religação com o transcendente, mas que só se completa na religação com o imanente. O ser humano que busca o transcendente como um movimento natural, só percebe e concretiza esta experiência conectando-se com o seu semelhante. A religião se processa inicialmente no interior e na individualidade de cada um, mas cresce e amadurece na expressão cultural e comunitária. Se este movimento de religação não transbordar na comunhão, ela adoece e empobrece o humano, pois o fecha na intimidade e o aliena numa busca descontextualizada do transcendente. A busca ou religação com o transcendente não pode afastar o homem de seu

semelhante, de sua comunidade ou de seu mundo.

Um bom símbolo para expressar esta dupla religação é o desenho da cruz. Ela tem duas hastes cruzadas. Uma vertical e outra horizontal. Esse desenho ajuda para que observemos no visual este fenômeno humano da religião ou da religação. A haste horizontal orienta o primeiro movimento de conexão que o homem faz desde a sua inserção numa família ou num grupo, onde ainda não há percepção do transcendente abstrato. Esta ligação vai se ampliando e se complexificando de acordo com os ambientes, a cultura, as novas descobertas que o indivíduo faz e as necessidades que se percebe nascer no contato com os outros e com o mundo. A haste vertical se direciona para o alto. Ela expressa visualmente a busca do transcendente. A ligação com o além-mundo. O ser humano, que se sente fragilizado e necessitado de forças e luzes sobrenaturais, volta seu olhar para o alto e religa-se ao mundo transcendental. Este mundo, que no início da vida humana é expresso de forma muito simples e mágica, ganha ar de abstração no desenvolvimento cultural e na maturidade intelectual.

Muitas vezes as expressões religiosas não se dão necessariamente no sobrenatural. Elas podem ser expressas nas buscas humanas de felicidade e realização. O sonho e os projetos são uma boa expressão da religação com o que está além. O homem lança para si mesmo uma ideia de vida perfeita e busca alcançá-la com todo o seu empenho e suas forças, conectado com sua realidade que lhe auxilia e limita o seu alcance. Este movimento pode ser chamado de religioso também, independente de o indivíduo acreditar ou não em uma divindade.

1.2.1 – Educação como o ato de amamentar, conduzir a um aprendizado ou a uma ação

A Educação também é um processo de relação e interação. Ela não acontece em isolamentos e nem como um mérito pessoal, individual. É sempre um processo comunitário. A origem da palavra já remete a uma construção coletiva.

A palavra educação possui conceitos diversos e diferentes. Para chegarmos aos conceitos é importante que partamos da etimologia da palavra. Assim, podemos dizer que a palavra ‘educação’ tem origem em termos latinos, tais como os verbos ‘educare’ e ‘educere’. Este último vem da ‘ex-ducere’, que significa, literalmente, conduzir (à fora) para fora; o primeiro vem de ‘educare’ que significa amamentar, criar, alimentar, por isso mesmo se aproxima do vocábulo latino ‘cuore’ (coração). Daí, a palavra ‘caridade’: oferecer algo que vem do coração. É possível, então, chegar a duas expressões práticas da ação de ‘educar’: de um lado, a ideia de conduzir, impondo uma direção, o que se aproxima de ‘ensino’ – introjetar a sina, o destino de alguém; do outro lado, a ideia de oferta, dádiva que alimenta, possibilitando o crescimento (SAMPAIO, 2002, p. 165-166).

Em ambos os casos, o significado da palavra educação remete ao encontro. Como *educare*, que designa o ato de amamentar, alimentar, expressa um dos encontros mais íntimos que um ser humano possa ter: a mãe e o filho numa relação de interdependência total. A educação aponta para uma relação vital. Só ocorre na partilha e na doação. No caso do termo *educere*, que evoca a condução, da mesma forma está revelando uma ligação necessária para o crescimento humano. O ato de conduzir requer o condutor e o conduzido. Não é necessariamente uma relação de passividade do conduzido, porque nem sempre está bem claro quem está sendo conduzido, pois ambos são puxados pela mão. Mesmo a criança que aparentemente é conduzida pelos pais, ela também direciona a vida deles modificando os passos e os projetos. A relação sempre é compartilhada.

Neste sentido, uma das entrevistadas da pesquisa de campo, a Irmã Noemi, coloca com todas as letras este sentimento e este sentido de mãe amamentando e conduzindo a criança para que tenha mais vida. Perguntada sobre como se sentia trabalhando na Pastoral da Criança? Ela abre o seu coração e diz: “Eu me sinto bem, muito bem... Dá uma sensação de mãe [risos], porque é maternidade é ajudar, porque a gente como religiosa tem esse sentimento, essa coisa de ver as crianças, de orientar as mães.” Educação é isso.

Pode-se dizer que a educação está dentro do processo de religação humana. Ela religa e orienta religações de outra ordem. Toda a religação acontece dentro de um amadurecimento cultural. O processo de inculturação e de amadurecimento cultural se dá pela educação formal e informal. Desde os primeiros momentos de vida, em que os pais compartilham o alimento, o afeto e a cultura com seus filhos (as), estão favorecendo as conexões necessárias para uma vida autônoma e interdependente. Novas ligações serão promovidas e algumas reconexões serão buscadas no decorrer dos tempos e das experiências humanas. O processo educativo não para, não termina. O ser humano é um projeto inacabado, um ser em construção.

1.2.2 – Educação, religiosidade e intervenção social

A educação, distante de uma compreensão reducionista, é um processo tão envolvente que mexe com todos os pontos da vida comunitária. Todas as dimensões sociais, econômica, política, cultural, religiosa e profissional fazem parte de forma integral e integrada do processo construtivo de educação. Se o processo educativo for visto apenas sob um aspecto, ou como uma construção individual, torna-se reducionista e incompleto, ou seja, não acontece.

O “educador mor” Paulo Freire (1996, p. 110-111), em seus escritos sobre a educação, discorre sobre o poder que ela tem de intervir no mundo, tanto para manter quanto para mudar

estruturas e ideologias dominantes.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante.

Sabidamente, Paulo Freire, destaca o poder de intervenção social da educação, não esquecendo que o ato de educar pode servir tanto para sustentar como para destruir ideologias. Como a sociedade é diversa, com grupos de interesses opostos, a educação é um bom instrumento para ajudar ou prejudicar grupos interessados em estabelecerem-se no poder. Porém, por mais que se busque o respeito à diversidade, existem processos educacionais que conduzem a humanidade a um declínio civilizatório, por não construírem cidadania autônoma e planetária e, sim cooperarem para a instalação de dependências populares e imposições de ideologias questionáveis.

Uma pedagogia que conduza à autonomia dos cidadãos e ao pensamento comunitário é perceptivelmente mais saudável para a vida da coletividade e para a sustentabilidade humana na terra. Ela os educa cidadãos para a responsabilidade e o compromisso, não só consigo mesmo, desintegrado do conjunto, mas com a humanidade numa concepção/ação inclusiva e integradora.

Alguns pensadores destoam da cultura educacional vigente, são pedagogos, filósofos, sociólogos e antropólogos que apresentam ideias revolucionárias no campo da educação e da religião. Não preocupados com respostas imediatas, investem sua pesquisa e reflexão objetivando resgatar a dimensão comunitária da humanidade que parece estar definhando rumo a um individualismo tão necessário a um sistema capitalista neoliberal que se implantou no ocidente e conquista também o oriente.

A religião, que também pode ser vista como instituição, também pode ser interventora e transformadora. Dependendo do perfil do qual ela se reveste, pode ajudar a construir caminhos novos e inclusivos para a sociedade, como pode ser uma legitimadora do sistema, sacralizando as estruturas de um poder opressor. O cristianismo, por exemplo, tem como característica a crença num Deus que se põe ao lado dos fracos. Porém, por muito tempo foi interpretado como legitimador da desigualdade e determinador de talentos e categorias de pessoas superiores e inferiores. Ainda hoje isso aparece em muitos discursos de cristãos que o

compreendem como o Deus da elite, dos iluminados.

Os profetas de hoje e de outrora são exatamente as figuras que percebiam tanto a realidade que os circundava como seus problemas, e qual era o papel da religião na transformação deste cenário. Muitos utilizavam das próprias armas religiosas para justificarem a situação e legitimarem-na, assim como se faz e se fazia com a educação, que pode acabar sendo um instrumento de reprodução do sistema. Os que “manipulam os símbolos sagrados”, como diz Rubem Alves, são determinantes na relação religião e realidade. Os que agem na educação e controlam os métodos e os conteúdos da educação formal também podem ajudar a propiciar transformação ou continuidade.

1.2.3 – Educação e religião para projetos solidários

Há pequenos projetos implantados com uma concepção comunitária que merecem ser valorizados e impulsionados. São poucos, perto do que se é preciso para uma transformação efetiva da sociedade, mas são sementes para um futuro diferente. Estes projetos se encontram especialmente em comunidades pequenas, de bairros, de assentamentos, e de cooperativas. Nestes ambientes pode se perceber processos educacionais que conduzem os cidadãos a um pensamento e ação inclusivos e libertários. Um projeto interessante nesta linha de pensamento, que é fruto de uma educação para a comunidade é o da “economia solidária” que já vem se instalando em pequenas comunidades e colhendo seus primeiros frutos. Ela é consequência de um modelo inclusivo de educação e ao mesmo tempo ela é causa para uma mudança no modelo de pensamento e educação, especialmente no Brasil onde ela está presente há alguns anos.

Há projetos dentro de instituições tradicionais que são também inclusivos e libertadores. Em geral, estão inseridos num ambiente não muito favorável, pois todo o resto da instituição trabalha em outra linha, ou seja, numa linha de educação conservadora, limitadora e excludente. Esses projetos nascem de sonhos e concepções diferentes que tentam resgatar um jeito mais coletivo de educação. Nem sempre tem resultados visíveis, pois são gotas num oceano de conservadorismo. No entanto, sobrevivem por ser o que se tem de mais nobre em educação, pois educação só faz sentido se contribuir para libertação e inclusão humana. Caso contrário, estar-se-á contribuindo para a desestruturação e a exclusão social. Não parece ser esse o desejo de todos. Na teoria todos querem construção, mas na prática executamos a reprodução.

Instituições religiosas que são o espaço para a expressão das buscas mais profundas da

humanidade nem sempre despertam para a transformação. Muitas vezes não passam de ambientes fechados e reducionistas nos quais se prendem sonhos e isolam indivíduos numa proposta de relação intimista e alienante com o transcendente e com a comunidade.

Porém, isso não é regra geral. Há muitos que lutaram e lutam por transformações dentro e fora das instituições e que merecem ser usadas como referencial para uma vida comunitária no mundo da educação e da religião. Personagens da história são ícones exemplares para quem quiser ver a experiência de transformação no processo educativo e religioso. Martin Luter King (na luta contra o apartheid), Mahatma Gandhi (na libertação da Índia), Dom Oscar Romero (na luta por justiça e democracia em El Salvador), Madre Tereza de Calcutá (na dedicação com os doentes pobres da Índia), Zilda Arns (na Pastoral da Criança), dentre outros tantos, são provas suficientes para quem não consegue ver a Religião e na educação como lugares revolucionário e simbólico para a mudança social.

Todos estes apontados acima não se atrelaram a situação opressora vigente e lutaram pela libertação de seu povo. O Deus que eles concebiam não era o da exclusão, nem o da intimidação ou do medo, mas o Deus dos oprimidos. Aquele que quer a libertação, a justiça e a igualdade de seu povo. Como diz Rubem Alves (2008, p. 110-111), destacando o papel dos que morreram pelo povo e que eram líderes religiosos:

Mas os mártires têm aparecido: Gandhi, Martin Luther King, Oscar Romero e muitos outros. Líderes religiosos são intimidados, perseguidos, ameaçados, expulsos, presos... Isto não aconteceria se fossem aliados do poder. Testemunhos da significação política da religião profética: expressão das dores e das esperanças dos que não têm poder. Ópio do povo? Pode ser, mas não aqui. Em meio a mártires e profetas, Deus é o protesto e o poder dos oprimidos.

As Instituições religiosas e educacionais precisam ser cada vez mais espaço de construção e luta por mudança social. São lugares privilegiados onde o comunitário se exprime com todos os seus elementos. São espaços onde a vida humana comunga não só com o transcendente e as ideias, mas com o outro. Elas proporcionam o encontro físico e espiritual. Não podem jamais serem a expressão do individualismo e da alienação.

A Pastoral da Criança que é a ação de solidariedade estudada nesta pesquisa, é um exemplo do que pode surgir quando instituições começam a colocar os pés no chão, começam a olhar de forma mais ampla e mais atenta. Ou quando começam a trabalhar com seus acadêmicos ou fiéis uma formação mais crítica.

Além do pensamento voltado para comunidade dos humanos, a educação e a religião devem conduzir a uma ampliação do leque de relações humanas, a uma visão mais planetária,

onde se incluem outros seres e elementos importantes deste universo em que todos estão inseridos. Chamamos a isso de consciência ecológica, onde se percebe a relação existente entre todos os seres e elementos presentes no “oikos”, ou seja, na casa de todos.

Contribuí muito nesta reflexão, o escritor Leonardo Boff (2008, p.21-22), ao tratar, em seus estudos cosmológicos, da ideia de que cada ser constitui um elo de uma imensa cadeia cósmica. A humanidade é, segundo ele, uma comunidade só. Isso inclui todos os seres do planeta.

Ao afirmar a interdependência entre todos os seres, a ecologia funcionaliza todas as hierarquias e nega o ‘direito’ do mais forte. Todos os seres, por mais microscópicos que sejam, possuem sua relativa autonomia e contam com ela. Nada é supérfluo ou marginal. Tem futuro não simplesmente o maior e o mais forte, mas o que tiver mais capacidade de relação e disponibilidade de adaptação. Por não terem essa capacidade, os maiores seres da criação, os dinossauros, desapareceram da face da Terra. Cada ser constitui um elo de uma imensa cadeia cósmica. Numa perspectiva da fé, as coisas já existem antes da grande explosão ou inflamação, há cerca de 15 bilhões de anos; nós estávamos no coração de Deus. De lá viemos e para lá retornaremos.

Assim, conduzir a uma compreensão planetária da vida é tarefa de educadores de profundo conhecimento, sensibilidade e de compromissos que vão além de uma mera e inadequada transmissão de ideias. Ser educador hoje é promover o olhar do educando para o encontro com o meio e com a diversidade. São raros os educadores que percebem a educação como um espaço de relações, construções e conflitos salutares que levam todos a compreenderem a totalidade e a interdependência dos seres. Isso se sucede desde os primeiros momentos em que se desenvolvem as relações educativas, que podem ocorrer em casa, na sala de aula, ou em outro espaço em que também se promova a produção de conhecimento, inclusive no convívio social e na relação com o ambiente circundante.

Olhar não só a humanidade, mas o universo, sob o enfoque da interdependência de todos os elementos, requer uma compreensão das relações sociais, ecológicas e espirituais na complexidade e na diversidade de tudo. Esta compreensão não ocorre no ser humano num movimento espontâneo e nem de forma imediata e descontínua. É um processo que exige tempo, contexto, desprendimento e disposição interna para esta nova mentalidade. Para a construção desta postura cidadã comunitária, exige-se dos educadores e educandos, mudança de paradigmas trazidos das relações com outras posturas viciadas e reducionistas. A mudança é gradativa, dolorosa e permanente. Os envolvidos nesta batalha educacional precisam estar dispostos a sair de sua zona de conforto, do seu meio individual e se lançar na zona de risco onde nada é pré-estabelecido, a não ser o respeito à diversidade e à construção de ambientes comunitários crescentes.

Num ambiente educacional onde se quer compreensões ampliadas, a tolerância ou, como dizia Tomás de Aquino (1225-1274 d.C), a paciência com aquilo que parece desagradável, deve ser exercida com persistência, combatendo os movimentos espontâneos de repulsa e discriminação a ideias e situações diferentes do modo de compreensão vigente.

Educar para a vida em comunidade exige o respeito à diversidade e a aceitação dos conflitos não só ideológicos, mas de todos os aspectos dinâmicos e dialéticos em que a humanidade está inserida.

O respeito à diversidade é um dos pontos centrais quando se trata da educação para a vida em comunidade. Nada pode ser imposto como um saber universal inviolável. Todos os conhecimentos, tanto científicos como populares, devem estar abertos à discussão, ao contraditório. Para se viver em comunidade, exige-se, dos seus integrantes, abertura para o diálogo, para o diferente e para as oposições. Se não houver esta flexibilidade e relativização nos processos de produção de conhecimentos, poder-se-á criar comunidades sectárias e etnocêntricas.

Na diversidade, especialmente religiosa, o papel da educação formal e informal se torna crucial. Não se respeita a diversidade de forma natural e espontânea. Respeitar a religião do outro é uma questão cultural, ou seja, uma questão de educação. Educar para o respeito à diversidade talvez seja hoje o grande mote da educação atual. A diversidade está mais perceptível. Na maioria dos países, os cidadãos são livres para expressarem a sua religião e acreditarem ou não nas verdades religiosas. Logo, é mister investir na educação para o respeito às opções religiosas dos outros.

A Religião, na natureza da palavra, é sinônima de comunhão e comunidade. E a educação, se não for para a vida comunitária, presta um desserviço à humanidade, pois dificulta ainda mais a resolução dos problemas sociais que só se resolvem com uma mentalidade social. A educação religiosa oferecida pela família, pela sociedade, escola e/ou igreja contribui muito para uma melhor compreensão da sociedade e da própria missão de cada um dentro dos espaços/locais e da universalidade humana.

No campo da educação, esta reflexão não seria tão rica se Paulo Freire (1987, p.39) não fosse novamente citado. Em sua outra importantíssima obra pedagógico-filosófica chamada ‘Pedagogia do Oprimido’ diz:

Desta maneira, o educado já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessitam de estar *sendo* com as liberdades e não contra elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a se mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Aqui está o que poderia se chamar de síntese magistral do que é o processo de educação entendido como construção comunitária. O grande autor, nesta obra, além de fazer uma crítica ao modelo tradicional, que ele chama de ‘bancário’ onde o educando não passa de um mero receptor de conhecimentos reproduzidos, aponta decisivamente para um modelo de educação não contrário, mas muito mais amplo.

Por mais que a Pastoral da Criança não tenha este caráter libertador, a metodologia de seu trabalho tem como princípio a educação popular, pois engaja a comunidade para a resolução de seus problemas. Apesar de ser desconexa em alguns momentos e ser um projeto de iniciativa de uma elite intelectual, ela foi absorvida e efetivada pelo povo. Como não tem uma metodologia complexa e nem há tanta teoria fundamentando a ação, ela caiu nas graças da população e, talvez, nem mesmo os seus fundadores pensaram na dimensão que ele projeto iria tomar. Poderia-se até ousar dizer que acabou virando um projeto popular sem sê-lo. Inclusive, é bom salientar que os seus voluntários entrevistados, fizeram críticas ao clero por tê-los abandonado. Porém, os voluntários não abandonaram o projeto. Começaram a perceber que tudo dependia da comunidade. Não precisava esperar que alguém viesse lhes ensinar, nem lhes mandar. O processo de educação libertadora começou nascer também dentro da PC.

No modelo paulofreiriano, não existe um receptor, nem um transmissor. Existe uma comunidade que se constrói e se educa. A educação, neste modo de conceber, acontece com muitos elementos interagindo. Além das pessoas envolvidas, ainda há as condições políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas que interferem nesta construção.

Conceber e vivenciar a educação e a religião com esta amplitude requer da parte de todos um “despimento” de concepções e práticas reducionistas que levam as pessoas não à transformação, mas a uma ignorância escravizante e desumanizante. O ser humano não pode ser visto como um animal para adestramento, nem como uma máquina que obedece a comandos e repetições.

No entanto, as práticas que são vistas em boa parte das instituições, estão ainda bem longe de uma construção libertadora e comunitária. Na educação, percebem-se práticas tradicionais ou ‘bancárias’, como diz Paulo Freire, que, em muitos casos, se fossem comparadas às práticas medievais de ensino, nem aí chegariam. Muitos educadores e instituições buscam o caminho mais curto e fácil. Pensam estar educando para o crescimento

do ser humano. Porém, limitam, escravizam e desumanizam as suas ‘vítimas’. Aqui é usado o termo “vítima” para tratar dos educandos que passivamente sofrem a ação de uma educação que tem sido opressora. É um verdadeiro crime político-sócio-cultural, pois mata a autonomia e a liberdade, que são os princípios e valores que mais caracterizam o ser humano.

A própria Pastoral da Criança, não é exatamente um projeto transformador. Lhe falta algumas dimensões como a crítica social, a formação para a cidadania e autonomia humana, dentre outras. No entanto já é um passo que se dá no sentido do outro, da comunidade, da solidariedade que tanto falta neste mundo individualista. Dá pra se dizer que apesar de tudo, a PC ainda deixa para trás muitos outros projetos que não passam de doutrinação ou apenas projetos intimistas dentro das religiões.

Notam-se também, práticas alienantes e deterministas que não contribuem com o comunitário, mas com satisfações egoístas e individualistas. Há poucas comunidades religiosas construídas em bases integradas e comprometidas. A maioria está estruturada em esquemas hierárquicos injustos e excludentes. Muitas doutrinas e interpretações induzem a uma vida egoísta.

Apesar de, na prática, parecer ainda ser difícil acontecer uma formação integral e autêntica, está claro que não há outro caminho quando se deseja construir um mundo sustentável. Ninguém consegue manter com argumentos convincentes a tese da religião individual e da educação bancária e tradicional. O que falta é apenas partir da teoria para a prática. É uma viagem longa, mas já foi iniciada por alguns pedagogos, teólogos e lideranças de algumas comunidades e instituições.

Fica claro que esse processo dialético é tão simples de entender, mas tão difícil de aplicar. As pessoas concordam facilmente com proposta e com a concepção comunitária de educação e da religião. Em muitos momentos ela parece ser até óbvia demais. Porém, quando se propõe a elaboração de projetos tendo a inclusão, a integração e a complexidade como parâmetros, muitos desistem desse processo por ser mais comprometedor e se voltam para o que já se está fazendo há muito tempo, ou seja, excluindo, limitando e tornando os possíveis cidadãos em meros indivíduos cumpridores de funções e repetidores do sistema.

Então, só é possível a construção de comunidades, de ações de solidariedade se houver um processo educativo com motivação coerente. Não se podem esperar ações espontâneas ou naturais de um ser eminentemente cultural. O homem requer formação e orientação. A solidariedade não pode ser concebida como movimentos espontâneos de caridade. Evidentemente que existem ações que não necessariamente são planejadas ou criteriosamente organizadas. Porém, uma comunidade humana, com sua complexidade exige uma

solidariedade construída e inspirada. Esta inspiração pode ser religiosa também.

1.3 - Motivação, disposição e ação social: ingredientes indispensáveis para a solidariedade cristã.

A ação religiosa com motivação ou sentido cristão tem como fim a felicidade o homem aqui na terra; pelo menos como ponto de partida da felicidade humana. A própria noção de céu, ou de eternidade cristã, supõe uma vida digna já aqui na terra, ou seja, o céu começa na terra. Neste sentido, o empenho religioso não tem como não olhar para as condições sociais e econômicas em que vive o homem. Weber, inclusive, vai colocar o econômico como uma questão importante para a vida humana e para a ação religiosa. “A ação ou pensamento religioso ou ‘mágico’, não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus propósitos fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica” (WEBER, 2004, p. 279).

Weber usa em suas análises também o conceito de ‘sentido’ das ações sociais. Para ele todas as ações sociais tem um sentido. O sentido é o que dá direcionamento e movimentação aos agentes da ação. As ações podem ser orientadas pela tradição, ou seja, sempre se fez assim. Podem ser pela afetividade que leva a agir pelos laços de proximidade, gosto ou familiaridade. Ou então, as ações sociais, podem ser levadas por um objetivo de mudança. De qualquer forma, tanto na abordagem de Weber, quanto na reinterpretação feita por Geertz (2011), a ação social precisa de uma base, de um motivo, de um direcionamento, para não correr o risco de não ocorrer ou de ocorrer por imitação, sem continuidade ou necessidade.

Como diz Geertz (2011, p. 72), “a caridade torna-se caridade cristã quando engloba numa concepção dos propósitos de Deus; o otimismo é cristão quando se baseia numa concepção particular da natureza de Deus”. Os cristãos creem na máxima de que o homem foi feito à imagem e semelhança de seu Deus. Uma das ações divinas é a criação da humanidade, entendida como um ato de amor transbordante. Depois, acredita-se Ele acompanhou e auxiliou o seu povo nos tempos de penúria. Sendo imagem e semelhança, o homem tem em si também esta característica do amor, do auxílio e do cuidado. A solidariedade cristã, então, é um reflexo deste amor e solidariedade divina.

Não há uma relação imediata entre a motivação e a ação. Nem motivações conduzem a uma ação necessariamente coerente. Neste item do capítulo será desenvolvida a ideia fundamental para uma ação de solidariedade com base e motivação cristã. Isso não significa que todas as ações sociais ou as ações solidárias precisam ter motivação cristã. Nem que as

motivações cristãs sejam necessariamente únicas e distintas. A base dos cristãos para as suas ações e o seu jeito de viver não foi construída do nada. O próprio Jesus disse que não veio mudar a lei, mas compreendê-la de forma mais autêntica e humanística. As igrejas e religiões inspiradas em Jesus têm a sua motivação nesta concepção. Isso não quer dizer que compreendam de fato o que seus fundamentos querem expressar e nem que se saiba contextualizar tudo isso, evitando cair nos fundamentalismos recorrentes nas igrejas de tradição cristã.

Muito se pergunta sobre o que as religiões têm feito para a mudança social. Criticam-se também os chamados ‘religiosos’ que estão quase todos os dias dentro das igrejas e não fazem nada para resolver os problemas de sua comunidade. Alguns lhes julgam chamando-os de alienados, ou seja, afirmam que a religião não passa de uma distração e uma fantasia.

Algumas pesquisas têm apontado ateus como mais generosos que religiosos, como é o caso do estudo feito pela Universidade da Califórnia que envolveu 1.600 adultos nos EUA.

O experimento foi realizado em três etapas. Na primeira, os cientistas analisaram dados de uma enquete americana de 2004 entre 1.300 adultos. A análise mostrou que as pessoas menos religiosas eram mais caridosas do que os mais crentes. No segundo experimento, 101 adultos americanos assistiram a imagens de crianças muito pobres. Em seguida, os participantes receberam moedas falsas e foram instruídos a doar uma quantidade qualquer a um estranho. Novamente, os menos religiosos mostraram-se mais caridosos e doaram valores maiores (<http://veja.abril.com.br>).

Neste estudo, apareceu claramente a falta de disposição dos crentes para ajudar os outros. A pergunta que fica é: será mesmo que a religião motiva os seus seguidores para ação social?

Neste sentido, buscar-se-á a ajuda de dois pensadores importantes do assunto: Geertz e Weber. Em Geertz se procurará compreender os conceitos de ‘motivação e disposição’ que, na compreensão de quem escreve este artigo é fundamental para o processo de envolvimento na resolução de problemas pessoais e sociais. Em Weber, estudar-se-á a teoria da ‘ação social’ para que o objetivo deste trabalho seja alcançado, pois motivação e disposição precisam levar a uma ação concreta de mudança social.

Além de compreender este processo, este estudo quer chamar a atenção para a necessidade de uma ação mais efetiva de toda a comunidade humana, mas especialmente dos ditos ‘religiosos’ que parecem ter como obrigação uma participação mais efetiva na sua comunidade. Quer se fazer um convite à coerência de vida dos crentes. A doutrina da maioria das religiões universais é uma proposta de vida comunitária e, dessa forma, se espera

responsabilidade pessoal com as coisas particulares e as questões mundiais.

Uma das comunidades religiosas que será foco e interesse deste trabalho é o Cristianismo. Nesta(s) comunidade(s) é notória a contradição entre o que se prega o que se acredita e o que se faz. Apesar de haver muitos exemplos de ação efetiva e gratuita dentro da comunidade cristã, como é o caso da Pastoral da Criança, sabe-se que o envolvimento poderia ser muito maior. Há o que, em Psicologia, se chama de dissonância cognitiva, pois ocorre uma distância significativa entre o conhecimento, o discurso e a prática. Parece que impera o ditado popular ‘faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço’.

1.3.1 - Motivação e disposição em Clifford Geertz

Geertz usa os conceitos de “motivação” e de “disposição” para compreender o que leva o ser humano a agir religiosamente ou não. Toda a ação vem precedida de uma motivação e uma disposição.

Motivação ele compreende aquilo que está dentro do homem e que o torna tendente a certas manifestações, gostos e aproximações. Motivação tem a ver mais com “uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos” (GERTZ, 2011, p. 71). Ele coloca que a motivação faz as pessoas esperarem que os outros façam determinadas coisas condizentes.

Disposição se refere ao estar com vontade de fazer. Não basta ter motivos para fazer, é preciso querer ou estar disposto. O exemplo do fumante é o mais clássico. Ele tem todos os motivos para parar de fumar, mas não está disposto. Logo, não adianta esperar que automaticamente ele o faça. Estar motivado não significa estar disposto. O autor destaca três disposições centrais para a vida e ação religiosa: reverência, solenidade e devoção.

O autor diferencia as duas com o uso das expressões, também, matemáticas ‘escala e vetor’. Para ele as disposições são escalares, ou seja, não se direcionam necessariamente para uma linha reta de ação. As motivações são vetoriais, ou seja, tem uma direção, tem um propósito específico. No entanto, a motivação não finaliza nada, mas a disposição impulsiona a uma finalização, a uma realização.

Na religião, podem-se dar muitos exemplos de sintonia ou de dissonância entre motivação e disposição. Um exemplo interessante é a da ação solidária. O cristão tem como motivação o amor ao próximo, mas não significa que ame o seu próximo. Na Pastoral da Criança isto fica perceptível quando os voluntários entrevistados colocam que alguns, mesmo estando dentro da Igreja e recebendo toda formação, não se engajam. Falta disposição para o trabalho voluntário. Há uma motivação bastante significativa com o estudo da própria história

de Jesus Cristo, mas não há vontade suficiente que impulse para a concretização deste sonho cristão.

Falando do ambiente religioso, Geertz (2011, p.71) destaca que

no concernente às atividades religiosas (e aprender um mito de cor é uma atividade religiosa, da mesma forma que arrancar um dedo na articulação), elas induzem duas espécies de disposições um tanto diferentes: ânimo e motivação. A motivação é uma tendência persistente, uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimentos em determinadas situações.

É importante perceber que para ação religiosa é preciso estar disposto e motivado. Apesar de não ser a coisa mais importante, pois o que realmente importa é a mudança provocada pela ação, vamos perceber se ela foi uma ação religiosa se os motivos tiverem cunho religioso. Quando os propósitos tiverem base nos propósitos da sua igreja.

1.3.2 - Ação social em Max Weber

Max Weber (1864 – 1920) tem como preocupação central compreender a sociedade como um todo, para isso ele se debruça sobre as ações dos indivíduos que ele considera primordial para o andamento social. Uma das perguntas importantes da sua pesquisa e produção é: por que as pessoas realizam determinadas ações? Quais as razões dos seus atos? O autor tem as ações do indivíduo como ponto de partida por acreditar que são elas que, somadas, mudam a sociedade. O coletivo só existe pela ação de indivíduos.

Para o autor, a ação social é entendida como comunicação, relacionamento. As ações dos outros se encaixam nas ações do indivíduo e produzem mudanças. Tudo está internalizado no indivíduo que produz ações movidas por sentimento de pertença e necessidade de convivência social.

Este conceito fundamental na sociologia de Weber, que é o de Ação Social, é compreendido da seguinte forma: ação social, precedida de sentido. A maioria das ações do indivíduo é oriunda da vontade ou da tradição. O que dá sentido a elas é o que incomoda o autor. Ele procura trazer dados que levam a compreender o sentido das ações sociais e seus nexos. Procura diferenciar as ações imitativas, aquelas que não possuem um sentido no agir, das ações sociais que possuem sentido e motivação. Ele classifica as ações sociais em quatro grupos para melhor entendê-las: ação social racional com relação a fins, ação social racional com relação a valores, ação social afetiva e ação social tradicional.

Max Weber (2004, p. 357), expressa a importância que a ação social tem dentro da compreensão cristã de salvação.

Para nós, a ânsia pela salvação, qualquer que seja a sua natureza, é de interesse especial, na medida em que traz consequências para o *comportamento prático* na vida. Esse rumo positivo e mundano é dado de modo mais intenso pela criação de uma “*condução da vida*” especialmente determinada pela religião e consolidada por um sentido central ou um fim positivo, isto é, pela circunstância de que surge, a partir de motivos religiosos, uma sistematização das ações práticas em forma da orientação destas pelos mesmos valores. O fim e o sentido desta condução da vida podem estar dirigidos puramente ao além ou, também, pelo menos em parte, a este mundo. Em grau muito diverso e qualidade tipicamente distinta isso ocorre em todas as religiões e, dentro de cada uma delas, entre seus diversos adeptos. Mas também a sistematização religiosa do modo de viver, como é claro, encontra firmes limites quando pretende ganhar influência sobre o comportamento econômico. E de modo algum os motivos religiosos, sobretudo a ânsia pela salvação, têm de ganhar necessariamente influência sobre o modo de viver, não particularmente na área econômica, mas podem alcançá-la em grau muito alto.

Apesar de não colocar como único motivo a salvação, das ações da vida cristã e nem como a única causa da salvação as ações da vida prática, comparado com as outras religiões, o autor destaca que o cristianismo apresenta uma compreensão de compromisso ético fundamental para a realização da pessoa enquanto sonhadora de uma vida eterna. A ação do cristão ganha um sentido a mais. Enquanto os outros realizam porque é uma demanda social importante, o cristão realiza por também achar que isso lhe tornará mais cristão e mais próximo de Deus. Há uma sacralização dos motivos meramente antropológicos. Há uma força propulsora importante, pois além de ajudar na resolução dos problemas sociais, contribui também para a salvação definitiva do que está praticando a ação de solidariedade.

1.3.3 - Nem toda a motivação vai se efetivar em ação social

Para que uma ação seja realmente efetivada, é necessário que os elementos anteriores (motivação e disposição) sejam claros e conexos. Porém, há motivações que ficam isoladas e sem efeito. Algumas até levam a uma disposição pessoal que parece efetivar-se em pouco tempo, mas não finalizam o processo. Muitas pessoas se dispõem a uma série de ações, mas não encontram ambiente favorável para agir e mudar.

Um exemplo que pode ajudar a entender esta não efetivação de ações previstas por pessoas motivadas, mas não dispostas, é o caso dos fumantes que querem parar de fumar. Motivação eles tem de sobra. Eles sabem que a sua saúde está em risco. Eles concordam que

não há nenhuma vantagem significativa em continuar. Eles percebem o quanto isso incomoda as outras pessoas, principalmente os seus familiares. Sentem inclusive no bolso o resultado desse gasto. No entanto, não conseguem arrumar disposição suficiente para uma ação de mudança. A disposição é o elemento impulsionador da ação. A motivação é a base teórica e emocional que pode muito bem ficar fria e inerte esperando a decisão do agente para a finalização do processo que se dará somente na ação propriamente dita.

O elemento chamado ‘disposição’ é o que liga a motivação com a ação. Muitas ações deixam de se realizar por falta de disposição dos agentes. Estar disposto é fundamental. Quando temos pessoas dispostas e uma boa motivação, a ação está por um fio. Os motivos dão rumo à ação. A disposição dá força.

A disposição sozinha não efetiva ações de mudança real. Ela não é direcionada. É como alguém que quer fazer algo, mas não sabe o que nem para que. É uma energia que está aí, mas não tem fio condutor para direcioná-la. Isso vale tanto para ações em benefício pessoal como em benefício comum.

Geertz fala em motivação. Weber, no entanto, usa o conceito de ‘sentido’ das ações sociais. Para ele todas as ações sociais tem um sentido. O sentido é o que dá direcionamento e movimentação aos agentes da ação. As ações podem ser orientadas pela tradição, ou seja, sempre se fez assim. Podem ser pela afetividade que leva a agir pelos laços de proximidade, gosto ou familiaridade. Ou então, as ações sociais, podem ser levadas por um objetivo de mudança. De qualquer forma, tanto na abordagem de Weber, quanto na de Geertz, a ação social precisa de uma base, de um motivo, de um sentido e direcionamento, para não correr o risco de não ocorrer ou de ocorrer por imitação, sem continuidade ou necessidade.

Muitos, inclusive não veem mais motivos para certas ações em todos os campos humanos, especialmente no religioso e no político. Alguns, mesmo sem uma forte motivação vão agindo por mando ou tradição. É o que Weber vai chamar de ação movida por tradição. Há quem simplesmente aja de forma automática e repetitiva. Porém, esse tipo de ação vai perdendo adeptos com o aumento da racionalização humana.

No entanto, o pior socialmente, é saber que muitos indivíduos têm todos os motivos para agirem e não o fazem. A perda social em todos os campos é enorme. A sobrecarga é grande nos ombros de alguns dispostos e corajosos. A demanda social é grande e os problemas saltam os olhos, mas a indisposição individual para arregaçar as mangas e buscarem a mudança, parece ser maior ainda.

1.3.4 - A ação social a partir do contato com a realidade

Para que se sinta necessidade de ações sociais, é necessário que as pessoas estejam em contato direto e integrado com a realidade. Muitas vezes os indivíduos não sabem o que fazer e nem se é necessário se fazer alguma coisa em sua comunidade. Estão distantes ou desligados da realidade. Por mais que estejam ali presentes todos os dias, não significa que estão conectados com os acontecimentos e com tudo o que se passa no interior e exterior de seu lar.

Muitas vezes o que as pessoas precisam é o que os sociólogos chamam de choque de realidade. Alguém precisa apresentar a realidade, abrir-lhe os olhos e colocar os pés no chão. Isso vale tanto para si próprio como para os outros. Estar em contato direto com a realidade em que se vive ajuda a perceber os problemas, buscar motivação e se dispor a agir.

Muitos vivem como se fossem astronautas. Distantes da realidade, não percebem nada. Tudo para eles parece já estar bem ou veem-se tão distantes, que mesmo que a realidade não esteja bem, não se sentem capazes de fazer alguma coisa. Muitos ainda vivem tão centrados em seus pequenos problemas pessoais que não enxergam além da sua vida pessoal.

Todos os voluntários entrevistados na pesquisa de campo deste trabalho são pessoas que sempre viveram diretamente envolvidas com a sua realidade local. Em todos os lugares onde moraram, participavam da comunidade em ações sociais. Elas revelaram que a realidade de pobreza presente em sua volta, chamava a atenção e tirava o sossego. Segundo eles, não dava para ficar parado frente a uma realidade cruel e injusta. Dois deles inclusive falaram que se “não houver conexão entre a fé e a vida, não faz sentido a religião”.

Um autor que, apesar de ver a religião como alienação, ajudou alguns religiosos a olhar mais para a realidade, foi Karl Marx. A sua grande preocupação era que a sociedade percebesse que ela mesma poderia mudar o estado das coisas, sem esperar por forças que ele chamava de ilusórias. Sua preocupação não era exatamente com a religião, mas com a realidade. Abrir os olhos para realidade era fundamental para o autoconhecimento e a emancipação do povo:

(...) o homem faz a religião; a religião não faz o homem. (...) Este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido (...). A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. O banimento da religião como felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões (MARX, 2001, p. 44).

A realidade precisa bater à porta das pessoas, para que vendo e se sentindo parte dela, todos se disponham a agir por ela, motivados pela ideia de que estarão também fazendo isso por eles mesmos.

A crítica da religião liberta o homem da fantasia, para que possa pensar, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, para que gire em torno de si mesmo e, assim, em volta do seu verdadeiro sol (MARX, 2001, p. 45).

Marx critica o apelo ao fetiche da religião que se apresentava na realidade de então. Se compromisso era com a concreticidade das coisas. O mundo real, para ele, requer soluções reais.

Por os pés na realidade é crucial para que as ações sociais sejam de impacto e coerência. Por mais que a motivação seja religiosa, só se percebera as demandas sociais se a realidade for sentida e vivenciada pelo religioso. O olhar distante faz com que a visão seja nublada e a realidade seja mal compreendida.

O conhecimento histórico faz com que se percebam as origens, as causas, a situacionalidade e os rumos sociais. A visão histórica permite ao homem religioso, ou não, olhar pela janela da vida e perceber o movimento que ocorre na estrada do tempo. Os problemas sociais só são reconhecidos e bem compreendidos se forem tocados pela experiência. D'outro modo, as ações sociais serão descontextualizadas e não concluídas. A realidade pode trazer além de belas motivações, também impulsos de disposição para a ação solidária e transformadora.

1.3.5 - A criatividade humana como um elemento facilitador da ação social

Muitos indivíduos são pouco ativos socialmente por carecerem de desenvolvimento de um ingrediente importante para facilitar e clarear o caminho da ação. Esse elemento é a criatividade. Seres criativos tem maior poder de visualização e saída para situações complexas. Alguns desenvolvem com maior eficiência este aspecto e não se embaraçam, nem se desesperam frente aos problemas e demandas sociais.

Neste particular, Gabriela Linhar acredita que criatividade, conhecimento e comunicação são essenciais na vida pessoal e profissional. Diz ela:

O uso da criatividade não se limita apenas às áreas como artes plásticas, design e publicidade, nem mesmo é uma qualidade de poucos. É importante lembrar que é da natureza do homem ser criativo: criar, modificar, inventar, solucionar, melhorar. Seja um homem, uma empresa ou uma civilização,

todos buscam uma maior produtividade, redução de custos e qualidade de vida. (...) Já uma mente criativa habita pessoas pró-ativas, curiosas e que se animam ao buscar conhecimento. São mentes que resolvem problemas com originalidade e eficácia. Uma mente criativa entende metáforas, ironias, percebe nuances e abusa do humor – sarcástico, amável, simpático, malévolo, que seja! Esta mente percebe problemas onde os outros não veem – é uma mente inquieta, observadora, curiosa, ousada – que sabe que pode fazer melhor, é motivada e questionadora (LINHAR, 2014, on line).

Criatividade é o que o homem tem de mais humano. Talvez, a criatividade, seja uma das coisas que distinga o ser humano dos outros seres terrestres. Não é próprio dos animais serem criativos. Eles são repetitivos. Eles se adaptam à natureza. Não se vê formas muito diferentes de construções na mesma espécie animal. Porém, na espécie humana as construções são multiformes e inovadoras.

Ser inovador e criativo socialmente é algo que se espera dos indivíduos. É como uma semente que está plantada e latente para germinar. Ela só irá germinar e tornar a todos criativos se houver um despertar da semente, precedido um preparo do solo chamado mente individual.

O processo de construção da criatividade passa pelo desenvolvimento de outro aspecto que é somente humano que conhecemos como cultura. O estímulo à cultura em todos os seus elementos, como o conhecimento, a técnica, a arte e a reflexão levará a todos a serem mais criativos e agirem socialmente com menos temor.

Alguns autores, como Daniel Goleman (1996), chamam a isso de inteligência emocional. Ser criativo seria próprio de quem desenvolveu não apenas a inteligência racional que lhe dá capacidade de elaborar cálculos e raciocínios complexos, mas também o desenvolvimento de outro dado da inteligência que lhe ajudará a lidar com questões de ordem emocional. Em momentos de tensão coletiva, será capaz de controlar emoções e encaminhar soluções.

Outros autores, como Cunha, Souto e Rego (2007), falando da espiritualidade nas organizações, colocam a criatividade como um elemento da inteligência espiritual. Dizem eles que espiritualidade nos locais de trabalho ou nos ambientes sociais significa, pois, que os seres humanos são sensíveis a temas como: justiça, confiança, tratamento respeitador e digno. O desenvolvimento destas características ajudará muito aos indivíduos na percepção e não tomada de decisão para auxiliarem na mudança ou solução social.

Se juntar a motivação, a disposição, o contato estreito com a realidade social e o desenvolvimento da criatividade humana, a ação social será mais impactante e coerente. Se formos estudar a vida de pessoas que fizeram a diferença social, perceberemos a presença

constante desses elementos em sua vida. Poder-se-iam citar outros, mas um personagem brasileiro que fez grande diferença na ação social foi o conhecido *Betinho* (Herbert de Souza), que viu, refletiu e agiu. Ele percebeu e agiu não de forma automática ou numa disposição desorientada, mas consciente e motivado. Além de motivado ele estava preparado para isso, pois tinha os olhos fitos na realidade e a criatividade já lhe era própria. A própria Pastoral da Criança, com Zilda Arns, pode ser colocada como um grande exemplo desta junção entre a motivação, a disposição, a criatividade e a ação social. Assim como o Betinho, Zilda foi criativa e disposta.

1.3.6 - Motivação e solidariedade cristã

Aqui já começa a se direcionar para o foco principal desta pesquisa: a solidariedade com motivação cristã. Nem toda a ação tem motivação religiosa ou de uma doutrina religiosa. Algumas são motivadas por questões meramente humanísticas, antropológicas, sociológicas ou filosóficas. Às vezes são motivações de ordem psíquico-afetivas. Isso não quer dizer que essas ações sociais, com esse tipo de motivação, não tenham validade ou que sejam inferiores às de motivações religiosas. São todas ações válidas na medida em que cumprem o seu objetivo. Em alguns casos, inclusive, as ações sociais que não tem motivação religiosa podem ser mais autênticas e gratuitas, sem condicionamentos. Sabe-se que muitas ações com base religiosa pode ser efetivadas com intuito egoísta, como o de salvar a própria alma, por exemplo. Mas isso é válido para todo tipo de motivação. Religiosos ou não podem agir despretensiosamente ou agir com segundas intenções.

As ações movidas por preceitos religiosos não são necessariamente cristãs. Há uma gama de religiões, filosofias religiosas e fraternidades que não tem como base Cristo. São tradições que buscam o sobrenatural e se inspiram em outros líderes, mitos ou divindades. Isso também não torna as ações mais ou menos importantes e eficazes.

Quer-se aqui destacar as inspirações cristãs das ações humanas. Ações com base fundamento ou motivação cristã têm algumas peculiaridades. Primeiro, são resultado da crença na figura histórica de Jesus que, conectado a realidade, observou as injustiças e a desumanidade com que o povo estava sendo tratado. Tomou partido e agiu com autoridade e amor. Em segundo lugar, as ações cristãs são motivadas pela figura do Cristo que se encarnou com uma missão salvífica supra-humana. Um Deus que vem visitar o seu povo e lhe dá outro sentido à vida. Logo, as ações deste povo passam a ter não apenas um cunho humanístico, mas também de colaboração na ação divina. Então, esta ação não é só do homem, mas de iniciativa

de sua divindade.

Como diz Geertz (2011, p. 72), “a caridade torna-se caridade cristã quando engloba numa concepção dos propósitos de Deus; o otimismo é cristão quando se baseia numa concepção particular da natureza de Deus”. Os cristãos creem na máxima de que o homem foi feito à imagem e semelhança de seu Deus. Uma das ações divina é a criação da humanidade, entendida como um ato de amor transbordante. Depois, acredita-se Ele acompanhou e auxiliou o seu povo nos tempos de penúria. Sendo imagem e semelhança, o homem tem em si também esta característica do amor, do auxílio e do cuidado. A solidariedade cristã, então, é um reflexo deste amor e solidariedade divina.

O grande intuito da solidariedade cristã, não pode ser o de encher as igrejas de pessoas que foram ajudadas pela comunidade; como se fosse natural que alguém auxiliado venha para o lado do que cuidou. Isso deve ser apenas uma consequência. A ação social religiosa deve ter o mesmo compromisso que qualquer outra ação que não seja motivada por questões religiosas. O objetivo é melhorar as condições de vida do povo aqui na terra. Nesta reflexão Weber (2004, p. 279) nos ajuda dizendo que:

A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para *este mundo*. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas ‘para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra.

Apesar da religião também indicar para o alto, essa não é a sua principal atribuição, no garante Weber. A primeira preocupação do homem é com a sua vida social e terrena. Ele quer viver muito tempo e muito bem. Quando aciona a sua Divindade é para ajudá-lo nas questões de ordem profana ou secular. Somente em último caso, depois de ter resolvido a sua vida é que vai preocupar-se com a salvação de sua alma. Isso não significa que está sendo egoísta ou que esteja menosprezando as coisas do alto. Significa apenas que a sua ação está voltada para construir um mundo pessoal ou social, aqui e agora, com qualidade e felicidade. Inclusive esse pode ser o entendimento de que a missão dada por seu Deus e a de continuar a obra da criação para a felicidade da humanidade.

A ação religiosa com motivação ou sentido cristão tem como fim a felicidade do homem aqui na terra; pelo menos como ponto de partida da felicidade humana. A própria noção de céu, ou de eternidade cristã, supõe uma vida digna já aqui na terra, ou seja, o céu começa na terra. Neste sentido, o empenho religioso não tem como não olhar para as condições sociais e econômicas em que vive o homem. Weber, inclusive, vai colocar econômico como uma questão importante para a vida humana e para a ação religiosa. “A ação

ou pensamento religioso ou ‘mágico’, não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus propósitos fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica” (WEBER, 2004, p. 279).

A questão econômica é algo importante para a realização humana aqui na terra. E, no capitalismo, que é o sistema predominante na modernidade, isso se destaca ainda mais. Há uma dependência muito grande da questão econômica para a construção da dignidade humana. O homem vai criando sistemas econômicos para organizar a sua produção e consumo. Muitas coisas nestes sistemas não levam em consideração a justiça e a igualdade. Logo, é necessário que pessoas estejam preocupadas com os que são deixados à margem. O cristão, como um seguidor do Jesus Cristo solidário, já tem a sua motivação e o sentido para as suas ações sociais. Jesus Cristo, na sua época não ficava alheio às misérias que o povo passava. Ele não ficava apenas observando a exclusão que os pobres sofriam. Não cruzava os braços diante do que passava com o estrangeiro e o doente. Logo, esperam-se dos seus seguidores a mesma consciência e o mesmo empenho na mudança desta realidade.

Valentino Salvoldi (1997, p. 9), no seu livro “O Evangelho da solidariedade”, escreve também sobre a solidariedade como algo da raça humana, mas destaca que tem algo que nos traz um sentido muito maior de solidariedade que é a figura do Cristo que deixa o legado aos cristãos para o amor ao próximo:

Todo homem é meu irmão. São inúmeros os fundamentos bíblicos desta afirmação, válidos também num plano puramente humano, prescindindo da fé em Deus. Até os antigos latinos, antes de Cristo, julgavam como próprio de toda pessoa tudo aquilo que existisse de humano. Muitas religiões orientais fazem do ‘perder-se na comunidade’ o máximo das suas aspirações. A maioria das tribos africanas exibe como supremo valor o culto da solidariedade, que convida cada pessoa a sentir-se como uma única realidade com os antepassados – cujos espíritos repousam na terra – com os viventes e com os filhos potenciais, cujas almas fremem ao seu lado, desejosas de ter um corpo. Mas o ápice da solidariedade é vivido por aquele que crê em Cristo através do mistério da encarnação (SALVOLDI, 1997, p. 9).

Sobre a solidariedade expressa pelos os agentes da Pastoral da Criança alguns artigos e livros desenvolvem reflexões no sentido de valorizar, resgatar, criticar e verificar a abrangência e limites deste projeto eclesial, assim como contar a história desta ação, que iniciou no Brasil no início da década de 80.

Muitos escritos sobre a ação solidária dos agentes estão em revistas de saúde, falando do papel da Pastoral da Criança na notória melhoria da qualidade de vida das crianças a partir do cuidado estabelecido por estes agentes voluntários.

Outros artigos escrevem a partir de entrevistas com agentes ou com a fundadora da

Pastoral da Criança, Dona Zilda Arns Neumann, que conta sobre a evolução do trabalho e instiga para a participação de todos os cristãos em projetos como este.

Um dos artigos que se pode destacar é o “Lições da Pastoral da Criança”, publicado pela revista “Estudos Avançados” da USP. Trata-se de uma entrevista com a Fundadora, Zilda Arns, para buscar compreender este projeto tão importante na diminuição da fome e desnutrição das crianças brasileiras. No outro artigo desta revista coletam-se informações importantes sobre a fome e a desnutrição, destaca-se a PC como um projeto de solidariedade eficaz.

Na elaboração deste dossiê a respeito da fome e da desnutrição no Brasil não poderia faltar uma informação minuciosa sobre o trabalho da Pastoral da Criança. Organizada pela CNBB para atuar principalmente nas camadas mais pobres da sociedade, essa Pastoral presta inestimável contribuição na luta contra graves mazelas sociais, como a mortalidade infantil.

Foi lançado, também, um livro comemorativo com o título ‘Pastoral da Criança: 20 anos de Vida, organizado por Martha Mamede Batalha. A obra recupera a história de dedicação de agentes pastorais que se envolveram voluntariamente nesta missão cristã de ajuda humanitária. Neste livro, dentre outras coisas, Batalha (2003) conta sobre o início deste processo. É uma contribuição fundamental para a história do cuidado com as crianças brasileiras, para a vida dos agentes de Pastoral, incluindo Zilda Arns, e também para a própria história do cristianismo que ganha com a Pastoral um testemunho concreto de ação social de solidariedade. Foi um projeto importante, pois realmente transformou a sociedade que estava e ainda está descuidando dos pequenos.

Além disso, Mary Del Priore organizou uma série de trabalhos sobre o cuidado e o descuido com as crianças, que foi publicado no livro ‘História das crianças no Brasil’. Nesta obra se apontam situações, fatos, problemas, crimes, desmandos e projetos relacionados ao tema. Ao organizar estes estudos, ela destaca a importância desta abordagem histórica quando diz: “Resgatar a história da criança brasileira é dar de cara com um passado que se intui, mas que se prefere ignorar, cheio de anônimas tragédias que atravessaram a vida de milhares de meninos e meninas” (PRIORE, 2004, p. 10).

Este capítulo conduziu à seguinte reflexão conclusiva: ação social e solidariedade com os empobrecidos requerem motivação e disposição fortes. As motivações dão a direção à ação social. A disposição impulsiona o ser motivado. Nem toda motivação é religiosa. Nem toda a ação social é feita por pessoas de fé. Pesquisas mostram que pessoas sem motivação religiosa podem ser muito solidárias e ativas socialmente. Há quem se diga cristão sem nunca pensar

em comunidade, nem solidariedade. No entanto, um religioso consciente e um cristão coerente necessariamente se envolverão e agirão socialmente.

A grande dificuldade dos religiosos em ser solidários ou em agir socialmente, está na forma com que encaram a sua missão religiosa aqui na terra. Ou na concepção que tem sobre a ideia do seguimento de Jesus Cristo ou outro líder religioso. É muito comum as pessoas verem somente um lado das coisas. Neste caso, ver somente o lado que lhe traz mais conforto pessoal, mais tranquilidade e descanso para si próprio. A religião passa a ser vista como uma espécie de lavagem da alma e não como uma verdadeira ‘religião’ (do latim religare = religar), ou seja, religação com o transcendente e o imanente. Muitos usam a religião para resolução de problemas de ordem muito pessoal.

No entanto, é claro que a religião chama para a comunhão, para a solidariedade. Quem bem entende esta função ou sentido da(s) religião (ões), se sente motivado a ser um agente de transformação social. Não vive religiosamente muito tempo sem sentir-se interpelado à ação social.

O cristão, pelo fato de seguir o legado de seu Mestre Jesus, tem ainda mais motivos para a ação concreta e transformadora. Ele pertence a um movimento iniciado por um personagem humano e divino que trouxe a inclusão, o perdão e a fraternidade para um ambiente de separações, vinganças e preconceitos. A solidariedade pregada e vivida por Jesus motiva o cristão a ser necessariamente solidário e ativo socialmente. Quem não der o passo da solidariedade, saindo de seu mundo egoísta e alienado para construção da comunidade, não pode se chamar de um cristão autêntico. Não pode, por uma simples lógica de conceito e vida. A coerência com o que se acredita leva-o obrigatoriamente a inserir-se no mundo comunitário.

Então, apesar da solidariedade não ser só motivada pela questão da fé em Jesus ou apenas pela questão religiosa, pois ela pode ser motivada por questões humanísticas, a religião tem sido um elemento motivador importante. Inclusive foi o que apareceu na pesquisa com os agentes voluntários da PC.

A motivação religiosa contribui não só para impulsionar ao amor ao próximo entendido como auxílio direto aos necessitados, mas para todo o envolvimento comunitário e à ação para as mudanças necessárias a uma vida mais digna, num clima de igualdade e justiça, pois é assim que o cristão coerente vai ver e querer o mundo.

Tudo o que até aqui foi desenvolvido, discutido e exposto, serve como base para o que está no próximo capítulo, quando se dissertará sobre um aspecto mais específico do tema “solidariedade cristã”. O empenho da segunda metade do trabalho é o estudo e a reflexão sobre o projeto de solidariedade cristã chamado de Pastoral da Criança. Esta pesquisa já

buscou muitas ideias, conceitos, exemplos e abrangências da ação social humana, especialmente às ações com motivação cristã. Ver-se-á, na continuidade deste trabalho, que é possível sair bons projetos quando fé e vida se encontram. E, uma especificidade do projeto que será analisado é que ele não é uma ação social desvinculada, unilateral e heroica. Ele mostra que as ações devem ser integradas e multidisciplinares, ou seja, não é só alguém, nem só a sua igreja, nem só os que são crentes, mas todos os que sonham com um mundo melhor devem fazer parte. A PC não é uma ideia ou um projeto só da Igreja Católica, muito menos só da Zilda Arns, mas envolveu organismos internacionais e outras pessoas grupos nacionais.

CAPÍTULO II

A PASTORAL DA CRIANÇA COMO UMA AÇÃO DE SOLIDARIEDADE MOTIVADA PELA FÉ RELIGIOSA

É importante focar mais o estudo e a reflexão na Pastoral da Criança. Se não, corre-se o risco da abordagem ficar interessante, mas ainda muito ampla e abrangente. Porém, como este é um trabalho com base científica, ele precisa restringir um pouco mais seu foco para aprofundar analiticamente na compreensão do tema. A primeira parte foi mais ampla para dar tanto ao pesquisador quanto aos leitores do trabalho, uma noção mais integrada do assunto, mas este capítulo será mais empírico.

Como já escrito na introdução da primeira parte, não há muitas obras científicas sobre o assunto. O que há são reflexões e abordagem de cunho mais opinativo, teórico e genérico. Logo, para encontrar trabalhos mais específicos sobre o tema, foi necessário buscar artigos, publicações comemorativas, sites informativos e uma pesquisa de campo com agentes voluntários da PC, para ter um pouco mais de dados. Oferecer estes dados ajuda com o estudo sobre a solidariedade cristã em uma situação desafiante particular.

Há muitas possibilidades de se desenvolver ações solidárias tendo como motivação a fé cristã. A demanda por engajamento social é muito grande. Os problemas são múltiplos. Basta o cristão, que é sensível aos acontecimentos de sua comunidade, olhar para todos os lados e ele verá uma infinidade de coisas para fazer como contributo do bem estar ou vida digna do povo. Há até pessoas que não percebem e não visualizam o que fazer. Ou também, veem de forma fantástica a realidade problemática ao seu redor que o apavora, não conseguindo se achar capaz de fazer qualquer coisa. Isso se resolve com aquilo que se costuma chamar em educação ou em sociologia, de conscientização. Tomar consciência é ver a realidade o mais próximo possível do que ela é. Vendo a realidade e sensibilizado por uma vontade imensa de ajudar, só resta empenhar-se de forma organizada.

2.1 A Solidariedade e a Infância Brasileira: casos e descasos

Para melhor trabalharmos a importância e o papel da PC, vamos fazer um rápido panorama da situação da criança no Brasil, especialmente na questão do atendimento com a saúde e educação. Sem muito estudo, sabe-se que a situação das crianças brasileiras nunca esteve em boas condições. Basta olhar para o retrovisor da sociedade. Nem hoje, com todo o

desenvolvimento e acessos facilitados as crianças estão dignamente assistidas.

Nos registros atuais temos, no Brasil, uma população total de aproximadamente 191 milhões de pessoas, (IBGE 2010) sendo que 60 milhões são menores de 18 anos, ou seja, um terço da população. São muitos os pequenos que precisam de assistência não só de sua família, mas dos governos e instituições especializadas.

Alguns dados iniciais revelam que essa população infantil não está ainda sendo bem assistida. Segundo dados da página da UNICEF (2014), a vulnerabilidade das crianças às violações de direitos é grande. Segundo a pesquisa da UNICEF, 45,6% das crianças brasileiras vivem em famílias miseráveis. As crianças negras têm 70% a mais de chance de viver na pobreza extrema. Na região Norte e Nordeste do Brasil, 70% das crianças podem ser classificadas como pobres, segundo esse organismo.

Porém, nos últimos anos, o Brasil tem feito alguns avanços especialmente na questão da redução da mortalidade infantil, caindo de 47 por Mil para 19 por mil crianças nascidas. Apesar disso, as crianças pobres, especialmente as negras são as que mais morrem por falta de cuidados básicos.

No assunto educação, apesar dos avanços, uma em cada quatro crianças de 4 a 6 anos estão fora da escola. Das crianças pobres, 64% não vão à escola na idade certa. Acabam se matriculando muito tarde, criando uma defasagem muito grande no aprendizado escolar. Isso se dá por vários aspectos. Alguns dos principais são a falta de informação dos próprios pais que também não foram regularmente à escola; a falta de condições mínimas para transporte e materiais e o desestímulo ocasionado pelo próprio sistema que coloca o pobre como um eterno servidor de mão de obra para os ricos.

Olhando para o retrovisor histórico-social do Brasil podemos constatar que a atual situação é resultado de um somatório de desleixo especialmente por parte de poder público. No livro “A história social da Infância no Brasil”, organizado por Marcos Cezar de Freitas (2003). Relata muitos dados sobre a desatenção com a criança. Esta desatenção que gerou uma população adulta com muitas dificuldades na questão cultural e profissional.

Relata FREITAS (2003, p. 19) que só quase na virada do milênio é que a infância passou a ser uma questão importante para o Estado e para outras instituições.

No final do século XX a infância tornou-se uma questão candente para o Estado e para as políticas não governamentais, para o planejamento econômico e sanitário, para legisladores, psicólogos, educadores e antropólogos, para a criminologia e para a comunicação de massa. Desde a nossa própria infância, quando se acreditava na inocência de diferentes graus da infância [...], ela ganhou uma autonomia da família, substituindo-a parcial ou completamente pela faixa etária (a turma ou o bando), ao ser atraída da casa para a rua, por força da luta pela sobrevivência nas grandes cidades, do

encontro com a marginalidade social e com a morte prematura por desnutrição ou pela violência. [...] A ostensiva dramaticidade dos problemas da infância nos dias que correm projetou nessa fase da vida um interesse e uma preocupação intensos.

A concepção que se tinha antes sobre o tratamento da infância era de que os únicos responsáveis eram os seus pais. O Estado se isentava totalmente desta tarefa. Havia o que se pode chamar de abandono total. O número de crianças mortas (infanticídio) entre todas as populações (índios, negros e brancos) era alto.

Dá para se dizer que a criança, até o a entrada no século XX não contava. Não era mencionada nos dados estatísticos. Numa análise mais trágica: não era considerada gente. Só era percebida pela comunidade e pelo governo a partir de sua entrada no sistema produtivo. Segundo o organizador do estudo, Freitas (2003, p. 53), a desatenção era, por assim dizer, criminosa, pois desconsiderava completamente os vulneráveis indefesos.

Além de não serem ainda o foco de atenção especial, as crianças eram duplamente mudas, nas palavras de Kátia de Queirós Mattoso (Del Priori, 1992). Não eram percebidas, nem ouvidas. Nem falavam, nem delas se falava. Por isso, é preciso começar propondo: quem eram as crianças? A distinção clara é a que se fundamenta no desempenho econômico. Tomando-se a população como um todo, uma caracterização nítida é a do período de 0 a 3 anos, em que, como ainda não andam, os pequenos são carregados pelas mães, pelos irmãos ou pelas escravas. [...] Para o código filipino (Ordenações e Leis do Código de Portugal), que continuou a vigorar até o fim do século XIX, a maioria se verificava aos 12 anos para as meninas e aos 14 para os meninos, mas a Igreja Católica, que normatizou toda a vida das famílias nesse período, 7 anos já é a idade da razão. Tendo em mente que a infância não é uma fase biológica da vida, mas uma construção cultural e histórica, compreende-se que as abstrações numéricas não podem dar conta de sua variabilidade. Dos 8 aos 12 anos, os meninos são considerados adultos-aprendizes e vestem-se (de acordo com a camada social) como tais. Por esta razão, preferiu-se aqui apreender o passado no momento em que foi reconhecido por testemunhos, em diferentes graus de percepção, de diversidade irreduzível, aceitando a noção de fragmento de Walter Benjamin, como o clarão que ilumina o todo. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil, 1726 – 1950.

Pode-se dizer com segurança que a infância era uma etapa queimada tanto para a família quanto para o Estado. A era do trabalho produtivo, tanto na agricultura quanto na indústria, levava não só ao esquecimento, mas ao adiantamento da etapa de produção sistemática do indivíduo. Vê-se que da infância clássica se passa para a vida adulta. Aos 12 anos já se entrava na vida dura do trabalho.

Falando sobre a exploração do trabalho infantil, nas fábricas nos idos de 1750, Mary del Priore (1991, p 113) publica um texto de Esmeralda Blanco Bosonaro de Moura, falando da normalidade que era contratar e explorar as crianças, sem o empecilho da lei, nem a crítica social:

De fato, na tentativa de equilibrar o parco orçamento familiar, a prole operária é às vezes ainda em idade precoce - Bandeira Júnior refere-se a "considerável (...) número de menores, a contar de 5 anos" ocupados "em serviços fabris" no ano de 1902 – conduzida ao trabalho das fábricas e oficinas onde, ou recebe salários irrisórios ou, na condição de aprendiz, não tem suas atividades sequer remuneradas. Critério de diferenciação da mão de obra, o fator idade insere-se na dinâmica capitalista, ampliando as perspectivas de lucro para o empresariado, "visto que, dada a perfeição da maquinaria - na argumentação do citado Comitê Popular- os pequenos e improvisados operários podem produzir tanto quanto os adultos, recompensados, entretanto, com mísero salário.

Assim pode-se destacar mais um dos muitos problemas que a infância não só brasileira, mas mundial sofreu e ainda sofre depois de tantos estudos e casos condenados. Ainda hoje muitas pessoas ou empresas contratam empregados a preço módico para dar o seu sangue na empreitada a fim de baratear o custo da produção ou do serviço.

Muitas crianças que eram abandonadas pelos pais eram assumidas mais pelas casas das Irmãs, que tinham inclusive a chamada Roda de Expostos, que aguardava a chegada de crianças órfãs. Essa roda durou cerca de 50 anos como uma das únicas maneiras de acolher as crianças desassistidas. A roda dos expostos ou roda dos enjeitados consistia num mecanismo utilizado para abandonar (expor, na linguagem da época) recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O mecanismo, em forma de tambor ou portinhola giratória, embutido numa parede, era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Esse modelo de acolhimento ganhou inúmeros adeptos por toda a Europa, principalmente a católica, a partir do século XVI. Isso foi trazido ao Brasil pelos colonizadores, catequizadores e imigrantes europeus.

Essas crianças eram acolhidas por famílias substitutas ou por instituições, quase sempre religiosas, que tinham como primeira preocupação não exatamente a de alimentar, nutrir e dar afeto, mas a de batizar e dar formação religiosa. A caridade acabava sendo uma consequência missionária. Havia uma preocupação com a questão da cristandade e com a morte das crianças sem o batismo. O valor do Sacramento religioso conduzia não necessariamente a uma solidariedade autêntica, mas a uma ajuda necessária aos pequenos abandonados.

Essa roda de expostos foi sendo abandonada na Europa, no início do século XIX. No Brasil, a mudança chegou um pouco mais tarde. Passou a ser considerada imoral e contra os interesses do Estado. Os próprios médicos começaram a se horrorizar com o grande número de crianças mortas dentro dos abrigos de expostos. No mundo todo havia um movimento de melhoria da raça humana, com ideais evolucionistas e que conduziram a algumas mudanças, apesar deste movimento ter um viés também eugenista, ou seja, seleção e classificação de

humanos.

A questão da roda de expostos e a adoção de crianças alheias, criadas por famílias substitutas, sempre deu certo no Brasil que tem uma vocação acolhedora. Porém, por trás desta acolhida, se escondia uma indiferença em relação à família dos abandonados. Existe ainda uma tentativa de dissociar a criança da realidade de onde ela veio. Não havia, nem há tanta ainda, a preocupação com o sistema, com a realidade maior, com os porquês da situação da criança.

A partir da abolição da roda de expostos, começa-se a desenvolver a onda filantrópica. Esse modelo de assistência que vem da Europa, se instala no Brasil no séc. XX. É um período intermediário para se chegar à concepção de que não é só dever das famílias e das instituições a acolhida e educação dos menores.

Outro elemento importante neste tema das crianças abandonadas e das que eram exploradas nos trabalhos ou até mesmo na sua sexualidade, é a criação do termo 'menor' e seu uso nas diversas esferas sociais. Del Priore (1991) trabalha esta pesquisa e coloca um pouco da evolução do uso deste termo. No começo de seu uso, ele era empregado mais como uma maneira de se dirigir a alguém de estatura pequena. Depois alguém de idade pequena para dirimir a responsabilidade do Estado e jogá-lo apenas para a família a responsabilidade. Só muito tempo depois é que se começa a usar o termo 'menor' para falar de alguém de idade baixa, com capacidades menores e que precisa de cuidados diferentes.

Um uso importante da expressão 'menor' é no campo jurídico. Inicialmente ele tinha uma conotação pejorativa e era motivo de preconceitos distanciamento, pois se referia ao delinquente juvenil. Porém, segundo o texto publicado por Del Priore (1991, p. 130), de autoria de Fernando Torres Londono, se afirma:

No entanto, mesmo sendo claro que no discurso dos juristas e dos novos especialistas em "crianças abandonadas" o "menor abandonado" foi definido como um perigo para a futura sociedade, e foi crescendo a convicção de que este era uma vítima. Alfredo Pinto Vieira de Mello assinalava esta última condição: são vítimas da falta de educação intelectual e afetiva, da miséria, dos pais; da ausência de carinhos materiais lhes formando os corações para o bem; das exigências do instinto de conservação individual, que muitas vezes assimilam o homem aos irracionais na ferocidade e no egoísmo.

Os menores começam a ser percebidos de forma diferente. Começa-se a olhar para eles não mais como apenas infratores ou delinquentes, mas como resultado de uma sociedade que não educa, apenas discrimina e exclui. Essa consciência não nasce de uma hora para outra e, ainda hoje, não se planificou. A mudança na concepção da vida infanto-juvenil vem crescendo

e mudando o seu foco. O próprio Estado começa a repensar o seu papel no tocante ao amparo da infância.

Inicialmente ainda não dá para perceber muita mudança. Os projetos são ainda de cunho assistencialistas ou punitivos. Começa-se um movimento que é o do Estado do Bem-estar. Aí surgem as fundações de acolhida e de assistência pública. Aparece a FUNABEM (64) e as FEBEM. Essas fundações passam a ser o braço do Estado dando assistência. Porém, sem nenhuma concepção e consciência de direitos. Apenas dar bem-estar aos pequenos desamparados.

Além do campo jurídico e do campo educacional, a criança passa a ganhar atenção dos que a veem como um futuro adulto e que vai ser encaixado no sistema de produção. Apesar de ter essa atenção, não há ainda uma consciência de direitos, mas apenas uma visão utilitarista. Todos os projetos que nascem nestes tempos são com a concepção de pensar no futuro país, não tanto no futuro do homem que está crescendo.

A criança ganha, pois importância não só no campo jurídico, porque ela passa a ser enxergada como futuro, garantia de que será o capital humano que o capital industrial precisa para se reproduzir. Por sua vez espera-se que esta interpretação ganhe força por ela mesma, na medida em que aparece cada vez mais como a grande legitimadora das ações disciplinadoras que se desenvolvem para velar pelo progresso do Brasil (Del Priore, 1991, p. 131).

Só a partir da metade do séc. XX é que se começa a construir-se um movimento de conscientização sobre os direitos fundamentais da pessoa humana. Dentro disso está o direito de viver, de saúde, de educação, de um lar, de liberdade, que abrangem não só os humanos adultos, mas a todos. Proclama-se, então, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Junto como isso entra os direitos da Criança. No Brasil só vai aparecer de maneira clara e oficial, na Constituição de 1988 com proclamação dos direitos fundamentais do cidadão.

Isso não significa que os problemas foram sanados. As crianças ainda continuam recebendo tratamento deficitário. Ainda será preciso muito esforço e mudanças para a construção de um ambiente e um sociedade humanizada e atenciosa. Neste resgate histórico foi possível perceber o quanto as crianças foram maltratadas no Brasil, mas não só aqui. Como nos comenta Del Priore (1991, p. 8):

A 'História da Criança no Brasil' quer ser uma contribuição na tarefa de reconstituir o difícil caminho que a sociedade brasileira tem percorrido para reconhecer, na criança, um ser autônomo e digno. Caminho este, que supõe de nós adultos, a renúncia a nossa natural onipotência.

Depois dessa visão geral sobre o tratamento da infância brasileira, este trabalho quer se direcionar de maneira mais específica, falando resumidamente sobre os cuidados para com as crianças no Tocantins, para depois afunilar ainda mais, falando de uma ação específica de solidariedade com as Crianças em uma região menor, dentro da Pastoral da Criança.

2.1.1 O atendimento às Crianças no Tocantins

É importante refletirmos sobre a motivação religiosa para a solidariedade humana dos cristãos em geral. Porém, este trabalho tem como foco uma região bastante peculiar, por ser de explorada de modo mais intenso recentemente. Claro que com problemas antigos acerca das condições das crianças.

A capital do Estado do Tocantins tem vinte e seis anos de criação, com herança forte dos problemas do Estado de Goiás. O Tocantins foi criado pela Constituição de 1988, com a divisão de Goiás, ficando com a parte norte da divisão. O artigo 13, do *Ato das Disposições Constitucionais* diz:

Artigo 13 - É criado o Estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989. §1º O Estado do Tocantins integra a Região Norte, limita-se com o Estado de Goiás pelas divisas norte do município de São Miguel do Araguaia, Porangatu, Formoso, Minaçu, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Campos Belos, conservando a leste, norte e oeste as divisas atuais de Goiás com os Estados da Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso. §2º O Poder Executivo designará uma das cidades do Estado para sua Capital provisória até a aprovação da sede definitiva do governo pela Assembleia Constituinte. §3º O Governador, o Vice-Governador, os Senadores, os Deputados Federais e Estaduais serão eleitos em um único turno, até setenta e cinco dias após a promulgação da Constituição, mas não antes de 15 de novembro de 1988, a critério do Tribunal Superior Eleitoral, obedecidas, entre outras às seguintes normas; (...) (Constituição Federal/1988).

Este lado do antigo Goiás era praticamente abandonado pelo poder público. Ficava esquecido por ser distante e por ser interior. A população sofria o descaso na atenção de todos os seus direitos. As crianças, sendo parte mais frágil da comunidade, não tinham acesso à educação, saúde especialmente. Com a divisão do Estado, esses problemas não foram necessariamente resolvidos. Ficou mais fácil de dar atenção a população, pois a estrutura do Estado estava mais próxima e com menor dimensão geográfica para trabalhar. Porém, os governantes que até aqui se estabeleceram no comando do Estado, não foram suficientemente capazes de criar projetos realmente transformadores. Algumas coisas melhoraram na região,

que acabou por se desenvolver mais em algumas áreas, o humano ainda continuou sendo tratado como outrora. Evidentemente que isso não é privilégio só do Tocantins.

É importante colocar, ainda que resumidamente, os dados do Estado do Tocantins a fim de se compreender um pouco melhor a proporção e as possibilidades da região. Ele possui uma área de 278.420,7 km² e conta com uma população de 1.383.445 (IBGE, 2010). Apresenta características climáticas e físicas tanto da Amazônia Legal quanto na zona central do Brasil, com duas estações: seca e chuvosa. O clima é tropical e a vegetação predominante é o cerrado, que cobre 87,8% da área total do Estado, sendo ele dotado de grande potencial hidrográfico, a bacia do rio Tocantins - Araguaia, maior bacia hidrográfica brasileira, e apresentando possibilidades de desenvolvimento turístico e transporte hidroviário. Apesar de a economia ter a pecuária extensiva como atividade predominante, os recursos hídricos favorecem a produção agrícola, atividade em expansão que tem a soja como carro-chefe.

Os maiores de seus 139 municípios, de acordo com o Censo 2010, do IBGE, em número de habitantes são: Palmas (228.332), Araguaína (150.484), Gurupi (76.755) e Porto Nacional (49.146). A população é heterogênea devido à inclusão, no grupo habitacional preexistente, de migrantes vindos do Sul do país e das regiões Norte e Nordeste. O Estado registra também uma população indígena, estimada em 5.275 índios distribuídos entre sete grupos. O grupo indígena mais numeroso é o dos Krahôs, com população de 1.280 habitantes, que ocupa área de 302.533 hectares demarcada pela FUNAI, nos municípios de Goiatins e Itacajá. Os Xerentes representam o segundo grupo em tamanho, com população de 1.135 habitantes e ocupam área de 167. 542 hectares, no município de Tocantínia (IBGE/ Governo do Estado do Tocantins). Como podemos observar a diversidade étnica, cultural e social e a diferença de classes é uma característica presente, fato esse que promove um movimento específico no Estado e na configuração dos diferentes campos sociais e políticos.

Uma das grandes dificuldades do Estado são as dimensões de sua área com uma população pequena. A dificuldade maior por parte do poder público e das instituições que pensam em projetos de ajuda, é as distâncias entre povoados. Fica caro para o custeio dos projetos em todas as áreas. Porém, estas distâncias e esta pequena população, podem ser vistas como positiva, pois a concentração de pessoas é comprovadamente mais possuidora de problemas de ordem social. Basta ver como as crianças são tratadas tanto por muitas famílias como pelo estado em bairros populosos das periferias das grandes cidades. Os problemas aumentam especialmente na questão da violência e da pobreza.

Neste sentido o Tocantins está ainda constituído por poucas áreas de concentração de pessoas. As poucas que tem não passam de 300 mil pessoas. Então, para o poder público fica

mais fácil de resolver as questões sociais, pois as demandas podem ser menores. A não ser que a incompetência do Estado não chegue aos recantos de seu território e deixe os problemas se ampliarem, como parece ser o caso em questão.

O Estado do Tocantins é reconhecido como o que mais cresceu nos últimos tempos. Isso é um paradoxo. Por quê? Porque ao mesmo tempo em que parece ser um Estado promissor, nada mais é do que o resultado de um pequeno desenvolvimento que ocorreu num lugar onde nada ocorria. Tudo aqui começou quase do zero. Na agricultura, na indústria, na Educação... Talvez do zero seja um pouco exagerado, pois algo sempre se encontra onde há movimento de pessoas. Outra coisa, é que vieram para cá muitos investidores, muitas famílias que queria começar vida nova e conseguir prosperidade. Os recursos federais vindos eram muitos para um Estado iniciante, como diz a Mestra em educação Eliane Pesente Soares (Dissertação UFG, 2005, p. 65).

As estatísticas oficiais reconhecem o Estado do Tocantins como um dos que mais têm se desenvolvido no país, comparando seu avanço desde sua criação, em 1988, até os dias de hoje. Embora esse avanço possa ser observado em várias áreas, ainda está distante de alcançar uma posição que possa ser considerada ideal, adequada ou satisfatória. Abriga hoje uma grande diversidade econômica, social e cultural – migrantes de várias regiões do país que chegam ao Estado em busca de novas oportunidades de trabalho, de condições de vida.

Como foi dito anteriormente, a distância geográfica e a falta de visão dos governantes, colocam o Tocantins entre os últimos nos itens educação e qualidade de vida. Falta muito para que se encontre um ponto certo no atendimento às necessidades da população. No item educação, então, o Estado está devendo muito aos seus cidadãos. Na capital (Palmas), a educação fundamental, que está ao encargo do Município, a educação já começa a dar passos significativos. Começou-se a investir nas Escolas Integrais e vem dando bons resultados, inclusive sendo indicada como modelo para outras cidades, também fora do Brasil. No entanto, no que se refere ao Ensino Médio, ainda tem-se muitas lacunas.

A questão da Educação infantil é um problema forte, pois o atendimento é fraco. No entanto ainda dá tempo para reestruturar, pois o Estado é novo e pode se aprender com os que já estão calejados de tanto errar na educação.

É urgente a reflexão sobre a formação, sobre a concepção de educação no estado do Tocantins acerca da formação, concepção de Educação Infantil no Estado do Tocantins, formulando com os professores e gestores responsáveis, uma proposta política clara, consistente, planejada e dirigida para a realidade local. É importante levantar a necessidade, a premência e a responsabilidade da discussão para a criação de um projeto de Educação Infantil

para o Tocantins é o primeiro passo para a superação desta defasagem. Tardia, mas, necessária.

Talvez por ser um Estado novo com Capital construída recentemente, o Tocantins passa por modificações e crescimento a toda hora. A realidade tocantinense vem mudando para melhor. Os investimentos de empresas particulares e do próprio governo federal fazem com que o Tocantins, mais especialmente a Capital Palmas, melhore o seu índice de desenvolvimento humano.

O Tocantins subiu quatro posições, de 2000 a 2010, entre os estados com maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) conforme ranking do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, divulgado nesta segunda-feira, 29, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2000, o Estado registrou IDH de 0,525, ocupando a 18ª posição no ranking entre as 27 Unidades da Federação (UF), ante o índice de 0,699 registros em 2010, figurando na 14ª posição. Nas últimas duas décadas o IDH do Tocantins cresceu 89,43% (FOLHA DO BICO, Janeiro de 2005).

Conforme continua informando o Jornal do Bico (Bico do Papagaio – região do extremo Norte do Estado do Tocantins) o IDH de 1991 era 0,369, o de 2010 é 0,699 saltando 11 posições, de 25º para 14º lugar no Brasil. Mesmo estando abaixo do IDH nacional que é 0,727 (2010), houve um crescimento significativo. Palmas superou tanto o IDH do Estado (0,699) quanto o do País (0,727), registrando índice de 0,788, em 2010. O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDH entre 0,700 e 0,799). Conforme dados do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, entre 2000 e 2010, a área que mais cresceu em termos absolutos na capital tocantinense foi Educação (com crescimento de 0,241), seguida por Renda e por Longevidade. A Capital do Tocantins ocupa a 76ª posição, em 2010, em relação aos 5.565 municípios do Brasil. Em relação aos 139 outros municípios do Tocantins Palmas ocupa a 1ª posição. O IDH de Palmas passou de 0,654 em 2000 para 0,788 em 2010 – uma taxa de crescimento de 20,49%. A distância entre o IDH do município e o limite máximo do índice, que é um, foi reduzido em 38,73% entre 2000 e 2010. Considerando as últimas duas décadas, Palmas teve um incremento no seu IDH de 79,50%, acima da média de crescimento nacional (47,46%) e abaixo da média de crescimento do Tocantins (89,43%). No período (1991-2010), a distância entre o IDH do município e o limite máximo do índice, que é um, foi reduzido em 62,21%.

Segundo o Jornal, conforme a pesquisa da ONU, a renda per capita média de Palmas cresceu 143,53% nas últimas duas décadas, passando de R\$ 446,49 em 1991 para R\$ 714,58 em 2000 e R\$ 1.087,35 em 2010. A taxa média anual de crescimento foi de 60,04% no primeiro período (1991-2000) e 52,17% no segundo (2000-2010). A extrema pobreza (medida

pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00, em reais de agosto de 2010) passou de 12,30% em 1991, para 5,62% em 2000 e para 1,52% em 2010.

Em conversa com uma voluntária da Pastoral da Criança, Dona Aparecida, “a situação mudou bastante aqui em Palmas, ao ponto de, em vários lugares, não mais precisar da atividade da PC, pois muitas das famílias que eram atendidas hoje têm emprego, estudo e melhores condições”. Destaca-se que a mudança também é nacional. O Brasil, na última década, vem passando por mudanças significativas no tocante a redistribuição de renda.

A partir desta abordagem resumida da situação das Crianças no Brasil e no Tocantins, fica fácil perceber que se não fosse a solidariedade de algumas pessoas, grupos e instituições, muitas crianças tocaninenses estariam aos Deus dará. Um dos projetos importantes de iniciativa não governamental é a Pastoral da Criança que foi e ainda está sendo uma ação social marcante para a vida das famílias tocaninenses. Ela tem como motivação o preceito cristão do amor ao próximo e da vontade de ajudar os outros.

2.2 Pastoral da Criança: um projeto cristão de efetiva solidariedade

A escolha da Pastoral da Criança para servir como estudo de caso ou de referência para atestar a hipótese da dissertação que é a de que a motivação religiosa leva ao envolvimento social, não é por acaso. É notória a relevância e a presença da PC com seus agentes, líderes voluntários em todo o território nacional transformando a vida de muitos dos brasileiros.

Não é um projeto de transformação estrutural. Não meche diretamente com o modelo de sociedade, mas desafia os humanos, especialmente os cristãos a se envolverem compassivamente com a dor dos outros. A Pastoral não tem o viés de um projeto de formação crítica. Porém, indiretamente, ela faz pensar no que está se fazendo com a infância brasileira tanto em nível pessoal como institucional. Com suas ações, ela acaba por denunciar os maus tratos com as crianças.

No entanto o mais importante na escolha da Pastoral da Criança para este estudo é a motivação dos voluntários para a ação solidária. Para isso, alguns voluntários serão entrevistados dando informações significativas para fundamentar esta dissertação que quer ser a mais concreta e significativa possível.

Esta parte do trabalho vai se direcionar para um estudo e entendimento do que é *pastoral* e o que isso significa para a Igreja. Posteriormente, o estudo vai se debruçar sobre a PC e seus voluntários para pragmaticamente fazer uma análise dos dados coletados no campo a serem confrontados com as teorias apresentadas nas etapas anteriores.

2.2.1 Um pequeno histórico ou origem da *Pastoral* Eclesial no seu sentido genérico

A realidade difícil que vive o povo, pede às religiões um envolvimento mais coerente e uma resposta a partir de sua missão. A religião que fica de braços cruzados frente à desgraça alheia não pode se considerar humana. Está no seu DNA, ou seja, é um elemento constitutivo do Cristianismo a dimensão ética, a realização de ações com sentido humanístico e teológico. Os grupos cristãos que estão mais atentos a esta dimensão, se empenham no envolvimento social, promovendo ações de solidariedade. A Pastoral da Criança é um desses projetos que está fazendo diferença no meio do povo empobrecido, especialmente com a ajuda às crianças. Mas o que é Pastoral, mesmo?

Pastoral é uma expressão religiosa que precisa de uma definição e contextualização. Além de ser uma expressão significativa para o mundo religioso cristão, é um projeto de extrema relevância não somente para os cristãos ou religiosos de outros segmentos, mas para a sociedade em geral, que carece de propostas e ações transformadoras.

A palavra *pastoral* vem de *pastor* que designa *aquele que cuida*. Aquele que leva as ovelhas ao *bom pasto*. Sua preocupação é cuidar para que todas as ovelhas estejam saudáveis, protegidas e unidas. A figura do pastor é bem destacada na Bíblia judaico-cristã, especialmente nos Salmos e nas parábolas de Jesus. O salmo 23, que é considerado um dos salmos de Davi, cita em seu primeiro versículo: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará” (Seu 23,1). Destacando o cuidado de Deus para com cada um dos membros do seu povo. No Segundo Testamento da Bíblia, há o destaque do papel de Jesus como pastor, quando escreve: “Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida por suas ovelhas” (JOÃO, 10,11). O evangelista João e sua comunidade, no capítulo 10, expressam a sua confiança na figura de Jesus como aquele no qual se pode confiar plenamente, por conhecer o povo, ou as ovelhas, na metáfora da passagem. A ideia central nesta passagem ou na do salmo é o papel central do pastor como aquele que conhece, cuida e doa-se pelos quais ele se sente responsável. A palavra *pastor* diz bastante sobre a figura de Jesus Cristo. Não somente na Igreja Católica, mas em outras Igrejas Cristãs, a palavra pastor tem grande importância. Apesar de que, muitas vezes, ela traz um sentido de dependência e subordinação paternalista, onde a figura do pastor é central, decisiva e autoritária. Este é um problema que se resolve quando se entende de fato a proposta cristã de acolhida e emancipação da comunidade. O próprio Cristo, nas suas ações, foi desafiador e instigador de mudança pessoal e social.

Para que a figura do *pastor* não se centraliza demais todas as ações, começa-se em meados do século 20, a refletir de maneira mais clara a importância da participação do leigo na Igreja. O leigo faz a vez de pastor quando cuida, age em favor da comunidade. A partir disso, aparece a chamada Pastoral ou ação pastoral da Igreja. Ela tem a intenção de fomentar a ação social dos cristãos batizados. Ela surge como ação definitiva no final período pós-repressão militar no Brasil. A Igreja percebe que pode e deve ser mais atuante, cuidando do povo de forma mais prática e não apenas reflexiva. Essa ação não é necessariamente contra algo, mas principalmente a favor de uma estrutura social justa. A Pastoral, ou as Pastorais, é a concretização e continuação da missão de Jesus Cristo que não apenas falou, mas fez e mandou que se “fizesse o mesmo” como na parábola do bom samaritano. Para a Igreja, especialmente das décadas de 70, 80 e 90, não basta apenas a crença, a oração e a leitura bíblica para ser de fato cristão. É preciso que haja uma ação efetiva e transformadora da sociedade, nos seus vários aspectos.

Dentro desta perspectiva, vão surgindo várias pastorais. Uma das primeiras é a Pastoral da Juventude que surge da Ação Católica, que era um movimento de ação social, mas também de resistência da juventude. No início não tinha propriamente o nome de pastoral, mas a metodologia, missão e ação eram as mesmas. A chamada Juventude Operária Católica (JOC) e outros fizeram história neste período tão repressivo para o Brasil. Surgiram novas ações organizadas como Pastorais dentro da Igreja Católica, como a Pastoral da Terra, que reivindica a divisão da terra ou reforma agrária; a Pastoral da Família que levava uma ação direta de resgate do valor da família; a Pastoral da Criança que é uma das melhores sucedidas da Igreja, pois tem tirado muitas crianças da miséria e da desnutrição. E assim, outras ações pastorais vão ganhando força dentro da sociedade.

Hoje, as pastorais não estão mais com tanta força e engajamento da comunidade cristã. Muitas pastorais ainda estão agindo, mesmo com a dificuldade e diminuição do número de *agentes* (pessoas que trabalham voluntariamente nas pastorais). Ela está concorrendo com outro tipo de organização dentro da Igreja que são os *Movimentos* espiritualistas católicos. As pastorais trazem uma proposta que não está mais encantando muitos católicos, pois elas exigem reflexão e ação conjunta que é chamada de *práxis cristã*, enquanto que as pessoas estão, com pouco tempo e mais preocupadas com problemas individuais. Não está tão fácil encontrar pessoas dispostas a trabalhar voluntariamente em favor da construção real de uma sociedade mais justa e fraterna. Alguns, inclusive não aprovam mais a ação pastoral nos moldes iniciais, por acharem um movimento demasiadamente político e socialista. Pensam ainda que a figura do pastor ou da pastoral não precisa ser necessariamente de ação; pode ser

apenas de oração. A igreja começa a perder bastante do seu vigor social. Os movimentos passam a ser mais atrativos, ganham espaço e arrebanham multidões. A Igreja enfrenta a era cultural de movimentos de massa. Restam ainda alguns corajosos pastores, agentes de pastorais e pastoralistas tentando recuperar fôlego para que a Igreja seja ainda autenticamente ativa e cuidadora do rebanho que está perdendo referenciais dentro desta cultura pós-moderna e niilista, ou seja, cultura do vazio ou da perda de sentido.

Na racionalidade pós-moderna o *projeto religioso da pastoral* ganha novo significado. Uma pergunta básica: o que é e para que existe a pastoral? Respondendo a isso, busca-se resgatar o vigor da ação e não se perder uma ideia correta e necessária para salvar uma comunidade. Outra pergunta nesta mesma linha de raciocínio: a *pastoral* ajuda a salvar a população? Salvar de quê? O que significa fazer pastoral? Respondendo a estas questões, colocar-se-á a pastoral no seu eixo e ela tornará a ser útil para a sociedade atual. Uma das coisas que se pensa, dentro desta mentalidade contemporânea, é se a pastoral em si precisa estar ligada a uma religião. Ela é um projeto que muitos poderiam dizer que qualquer indivíduo faria, mesmo sendo ateu ou agnóstico. A pastoral enquanto ação da igreja precisa ser novamente sacralizada como uma ação necessária e tipicamente religiosa. Precisa criar metodologias que se adequem aos novos tempos e novas mentalidades, mantendo o seu perfil emancipador de pessoas e comunidades.

2.2.2 Pastoral da Criança: origem, expoentes, ações e resultados.

A Pastoral da Criança (PC), que é o grande foco desta dissertação, junto com a motivação dos seus agentes voluntários, pode ser considerada uma das principais ações sociais da Igreja Católica no século XX e XXI. A demanda pelo cuidado pastoral para com as crianças, neste período, exigiu da Igreja e da sociedade engajada soluções urgentes. Ela só foi/é possível e eficaz porque surgiram pessoas solidárias, voluntárias e motivadas por um amor cristão universal capaz de superar qualquer falta de tempo e de recurso. Só teve e tem sucesso porque não conta apenas com a heroicidade de alguns, mas de parcerias importantes de instituições já consolidadas. Tem a sua durabilidade e vivacidade porque se sustenta não apenas nas motivações humanas, mas é motivada pelas Palavras e Ações de Jesus Cristo. Ela é uma ação que parte de uma realidade carente, percebida pela consciência e olhar solidário de pessoas e instituições que têm no seu interior a semente do amor cristão, plantada e regada pela fé em Deus.

Apesar da PC não objetivamente ter nascido da iniciativa primeira da Igreja, pois a

ideia surgiu a partir de uma conversa dos membros da UNICEF, num encontro da ONU, com Dom Paulo Evaristo Arns, não significa que a motivação não seja de ordem cristã. O que os levou a procurar Dom Paulo, não foi o acaso, mas a percepção que ali estava uma possibilidade real de ação voluntária, pois a Igreja já era conhecida como uma instituição engajada em questões sociais. Os próprios membros da ONU que estavam analisando os dados coletados sobre a situação da mortalidade infantil no Brasil, estavam motivados também por fatores religiosos como amor ao próximo e defesa da vida dos pequeninos.

Marta Mamede Batalha (2003, p. 33), que organizou um relato histórico dos 20 anos da Pastoral da Criança, relata este encontro que pode ser considerado a *fecundação* deste projeto de solidariedade cristã.

A História da Pastoral da Criança começa na Suíça. Foi necessário que a informação sobre a taxa de mortalidade infantil do Brasil, corriqueira no cotidiano nacional, chegasse ao Primeiro Mundo para que virasse notícia e fossem tomadas medidas a respeito. Em Genebra, a ONU promoveu uma reunião sobre a paz. Durante um dos intervalos, o diretor-executivo do UNICEF, James Grant, comentou com Dom Paulo Evaristo Arns, o representante da Igreja Católica brasileira no encontro, que era preciso fazer alguma coisa para salvar as crianças brasileiras, e que a Igreja poderia ajudar a diminuir a mortalidade infantil. Sugeriu que fosse feito um projeto piloto com o apoio do UNICEF. Dom Paulo sabia quem chamar para iniciar o trabalho. Sua irmã mais nova, Zilda, médica pediatra e sanitarista em Curitiba, viúva e mãe de cinco filhos.

Foi um encontro fecundo. Os religiosos diriam que o Espírito Santo estava ali presente iluminando as mentes e transmitindo o dom da sabedoria para que algo fosse pensado e planejado para o benefício das crianças. Dom Paulo Evaristo Arns, além de crer nesta dimensão espiritual e na ação do Espírito Santo, já tinha uma caminhada grande de defesa de direitos aqui no Brasil. Não é por nada que ele foi indicado pela Igreja para representá-la junto a ONU. Usando uma sabedoria popular, “as pessoas certas estavam no lugar certo”.

O nome de Zilda Arns não apareceu simplesmente porque era irmã do cardeal, mas também porque já tinha um histórico de ajuda e de visão comunitária. Para abraçar estes projetos é preciso ter muita sensibilidade social, motivação cristã e espírito desprendido. Caso contrário, o projeto não cresce, não fascina as pessoas para o envolvimento e os processos podem ser atropelados por falta de jeito e de parceria. O perfil de Zilda era adequado.

Zilda Arns conseguiu arrebatar um verdadeiro exército de voluntários para a ação direta junto às crianças. Segundo Batalha (2003, p. 23), a Pastoral da Criança foi um marco histórico e permanente no Brasil, pois não acabou, e nem que tivesse acabado os seus frutos ficaram para sempre.

A presença da Pastoral da Criança nas comunidades pobres é tão forte que até parece que foi a partir de sua criação, há 20 anos, que se inventou a solidariedade no Brasil. Os números do meigo exército da Dra. Zilda Arns Neumann são impressionantes: 218 mil voluntários, presentes em 33.412 comunidades em 3.616 municípios de todos os estados. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 13% da população brasileira vivem na indigência, o que dá 22 milhões de pessoas. É com esse povo que a Pastoral trabalha preferencialmente. Atende, por mês, 1.203.457 famílias, que têm 1.638.191 crianças. É um percentual considerável do total de indigentes. Onde atua, a mortalidade infantil diminui em 60%, em média (Depoimento do Jornalista Márcio Moreira Alves).

Este grande número de voluntários que abraçaram a causa junto com a fundadora da PC, tinham como principal motivação o amor ao próximo. Isso foi revelado também nas entrevistas feitas com voluntários de Palmas que trabalharam durante muito tempo na Pastoral. Uma das entrevistadas, Dona Marilzete, falou que a impulsionava nesta missão era “ajudar os outros assim como Jesus fez”. Também se pode afirmar que o que mantinha este povo todo empenhado na causa eram a objetividade e praticidade do projeto. O projeto joga de saída todos para a rua para cadastrar, pesar e dar a multimistura.

Uma coisa importante nesta ação eclesial, além de toda a ajuda que era oferecida para as crianças, foi a influência que ela teve na mudança dos conceitos médicos sobre a questão do tratamento da desnutrição. Tinha-se um conceito errado de que a diarreia é que levava as crianças ao óbito. Então, se tratava elas a partir desse conceito. A Zilda Arns começou a investigar e que ajudou a criar a multimistura, foi o entendimento de que o que matava era a desidratação e não a diarreia. Com ela muitos outros médicos começaram a aderir e indicar a multimistura e o soro caseiro. Praticamente o que dava resultado e era o carro chefe da Pastoral da Criança era o soro e a multimistura.

Claro que a Pastoral não parava por aí. Ela tinha outras ações importantes. Uma delas era a orientação para a família no tocante à saúde, higiene e alimentação. Os voluntários passavam para pesagem das crianças todos os domingos pela manhã, como afirma a voluntária entrevistada, Dona Aparecida: “todas nós visitávamos as famílias para pesar os meninos e dávamos orientações sobre tudo, sobre como cuidar melhor dos filhos para que não retornem para a desnutrição”. Elas recebiam formação para esta atividade e repassavam às mães. Esta ajuda foi muito importante, pois se sabe que em muitos lugares habitados pela camada empobrecida da população, não tem saneamento básico e a família também não tem sistemas adequados de banheiros e armazenamento de água e alimentos. Logo, todas as orientações eram bem vindas.

Antes de aceitar o projeto, proposto pelo seu irmão Arcebispo, a Pediatra pediu um tempo para conversar com seus familiares, especificamente seus filhos. Esta é uma prática corriqueira na PC, pois os familiares tem que apoiar o voluntário para que possa se dedicar à Pastoral, uma vez que é um tempo muito grande de dedicação, sem retorno financeiro. Se houver dificuldade em casa, não há como os pastoralistas trabalharem com atenção e desprendimento. Zilda teve apoio incondicional. Todos compreenderam e acreditaram no projeto.

Levar, não só multimistura e soro, mas conhecimento à população era uma convicção dos pastoralistas. As doenças, especialmente a desnutrição, deveriam ser curadas não com remédio, mas com prevenção. Isso foi o que deu maior resultado. A insistência de Zilda na questão do conhecimento para prevenir, deixou as famílias atentas e parceiras do projeto da qual elas eram beneficiárias. Tirar a dependência dos agentes voluntários para depositar na família, especialmente na mãe, o compromisso da continuidade, foi um dos elementos mais importantes da Pastoral da Criança. Para que isso pudesse ocorrer, os voluntários engajados recebia formação para que a linguagem fosse passada da maneira mais simples possível. Isso não era muito difícil, pois a maioria dos (as) agentes eram simples, ou seja, já tinham a linguagem do povo.

O critério do voluntariado para a ação da PC foi indispensável para que o projeto desse certo. A demanda era grande. Como está relatado no trecho do evangelho de Lucas (Cap. 10, vs 2), “Disse-lhes: Grande é a messe, mas poucos são os operários. Rogai ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe”. Segundo a entrevistada Dona Ana, “quem vê agora, não imagina o que era no início da Pastoral da Criança. O trabalho era muito grande. Se não fosse as amigas da comunidade ajudar, nós não dávamos conta”. Dona Zilda destaca a questão do voluntariado com muito carinho e valorização.

Os maiores parceiros da Pastoral da Criança são os voluntários. Sem ele seria impossível realizar o nosso trabalho. Eles não contribuem com dinheiro, mas com dedicação e muito amor. Porém, se formos contabilizar economicamente esse trabalho, tendo como base o valor do salário mínimo proporcional a 24 horas de dedicação mensais, o valor gerado seria maior do que todos os recursos financeiros que recebemos atualmente. O apoio financeiro de parceiros dos setores públicos, privado e técnico de instituições de pesquisa e órgãos internacionais como a UNICEF, é fundamental para a capacitação de novos voluntários, coordenadores e manutenção de equipe técnica da coordenação nacional. Nossos maiores apoiadores, com recursos financeiros, são o Ministério da Saúde, o projeto Criança Esperança/UNESCO, os usuários de Companhias de Energia que fazem doações via contas de luz, parcerias públicas com Governos Estaduais, Prefeituras e com a ANVISA, além de parcerias com empresas com o HSBC, Gol, Kraft, entre outras (RevistaT&C, Amazônia - Entrevista com Zilda Arns, p. 3-4).

Muitas empresas e governos auxiliaram também, como afirma a fundadora, mas o que deu sustentação foi a motivação dos voluntários. A motivação era tanta, que a maioria não trabalhou menos do que 10 anos na Pastoral da Criança. Eles não perdiam pique de trabalho. Levantavam cedo e colocavam o pé na estrada para a pesagem e as outras atividades da PC. A própria Zilda, mesmo vendo que a Pastoral em alguns lugares estava já sendo desnecessária, pois a demanda havia acabado, não se desmotivou. Morreu no Haiti divulgando e organizando a PC. Como se diz em linguagem popular, não era *fogo de palha*.

Segundo a Revista do CONASEMS (Fev de 2010), naquela época a Pastoral da Criança contava com 261 mil voluntários. Ela destaca que a vontade de salvar vidas é que atrai esta legião de solidários. Eles chegam a acompanhar mais de 1,8 milhão de crianças e 95 mil gestantes. São 42 mil comunidades que formam a base da Pastoral, em mais de 4 mil municípios. Hoje, como dito anteriormente já está fora do Brasil. O filho da Dona Zilda é o atual grande continuador da ideia da internacionalização da PC. Após a morte de sua mãe, ele tomou para si esta missão. Ele terá a missão de conquistar mais outra legião de voluntários motivados, decididos e dispostos. Assim é que a solidariedade se concretiza e muda a realidade também fora do Brasil.

Por isso, por demonstrar na prática como se deve e se pode contribuir para resolver alguns problemas que atormentam os brasileiros, a Pastoral da Criança ocupa hoje uma posição de destaque na vida nacional. Devido à sua atuação intensa e à sua criatividade no cumprimento de seus objetivos, a Pastoral da Criança é considerada internacionalmente como uma iniciativa que merece ser aplicada em países que enfrentam problemas similares aos do Brasil (COELHO, 2003, p. 63).

A Pastoral da Criança é um projeto muito simples, muito objetivo, sem muita teorização. Vai direto ao ponto crucial. Isso é o que chama a atenção tanto dos que a analisam de fora, como os seus agentes. Numa das conversas com os voluntários, a Dona Ana, relatou que “a Pastoral não tem segredo. Ela não precisa de muita formação teórica. Inclusive a maioria aprende praticando junto com as companheiras. Ela é muito prática e direta. Talvez seja isso que mantém todos animados e persistentes.” Esse comentário revela o segredo deste projeto: o de que não tem segredo. Basta motivação, disposição e mão na massa.

Essa é uma das questões que mais impressionaram nesta pesquisa. A motivação dos voluntários. Abaixo terá um item especial para esta questão, mas vale ressaltar que todos os entrevistados se diziam, mesmo já não trabalhando mais na PC, muito motivados e saudosos de todo o serviço prestado. Uma das entrevistadas, quando perguntado sobre de onde vinha toda esta motivação, simplesmente disse: “do coração, de Deus”. Algumas choraram nesta

fala, pois é o que mais importa na atividade feita. Por que isso importa? Porque é o que dá solidez ao projeto, pois se as motivações fossem superficiais ou secundárias, como por exemplo, motivações ligadas ao reconhecimento ou benefício financeiro, colocaria o projeto em risco, pois isso passa. Agora, aquilo que vem autenticamente do coração, onde Deus faz morada, dura pra sempre. Isso é corroborado tanto por psicólogos como por pedagogos. Aquilo que toca o coração ou que vem do coração permanece, transforma, pois estabelece relações profundas.

Um elemento importante da ação da pastoral era a questão das paróquias servirem de base. Isso foi visualizado pelos primeiros idealistas do projeto, lá na reunião da ONU. O convite feito a Dom Paulo Evaristo foi realizado pensando exatamente nesta estrutura que a Igreja já tinha. As capelas estavam presentes em todos os recantos do Brasil. Estavam muito mais presentes do que toda a estrutura do governo. Bastava apenas que voluntários se disponibilizassem para a implementação do projeto. Isso não foi difícil, pois os católicos da época estavam com sede de ação. A Igreja vivia um momento de mudança importante. Questionamentos eram feitos sobre o papel dela. Muitas paróquias já faziam atividades, ainda que desarticulada das outras. Era só organizar as ações e dar capacitação aos voluntários. Como relata Batalha (2003, p. 36-37) no livro dos 20 anos da Pastoral.

O trabalho deveria ser realizado por líderes comunitários capacitados, que aprenderiam sobre cuidados básicos prevenção de doenças infantis, e repassariam este conhecimento para as mães. Por já viverem no local onde o trabalho seria realizado, estes líderes saberiam passar a informação para outras pessoas da comunidade, com uma linguagem simples que todos entenderiam. Esses voluntários repassariam os conhecimentos para as mulheres grávidas e para as mães de crianças de até seis anos. Essa faixa etária foi escolhida por dois motivos: a cobertura de creches para esta idade era menor de 1%, e esta é considerada a fase mais importante para a formação da criança.

Nesse relato aparece claramente que as ações da PC não eram apenas para a Igreja demonstrar sua presença e poder. Era necessário mesmo. O poder público não estava presente. Não havia nem projetos idealizados para esta demanda. As crianças estavam mesmo à deriva. Não é como agora que quase todas as crianças até seis anos já foram à creche pública ou privada. Naquela época não tinha quase creches. Nem se valorizava a formação inicial. Tinha-se a convicção de que só a partir dos sete anos é que a criança deveria ir para a escola. Até os seis anos quem tomava conta de tudo era a família. As que não tinham condições largavam as crianças à sorte do destino. Então, bastante atrasada, mas necessária foi a participação da Igreja com seus dedicados voluntários.

O projeto piloto foi na cidade de Florestópolis, no Paraná, próximo à Curitiba. Ali

predominava a presença de trabalhadores de usina de álcool e colheita de café. Os pais tinham pouco tempo para os filhos, ficavam muito tempo no trabalho, inclusive as mães, para trazer para casa o leite dos filhos e prosperar economicamente. Ainda que esta prosperidade fosse ilusória e controversa. Às custas do presente, os pais vão garantir o futuro. O projeto piloto deu certo e assim começou a ser implantado em todo o Brasil, tendo como base as paróquias. Em muitos casos os párocos começaram como coordenadores da Pastoral da Criança e, rapidamente repassaram para os leigos engajados. Tinha-se bem claro que a Pastoral era uma forma importante dos leigos atuarem. Já era hora dos padres descentralizarem as ações e o controle. Algumas Dioceses tinham coordenadores gerais. Havia também coordenadores estaduais. Também tinha a coordenação nacional que ficava com Dona Zilda Arns, fundadora.

A PC sempre atendeu 100% das crianças pobres desassistidas. No início da atuação ela atendia 51% das crianças brasileiras. Sua ação era eficiente e eficaz. Em Florestópolis, onde foi o início do projeto, a mortalidade infantil baixou para 18,7 mortes para cada mil nascidos vivos. Isso já havia chegado a 100 mortes por mil. No Brasil inteiro os resultados foram aparecendo. As mortes diminuindo, as crianças ganhando peso e melhorando a sua saúde.

A multimistura e o soro foram os carros chefes para a reviravolta da situação em que se encontravam as crianças. Inclusive, a multimistura virou referência e modelo para receituário de outros médicos que não eram da Pastoral. Muitos começaram a indicar o soro caseiro e multimistura. A Pastoral teve que aumentar a produção e ensinar muitos a fazer a sua própria farinha. Tinha uma receita que era passada para as famílias e as que conseguiam os produtos, faziam a sua própria comida. Muitos realmente não tinham condições mínimas nem para obterem os simples ingredientes da multimistura. O receituário era simples. Era repassado numa cartilha que os voluntários entregavam às famílias acompanhadas. Hoje já temos também em vários sites como o blog da Pastoral que publica dentre outras coisas, a receita da multimistura.

50g de casca de ovo fervida, torrada e triturada (opcional); 50g de semente de abóbora torrada ou semente de gergelim triturada; 600g de farelo de arroz triturado e cozido (sem colocar água); 200g de farinha de milho ou fubá; 100g de pó de folha de mandioca (aipim) torrada no forno baixo, triturada e peneirada (contém ferro e vit C). Misturar tudo. Pode ser guardada na geladeira por 4 meses. Não deve ser cozida. Criança pequena: comer 2 colheres de chá por dia, misturada na comida ou sucos. Adultos: 2 colheres de sopa. Atenção: A folha de mandioca brava é tóxica, NÃO USE. Deve ser usada a folha de MANDIOCA DOCE (Macaxeira ou aipim), que é a mandioca comestível, e deve ser torrada no forno do fogão, em potência baixa (Blog Pastoral da Criança do Pernambuco).

Em conversa com um dos entrevistados, o José Antônio, ele falou sobre a produção da

multimistura dizendo que “no começo das atividades da Pastoral, nós fazíamos o pedido da multimistura que vinha de Curitiba. Depois começamos a fazer nós mesmo e ensinar a comunidade. Não precisou mais vir de fora.” Aos poucos a PC ia criando uma autonomia nas comunidades com orientações e formação suficiente que não mais precisava da interferência contínua das coordenações regionais e nacional. O próprio grupo local ia repassando às famílias as orientações que levava às mães a buscarem por si só os materiais e a produzirem o soro e multimistura.

Outra dimensão importante da metodologia de trabalho e organização da PC é o Ecumenismo. Ela não fecha as fronteiras do Catecismo. Muitos de outras igrejas e religiões e, até mesmo os não religiosos, começaram a participar e se engajar na empreitada do cuidado com a vida dos pequenos. Zilda Arns, numa entrevista para a Revista T&C Amazônia (fevereiro de 2007, p. 2), deixa apontar esta característica da Pastoral.

Desde o início da Pastoral da Criança, com o projeto-piloto em Florestópolis, no interior do Paraná, contamos com a colaboração de pastores evangélicos e voluntários de várias outras religiões. A Pastoral da Criança é ecumênica e ajuda a promover a integração de pessoas de diferentes culturas, raças, situações econômicas e sociais.

É fundamental esta dimensão ecumênica, pois revela que o projeto tem uma concepção e um interesse global. Não havia ninguém querendo para si o direito exclusivo de trabalhar, nem o desejo egoísta de ter os méritos e os elogios. O que ficava claro é que algo precisava ser feito e todos eram convidados. A missão é de todos. A solidariedade não é privilégio somente dos cristãos, muito menos dos católicos. É nestes momentos que o diálogo inter-religioso pode acontecer. Não há necessidade de colocar a doutrina em discussão. O objetivo é comum e a obrigação é de todos. Obrigação como humano, não como religioso. A questão religiosa é uma motivação a mais. O legado de Cristo não é para os que se dizem cristão, mas para os que têm consciência de sua humanidade. O cristão tem obrigação de ser solidário por comprometer-se com a causa de Cristo que era de fraternidade universal, mas tem obrigação de ser humanitário por pertencer à comunidade dos humanos.

O lema que a Pastoral da Criança escolheu para o seu projeto, junto com um dos fundadores, Dom Geraldo Magela, foi a seguinte: “para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância” (paráfrase do trecho do Evangelho de João 10,10). Esse legado é fundamental para uma vida autenticamente cristã. Lutar pela vida de todos, especialmente pela vida dos menores é o *feijão com arroz* do cristão. Não se pode pensar em vida cristã sem a luta e o cuidado com a vida do outro. Numa outra passagem, Jesus salienta ainda mais este preceito

cristão fundamental quando diz “Em verdade, vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,41). Esses dois trechos dos Evangelhos são mais que suficientes para desafiar a vida sossegada de muitos cristãos.

A Pastoral da Criança encontrou e encontra ainda algumas dificuldades na sua trajetória. Primeiramente, ela não era unanimemente aprovada nem dentro da própria Igreja, nem fora. Segundo Batalha (2003), muitos a apelidaram de pastoral do sorinho ou de mais uma ação assistencialista. Alguns pensadores de esquerda não viam nela nenhuma ação de mudança, apenas curativos na ferida social. Outros, de direita, não viam essa como uma ação que tivesse a ver com a Igreja. Uma coisa é certa, ela realmente não é uma ação social que transforma as estruturas do sistema, mas ela não é apenas um curativo, pois ela ensina as famílias e dá autonomia para o cuidado de suas crianças. Em relação a não ser papel da Igreja, basta olhar para o legado de Cristo. Ele não pediu que ninguém permanecesse orando ou louvando a sua figura. Pediu misericórdia e compaixão.

Além das crianças desnutridas, a Pastoral da Criança buscava e ainda busca atender de maneira muito especial as gestantes de famílias pobres. Procura se antecipar para que as futuras mães façam o pré-natal e tenham outros cuidados para que as crianças comecem bem a sua caminhada neste mundo. A própria mães começaram a procurar a Pastoral da Criança, especialmente nos lugares onde havia um *QG* especial dos voluntários. Inclusive, é bom que se escreva que um dos entrevistados queixou-se da falta de espaço para a Pastoral. João Antônio, voluntário entrevistado, afirmou que “um dos motivos que levou a PC perder a sua força e se desarticular em algumas paróquias é a falta de um lugar onde seria possível, além da pesagem e fabricação da multimistura, outros eventos e mais formação”.

A população indígena passou, nos últimos tempos a ser um foco especial da PC. A partir da percepção de que muitas comunidades viviam em situação de abandono e muita precariedade, a coordenação de algumas regiões começou a orientar as comunidades, especialmente aquelas em que a demanda local havia diminuído em função das transformações e melhoras das condições de vida da população, para que se buscasse contato com as populações indígenas, fazendo o mesmo trabalho, dando as mesmas orientações tendo como parceiro o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), que já fazia alguns projetos junto a estas comunidades. Uma das preocupações, segundo o relato de Batalha (2003), é a de evitar a doutrinação religiosa, para não se cair no mesmo erro da catequização. O CIMI já tem isso bem claro.

O trabalho dos voluntários (chamados de Líderes) inclui fazer todos os cadastros das

crianças e gestantes. Ali se colocam informações sobre a saúde, a nutrição, a educação e outras informações importantes para um acompanhamento cuidadoso. Uma das voluntárias entrevistadas, Dona Ana, falando sobre este caderno, menciona que “ele era (já parou com a atividade) levado muito a sério. Ainda hoje estão guardados todos os cadernos, mesmo das crianças que hoje são adultos fortes e saudáveis.” Isso, provavelmente, é outra coisa que dá credibilidade e continuidade no trabalho da Pastoral. Tudo é registrado e tudo tem sequência. Se mudar de líder, o trabalho não para e ninguém fica perdido.

Um elemento fundamental na história e na ação da PC é a união da fé com a vida. Não é um projeto meramente humanístico, pois tem uma motivação religiosa. Mas também não é uma ação meramente eclesial, pois independe de doutrina, é uma necessidade humana. Na conversa com o voluntário João Antônio, apareceu este elemento bem forte. Perguntado sobre o que vê como importante na Pastoral, ele responde que “a PC faz a união da fé com a vida”. Ela é uma ação que resulta de uma profunda e refletida fé em Deus. Coelho (2003, p. 64) corrobora com esta análise.

Alguns pontos cruciais explicam esse sucesso. Em primeiro lugar, porque uniu a fé com a vida. As pessoas ajudam a Pastoral, nela se engajam porque estão movidas pela mística fraterna de construir um mundo melhor. Eu diria que a participação comunitária é o principal fator de êxito da Pastoral.

É, talvez, o grande objetivo de toda e qualquer igreja levar a uma maior participação comunitária. Na primeira parte deste trabalho se refletiu muito sobre isso. A participação comunitária, para recuperar a ideia, é fundamental, mas requer uma educação condizente tanto na família, na escola quanto na própria igreja. Como se vive numa sociedade muito individualista, não é fácil encontrar pessoas dispostas a abraçarem causas comunitárias. Quando aparecem voluntários, é porque algo foi feito em termos de formação para o altruísmo. As pessoas não nascem comprometidas com o coletivo. Elas precisam de orientação, especialmente dentro da complexidade que é a sociedade de hoje.

O reconhecimento da PC extrapola os limites nacionais. Pessoas e organismos internacionais reconhecem a eficiência e a eficácia do projeto sócio-eclesial nascido com Dom Paulo Evaristo, sua irmã Zilda e Dom Geraldo Magela.

Em 1994, no Fórum Internacional de Nutrição, realizado em Seul, Coréia do Sul, a Pastoral foi reconhecida como uma das seis melhores instituições do mundo dedicadas à saúde e nutrição das comunidades. Quando apresentei o trabalho que vínhamos desenvolvendo, eles valorizaram nosso movimento e apontaram pontos-chave do nosso sucesso. Em primeiro lugar, porque sempre fomos fiéis aos nossos objetivos – luta para reduzir a mortalidade infantil e a desnutrição, contra a violência e pela educação das mulheres, tendo como ponto principal a criança no contexto da família e da comunidade. Desde o

início, sempre acreditei que não adianta cuidar bem de uma criança se ela for maltratada em casa e passar fome. Os problemas começam em casa, assim como as soluções (COELHO, 2003, p. 64-65).

Mesmo que se possam fazer algumas críticas à Pastoral da Criança, pois lhe faltam alguns elementos para que seja um projeto de transformação profunda e estrutural na sociedade, não há como negar que ela contribuiu e continua contribuindo com a mudança, pelo menos, da vida das pessoas envolvidas. De algum modo, de forma indireta, também algumas estruturas começaram a ser repensadas a partir da ação da PC. Estruturas ligadas principalmente à saúde e educação. A proposta da Pastoral não é interferir diretamente, mas acaba mexendo com algumas concepções e organizações.

A solidariedade cristã concretizada através da Pastoral da Criança está deixando a sua marca e dando um recado a todos os que se dizem cristãos ou não: de que é possível e necessário unir a fé e a vida. Além disso, ela está desafiando a todos para olhar para a sua realidade comunitária e perceber o que é que se pode fazer para se criar mais vida e “vida em abundância”, como dizia o próprio Cristo, relatada em João, cap. 10. Não viver, ou sobreviver. Não se pode contentar-se com a vida medíocre e discriminada que muitos levam. É preciso lutar por mais vida não só para si, mas especialmente para os outros, seguindo o plano de salvação de Jesus Cristo. O seu legado precisa ser retomado por muitos que se esqueceram de sua missão cristã. A solidariedade está no DNA do movimento cristão.

Depois de ter feito uma breve passagem pela história da PC e destacado alguns pontos importantes, faz-se necessário descer ainda mais na pesquisa e destacar dados relevantes da pesquisa de campo com alguns líderes voluntários da Região de Palmas Tocantins. Já foram citadas algumas falas durante todo o texto, mas muitas informações ainda podem ser analisadas e confrontadas com a proposta da dissertação que é de buscar as motivações dos voluntários.

2.3 – Análise dos resultados da pesquisa de campo: entrevista com alguns voluntários da Pastoral da Criança da Região de Palmas, Tocantins.

Neste ponto culminante da dissertação, serão destacados alguns elementos importantes que surgiram durante as entrevistas com estes líderes voluntários que atuaram ou continuam atuantes na Pastoral da Criança em Palmas. A pesquisa é do tipo qualitativa, com um número reduzido de participantes, mas com dados suficientemente claros e profundos para uma boa análise. São oito os entrevistados com perguntas que requeriam informações de ordem pessoal

para conhecê-los e entendê-los melhor e de ordem institucional para analisar este projeto de solidariedade que se chama Pastoral da Criança. É importante concluir este trabalho com este estudo de campo, pois dará uma base indispensável para completar esta análise e avaliar a hipótese desta dissertação, que é a de que a motivação cristã deve conduzir a práticas de solidariedade dentro da comunidade religiosa e na sociedade. Se a religião for saudável e coerentemente vivida, não pode deixar de despertar para a ação social de resgate da vida digna para todos.

As perguntas escolhidas para esta pesquisa de campo foram divididas em quatro blocos: o grupo de perguntas ficou com as questões de identificação do voluntário, como nome, origem formação, experiência e percepção da realidade; o segundo grupo de perguntas indagaram a cerca do envolvimento do (a) voluntário (a) na PC, como primeiros contatos, tipo de ação, papéis, contrapartidas, e as motivações; o terceiro grupo de questões buscou conhecer o sentimento e o significado desta ação de solidariedade, como o sentido do trabalho, a vontade de trabalhar, o apoio recebido, os benefícios e a importância de todas as ações dentro da PC; por último, o quarto grupo de perguntas questionaram sobre as dificuldades do trabalho, como as exigências, as decepções, as mudanças e outros problemas deste trabalho.

O que será analisado são falas relevantes, respostas confluentes, dados recorrentes e manifestações ou expressões significativas para entender a importância da Pastoral da Criança e a motivação dos voluntários para a solidariedade. A conversa foi dirigida de forma espontânea, num ambiente seguro e tranquilo para os entrevistados, ou seja, no seu lar. As respostas foram gravadas para não prejudicar a linha de raciocínio, nem deixar espaço para planejamento das respostas. As respostas foram muito naturais, com linguagem coloquial, deixando transparecer sentimento e significado. As expressões faciais e as emoções foram captadas e ajudarão na autenticidade desta pesquisa.

Todas as respostas dos voluntários entrevistados estão integralmente transcritas nos anexos desta dissertação. Será dada ênfase especial à questão que indaga sobre as motivações de cada um deles para o engajamento na PC. Esta ênfase será necessária porque o objeto de estudo desta dissertação é exatamente as motivações para a solidariedade. De maneira especial, as respostas desta questão, serão confrontadas com as teorias de Weber sobre a ação social com sentidos nos valores e os conceitos de motivação e disposição em Geertz já trabalhados na primeira parte da dissertação.

Foram entrevistados seis voluntários (as) da Região de Palmas, Estado do Tocantins. Essa região, além de ser nova, pois só tem 25 anos de criação, é muito promissora, com mudanças repentinas tanto na configuração urbana como na situação de vida as pessoas que

vieram aqui. Palmas foi criada do quase zero para ser a Capital do novo estado. Então a sua grande maioria é de migrantes que vieram buscar novos ares e novas oportunidades. Nas entrevistas constata-se, em alguns casos, que algumas quadras eram muito pobres, com crianças abandonadas e hoje não há mais demanda para a Pastoral nesses locais, pois as famílias prosperaram. Para alguns dos voluntários, esse fim das ações da Pastoral na quadra foi ruim porque poderia se fazer outras coisas pelas crianças. Para outros foi bom, pois revelou que deu resultados esta ação solidária.

A análise da entrevista vai seguir a divisão de quatro momentos importantes: no primeiro, será analisado o perfil dos entrevistados; no segundo, o envolvimento com a Pastoral da Criança; no terceiro e o mais importante para pesquisa, serão analisados os sentimentos, os significados e as motivações dos voluntários para a ação de solidariedade; e, o quarto momento, ficará para as dificuldades encontradas no trabalho voluntário.

2.3.1 – Perfil dos voluntários entrevistados na pesquisa de campo

Neste quesito, temos algumas coisas importantes para destacar. A primeira é a de que todos os entrevistados são migrantes vindos de diversas regiões do Brasil. Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Sul. São histórias, experiências e culturas bem diferentes. Alguns já haviam trabalhado voluntários em sua região e revelaram isso ter contribuído para a sua ação em Palmas.

Além dessas diferenças, cada um dos seis entrevistados possuem formação e profissão distintas. Tem-se empresário, dona de casa, professora, coordenadora, sacerdote e religiosa. Isso, para a pesquisa, é muito importante, porque traz concepções e expressões ricas em variedade e é possível acertar melhor nas reflexões e conclusões provisórias.

Há uma uniformidade no item fé religiosa. Todos são católicos com prática religiosa ativa. Todos são de família em que a frequência religiosa continuava assíduo. Esta característica ajudou a que todos facilmente se envolvessem com a PC. Eles já participavam de outras pastorais ou ações beneficentes da Igreja. Havia uma sede de ser ainda mais participativo, como revela vários deles.

Outra característica que é importante é a questão da idade dos voluntários. São todos acima dos 40 anos. Inclusive outros que poderiam ser entrevistados também eram de meia idade a idoso. Não foram encontrados voluntários mais jovens. Os que persistem nestas atividades são os que já estão na maturidade. A entrevistada Dona Ana, destacou que “os jovens de hoje não são muito dispostos a esse tipo de atividade social”. Segundo ela, “os

grupos de jovens atuais se envolvem mais em atividades religiosas de cunho espiritualista do que social”. Quando eles começaram a atuar na Pastoral, quase todos faziam parte de grupos da igreja, mas era uma época que a ação político-social chamava mais a atenção da juventude.

Na questão da formação, eles se dividem em três com Ensino Superior, dois com Ensino Médio e um com o Fundamental. Apesar de que a PC não exigia formação acadêmica nenhuma, de algum modo a formação ajudava na hora das orientações e na comunicação com as famílias. Isso não significa que os com formação menor tiveram qualquer dificuldade. Inclusive, Dona Aparecida que possui apenas o Ensino Fundamental, revelou que tinha muita desenvoltura e habilidade nas ações fundamentais da PC que era a pesagem, fabricação e distribuição da multimistura, do soro e as orientações às gestantes. Uma vantagem da simplicidade de Dona Ana é que ela tinha algumas experiências de vida que os (as) outros (as) não tinham para orientações das gestantes e dos cuidados higiênicos. Inclusive ela relata que muitas parteiras faziam parte da PC e eram chamadas de vez em quando para realizar alguns partos emergenciais.

Outras características do perfil dos entrevistados é que três deles são religiosos consagrados na Igreja e três são leigos engajados. Isso traz um elemento significativo, pois os consagrados podem ver a ação social como uma espécie de obrigação enquanto líder da Igreja, já que optaram e fizeram votos religiosos. No entanto isso é apenas uma possibilidade, já que todos revelaram livremente assumirem esta missão. Porém, os leigos entrevistados, não são meros coadjuvantes. Fazem parte de uma porcentagem de religiosos que concebem a religião de forma diferente. Têm uma participação ativa na sua igreja. Estão muito além da média dos que se dizem religiosos.

Ainda no perfil dos voluntários entrevistados, é bom que se destaque a sua percepção da realidade. Perguntados sobre quais as principais dificuldades que o povo da região enfrentava, as respostas variaram entre pobreza, saúde e educação. Estão atentos ao seu contexto, pois é realmente esta a síntese das mazelas vividas pelas crianças locais. O acesso à saúde e educação de qualidade é difícil. A Ir. Noemi, por exemplo, destaca que a maior dificuldade “é a pobreza. É muita falta de trabalho. Eu na Pastoral tenho dificuldade de encontrar líderes para trabalhar, que eu estou trabalhando em quatro grupos na Pastoral e aí eu tenho poucos líderes”. É importante esta atenção à realidade local para poder se envolver na sua mudança com atitudes solidárias.

2.3.2 – Envolvimento dos voluntários com a PC

A pesquisa de campo buscou saber sobre a forma e a intensidade do envolvimento deles com a Pastoral da Criança. Como a PC nasceu apenas cinco anos antes que a capital de Palmas, a maioria veio para morar na cidade logo após os primeiros contatos com a Pastoral. A metade dos voluntários entrevistados, já tinha os primeiros contatos lá na sua cidade natal. Já ajudavam na Pastoral. Todos já conheciam. Alguns só começaram a voluntariar em Palmas. No caso do Padre, do Diácono e da Freira, o conhecimento da Pastoral fazia parte dos seus estudos, ou seja, seu envolvimento direto com a Igreja lhes possibilitou uma convivência com a concepção da PC.

O Padre Paulo, que atualmente coordena a Pastoral na sua paróquia, relata a sua aproximação com esta ação solidária.

Antes de eu ser sacerdote, como leigo eu entrei na Pastoral da Juventude, era jovem com aquela vontade de resolver as coisas e depois eu entrei na Pastoral da Criança, que era um trabalho social, levado a uma espiritualidade que a gente já tinha dentro do coração que é a questão da misericórdia. Quer dizer, a bondade de Deus para nós, então tem também que ser bondoso para com os outros e a Pastoral da Criança encaixava nisso. E outra questão era também a ideia de ajudar o mundo a ser melhor, aquela ideia de jovem, então entrei, fiz as formações todas, em Brasília com a Dra Zilda Arns e com a Dra clara Brandão, da alimentação alternativa. (Trecho da entrevista com um voluntário da PC).

É um dos casos especiais da entrevista. Sua vida foi desde a sua adolescência, nos grupos de jovens, onde, na época a juventude era mais engajada em questões sociais. Nem todos os entrevistados tem tanta formação religiosa quanto o padre. Inclusive alguns deles disseram não terem nenhuma formação para a missão da PC. Alguma cartilha e a reunião de repasse de informações ajudavam para que ação fosse mais eficiente.

Segundo a Dona Marilzete, que já havia trabalhado seis anos na PC no Piauí (com realidade difícil para as crianças), a realidade aqui em Palmas, no início era precária também. Era preciso se envolver mesmo, pois algo precisaria ser feito em solidariedade com as crianças. Nas palavras dela: “quando eu cheguei em Palmas, aqui, nos deparamos com a mesma situação, devido à diversidade, aí é que a gente viu coisa feia aqui. As pessoas chegavam aqui não tinham onde morar, não tinha o que comer. Teve criança aqui, o Maurício, que caiu o cabelo e a unha de tanta fome, de tão desnutrido.” Nestes momentos é que se percebe o quanto o sentimento de mãe, de pai ou, mesmo de qualquer ser humano que se preze aflorar com bondade e solidariedade.

Alguns deles, quando começaram a se envolver, na sua quadra não havia trabalho da PC. Noutras já estava bem adiantado. Em uma quadra, muito pobre de Palmas, a Irmã Religiosa, na entrevista relata que não havia mais uma criança cadastrada. Segundo ela a

Pastoral já havia começado o trabalho, mas por falta de voluntários, se desarticulou. Nota-se aí que não basta o simples olhar para a sua realidade. É preciso que algo lhe toque o coração para que você se mova e se envolva.

Todos revelaram que o seu envolvimento com a PC foi completamente despretensioso. Foi pela vontade de ajudar mesmo. Ninguém nunca recebeu nada para isso. Pelo contrário, muitas vezes precisou tirar do bolso para completar os recursos necessários. O Seu José Antônio, inclusive relata que o trabalho “era espontâneo mesmo. Eu acho que se recebesse ficava muito se graça.” Perderia a graça se fosse pago. Perderia o sentido da ação. Viraria um trabalho como qualquer outro. Muito provavelmente, esses trabalhadores voluntários da PC, não se importavam nem com o horário. Trabalhavam até que precisasse. Isto significa que não é só o dinheiro que motiva o povo a trabalhar. E quando se fala em solidariedade, realmente não pode haver motivação material, pois desse modo não seria solidariedade.

2.3.3 Motivação, sentimento e significado da ação dos (as) voluntários (as) da PC

As motivações e os sentidos das ações sociais podem ser, segundo Weber, de várias ordens. Elas podem ser com base na tradição, nos valores, na afetividade, na recompensa... No caso da ação dos voluntários da PC, nas suas falas, ficou perceptível que a sua ação era bastante ligada aos valores e à tradição. Primeiro aos valores, pois todos diziam participar desta ação porque o amor ao próximo é fundamental. Esses valores podem vir também da Igreja, como relata Dona Ana: “A Igreja motiva a gente a ser mais cristão, estar mais presente na vida das pessoas, ter mais cuidado, um zelo pelas pessoas que mais precisam.” Valores trazidos do berço, com a família e depois com a Igreja, podem ser muito importantes na motivação para a ação social. Esse amor ao próximo que o cristianismo tem como preceito máximo, pode ser traduzido em vários outros valores como o da justiça, da paz, da vida... O amor é o grande coletivo dos valores humanos.

O Seu José Antônio corrobora com esta análise dizendo: “Eu penso que, o que eu falo muito dentro de mim hoje é o amor ao próximo, de se preocupar com aqueles mais necessitados. E porque que a gente via isso naquele tempo e eu vejo isso até hoje, que isso pra mim eu sempre falo que nunca vou deixar de fora um trabalho comunitário e o da PC.” Esse valor motivacional não vem naturalmente no ser humano, precisa de uma reflexão compartilhada. Naturalmente seríamos, provavelmente, muito egoístas e competitivos. Essa cooperação e esse altruísmo são reflexos da superação desse movimento interno de defesa dos interesses pessoais que muita gente ainda não fez. De que forma a Igreja, a Bíblia ou uma

religião qualquer pode motivar? Além de ajudar a perceber a realidade do outro como irmão abandonado, como percebia Jesus Cristo, ela aponta para alto como recompensa espiritual. Então, além do bem necessário para a sobrevivência do outro, é um bem pessoal para a salvação eterna. Essa motivação também conta na hora da ação.

Nem todos ficam lembrando-se disso na hora, mas depois em suas reflexões, dentro da igreja ou com o seu grupo, isso aparece e conta como combustível espiritual para a ação. Seu José Antônio diz que “a fé sem a obra, é uma fé morta. E eu considero tudo isso que eu fazia na época, a obra. Não adianta a gente só ir na igreja rezar, pedir, e muitas vezes até esquecer de agradecer, e não fazer nada. Vai lá e fica uns 40 min. dentro da igreja e depois não faz mais nada.” Quando ele destaca que a fé sem obras é morta, se referindo à Carta de Tiago, cap. 2, está conduzindo uma reflexão de que o simples acreditar em Jesus não vai lhe conduzir a lugar nenhum, muito menos à vida eterna. Precisa haver uma coerência entre fé e vida.

Neste tema da fé como motivadora e construtora de significado, o Padre entrevistado nesta pesquisa contribui bastante para entender esse processo. Diz ele:

Primeiro a fé. A gente acreditando em Jesus Cristo, a gente acredita que o mundo pode ser melhor. E a forma que o mundo pode ser melhor é eu dando a minha parcela de contribuição para que o mundo seja melhor. Se você não se interessa pela ação, pela causa da sociedade você também não constrói um mundo melhor. A gente é motivado, acredito que todo cristão é motivado, primeiro a querer transformar o mundo, quer dizer, pensamos numa grande ideologia cristã que é essa, que todos tenham vida e tenham vida em abundância. E exatamente esse é o lema também da PC, João 10, 10 “Eu vim para que todos tenham vida e tenham vida em abundância.

Ele, inclusive, extrapola a compreensão de fé. Não reduz à crença religiosa direta, mas outros tipos de confiança que ajudam o ser humano a viver melhor e mais seguro. Fé na vida, no trabalho, nos outros e em si mesmo, além da fé em Jesus que, para o cristão, é a base motivacional. A confiança de que as palavras de Jesus sobre a abundância de vida que Ele diz trazer ou pedir deve levar o cristão a se engajar por mais vida para todos. Lembrando que esse versículo citado pelo padre é o grande lema da PC.

Um dos convidados fez uma pequena reflexão, seguindo esse mesmo sentido da fé religiosa como motivadora, dizendo que não basta uma motivação meramente humanística para que o projeto, pelo menos a PC, siga em frente com seus voluntários animados. Ele destaca que sem espiritualidade a PC perde o sentido e a força. Nos grupos em que a Pastoral começou a esquecer da dimensão espiritual do projeto, em pouco tempo acabou por definir. Isso não significa que ela tenha que ser doutrinária, mas tem que ser evangelizadora. Em outras falas, tanto a Irmã Religiosa quanto outras voluntárias destacaram a importância da

Pastoral para o crescimento da comunidade religiosa, para trazer o povo para a Igreja e para transmitir uma mensagem do evangelho nas visitas. Se lidas as entrevistas por completo, que estão anexas ao trabalho, vai se perceber esta preocupação dos voluntários com a vida também da Igreja como uma segunda preocupação, pois para eles a primeira é a vida dos pequenos.

Algo importante para a Pastoral da Criança foi destacado pela voluntária Dona Marilzete. Ela respondeu, quando indagada sobre a importância da PC para a missão de Igreja, que “é uma pastoral que trabalha o humano da pessoa. E eu vejo que a partir do momento que você trabalha com o humano da pessoa, a gente precisa não... eu sempre falo que antes de a gente exercer uma profissão, não pode esquecer-se da nossa parte humana, das nossas misérias, das nossas fraquezas, mas assim, o trabalho da PC resgata muito isso.” Em outras palavras, torna a igreja mais humana. Essa é a importância destacada.

O sentido humanitário da pastoral é que deu a ela uma solidez e um reconhecimento. Firmou-se, pois suas bases são o humano, a vida, a solidariedade e a fé. O reconhecimento por parte de muitos organismos nacionais e internacionais, inclusive o ministério da saúde, se deu pela clareza e objetividade no trato com o humano. Apesar de não mexer a fundo nas estruturas que desumanizam, ela dá exemplo de como se pode ser mais humanizada. Muitas outras pastorais precisariam resgatar o sentido humanitário a partir de seu exemplo. Algumas pastorais sugeriram do exemplo da PC. Por exemplo, a Pastoral do Idoso e a Pastoral da Saúde. Dente outras que se espelharam na mesma ideia.

2.3.4 Dificuldades partilhadas pelos (as) voluntários (as) na ação solidária da PC

Perguntados sobre as dificuldades encontradas na missão, apesar de descarem algumas, relativizaram-nas, pois, segundo eles, perto de todos os benefícios e as coisas boas da Pastoral, as dificuldades ficam irrisórias. Foi unânime a minimização das dificuldades. Os que destacaram alguma decepção ou problema fizeram questão de comentar que faz parte do processo. Alguns contratempos foram relatados, como falta de voluntários, falta de estrutura e de infraestrutura adequada para os trabalhos, em alguns casos religiosos e padres não mais estimularam a Pastoral em alguns locais; e outra intempérie seria um pouco de excesso burocrático especialmente com cadastros e documentação.

A falta de voluntários foi uma dificuldade destacada por quase todos. Ao mesmo tempo em que elogiavam a dedicação e animação dos voluntários existentes, relataram que a demanda era grande e precisava mais gente para ajudar. Em alguns setores, como no Aurenj I e II, de Palmas, a quantidade de crianças e gestantes é grande. A Irmã Noemi relatou que estão

atendendo mais de 300 crianças com uma equipe de 10 voluntárias. Como há necessidade de visitas às casas de cada uma, especialmente para a pesagem, fica pesada a caminhada para as poucas voluntárias. O Padre, que tem a função de coordenar, destacou outra questão que está anexa a esta dificuldade. Apesar de também achar que não teve tanta dificuldade ele comenta: “Bom, praticamente nada, talvez o que é mais sério entre nós é a dificuldade de pessoas para esse trabalho e às vezes o que aconteceu muito foi de pessoas querem usar até para emprego, para entrar nos conselhos comunitários, mas isso é inevitável no Brasil, pois é até cultural.” Alguns querendo usar esta ação voluntária para conseguir o seu *lugarzinho ao sol*. Provavelmente, como não conseguiam alcançar este objetivo, abandonavam a missão em pouco tempo.

Na questão da falta de estrutura, alguns dos entrevistados suavemente reclamaram de que se a Pastoral tivesse o seu lugar próprio, dava para fazer mais coisas. Alguns eventos eram dificultados pela falta de espaço. Tinha, segundo eles, que usar o salão da Igreja. A Igreja usava os materiais da PC e, apesar de que é importante a partilha, atrasava o processo. Porém, outros não mencionaram esta dificuldade.

A Dona Marilzete relatou sobre outra dificuldade. A da falta de incentivo por parte de alguns religiosos. Alguns religiosos, contando com padres e bispo, não acompanhavam mais de perto e nem faziam mais questão desta ação, pelo que parece. Na fala da voluntária fica descrita esta dificuldade.

Não, nunca pensei. Engraçado que a gente foi até o final, a mesma equipe. Até o final porque quando chegaram outros padres, já não franciscanos, não houve outro apoio para continuar o trabalho. Sinto falta disso, embora hoje as famílias já estejam melhor estruturadas, os pais já têm seu trabalho, mas ainda há carência de pessoas que precisam de ajuda, diante das mais variadas situações.

A falta de apoio coincide com uma mudança na espiritualidade da Igreja em alguns grupos e região. Aquela Igreja engajada e social que havia nos anos 80 e 90 deu lugar a uma igreja renovada e espiritualista que não tem como preocupação imediata a prática da solidariedade, mas da vida orante, com uma espiritualidade mais individual. Então, como reflexo disso, toda a igreja diminuiu o interesse e o ânimo para estas ações. Essas ações continuam ainda com a bravura e desprendimento de voluntários com a herança da espiritualidade de engajamento.

Um último entrave que a Irmã Noemi destacou foi o rigor na questão dos cadastros e dos documentos. Ela achou um pouco exagerada a forma de conduzir este cuidado com estas questões formais. Apesar de ela também não achar tantas dificuldades assim, ela comenta

sobre esta que lhe chama a atenção. Quando perguntada sobre o que mudaria na PC, ela diz: “Até hoje ainda não achei... pode até ser que tenha, mas não tenho claramente o que eu iria mudar. [nova contribuição da Ir Nair: Eu penso assim, vendo ela trabalhar, é muita burocracia, é muito pedido, é muita pergunta]. E se tem um errinho eles mandam de volta. Eu não posso ter um número errado, se eu erre o número de crianças, eles me mandam de volta. Se eu esquecer de uma data, eles mandam de volta.” A preocupação da Irmã não parece ser o da necessidade dos cadastros e registros corretos, mas a forma como é encaminhada. Por exemplo, mandar de volta lá de Curitiba todo o material para que se faça uma pequena correção, realmente é um exagero. Poderia haver uma forma menos dispendiosa e mais prática, como por exemplo, solicitar apenas as informações erradas ou faltantes. Pode ser também que seja uma medida disciplinar ou pedagógica para que ninguém seja relapso nos cadastros.

Muitos outros pontos poderiam ser destacados da conversa com os voluntários. Se fossem feitas entrevistas com outros, muito provavelmente, apareceriam ricas informações para uma análise ainda mais profunda da Pastoral da Criança na figura de seus dedicados voluntários. Porém, com os dados que os seis voluntários entrevistados passaram em suas respostas foi possível compreender muita coisa. A principal e que tem interesse especial desta dissertação é a questão da motivação para a ação social. Ficou claro que a motivação e a disposição para ação é fundamental, especialmente quando se trata de ação de solidariedade, pois não são coisas materiais ou financeiras que movem os agentes, mas a fé, os valores e a gratidão humana.

Esta pesquisa de campo foi muito proveitosa e importante. Deu mais vida e maior veracidade a este estudo. Foram apenas seis entrevistados, mas com uma riqueza de dados e uma diversidade de experiências que permitiu uma análise ampla. O fato de ter um padre, uma religiosa e um diácono, permitiu uma visão de dentro da Igreja hierárquica, sendo possível perceber que esta ação é importante não apenas para os que estão na base, ou os leigos, mas para os que estão dentro da estrutura eclesial. A visão por parte dos leigos foi mais importante ainda, pois as pastorais nasceram com a intenção de ser um espaço de participação efetiva dos leigos, que por muito tempo ficaram assistindo às ações e determinações da hierarquia da Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de decorrido muito tempo e árduo trabalho na construção desta dissertação, é importante considerar finalmente pontos relevantes e conclusões provisórias deste estudo. Muitas ideias citadas e construídas, muitas reflexões de autores interessantes e referências para estudos na linha da religião. Alguns pensadores matrizes que dão base tanto para este trabalho como para vários outros. Várias pesquisas com foco na solidariedade cristã e que abasteceram esta obra com dados importantes. Outros pensadores de temas afins que ajudaram a criar uma noção mais global para a dissertação. Tudo isso e muito mais merece ser recuperado no final desta verdadeira empreitada do conhecimento.

Destacam-se os conceitos importantes que serviram como clareadores dos temas. Dois pensadores fundamentais são basilares para este trabalho e merecem algumas considerações: Weber e Geertz, que ajudaram a entender as ações sociais e suas motivações.

A contextualização do trabalho e da pesquisa de campo deu maior realismo confrontando as ideias gerais com uma situação empírica. Estudou-se a Pastoral da Criança como um projeto de solidariedade cristã efetiva, e sua figura de maior representatividade que é Dona Zilda Arns. Por fim, abordamos a região de Palmas - Tocantins, onde foram entrevistadas seis voluntárias (as) da PC que trouxeram experiências de vida e deram exemplos de como é possível articular a fé cristã e a ação solidária, pois são continuadores do legado de Cristo.

A partir da noção de religião durkheimiana, pode-se colocar a Pastoral como um ingrediente religioso que ajuda a criar coesão. Ela recoloca no lugar adequado as crianças para que a sociedade se recomponha também e para que elas não fiquem de fora da comunidade. Aqui, a religião e a Pastoral não são elementos transformadores da sociedade, mas forças mantenedoras desta coletividade.

O conceito de solidariedade aqui foi empregado no sentido da compaixão: sentir a dor junto com o outro. A partir desta sensibilidade, acontece o envolvimento para a ajuda voluntária. A Pastoral, que é outro conceito importante nesta pesquisa, e que nasce a partir desta compaixão, é entendida como a ação dos leigos dentro e fora da Igreja, tirando o centro das ações que estava na figura do Pastor, do Padre. E assim outros conceitos foram sendo usados e ajudaram a clarear a compreensão do objeto de estudo.

Dois pensadores foram as matrizes principais para o embasamento de toda a reflexão escrita aqui. Weber, com o estudo sobre a ação social e Geertz, com a pesquisa antropológica acerca da cultura e das perspectivas humanas. Foram usados aqui os conceitos de motivação e

disposição para as atividades humanas. Essa análise de Geertz ajudou muito no estudo sobre as motivações para a solidariedade. A solidariedade cristã parte de uma motivação religiosa, de uma noção de missão ou de compromisso. Na entrevista com os voluntários ficou bastante claro que realmente o que os motiva a continuar atuando na Pastoral é a convicção de que é uma obrigação de cristão. É um chamado religioso.

O estudo do contexto brasileiro de forma geral, e especificamente do Tocantins, levou esta pesquisa a aplicar os conceitos e fazer uma proposta de intervenção. Na análise conjuntural apareceu muito forte a falta de atenção para com as crianças brasileiras, historicamente deixadas de lado, aos cuidados apenas dos tutores oficiais que eram os pais. A concepção de que o Estado deveria ser também tutor veio somente mais tarde, pois a concepção sobre a criança era reduzida a ser não produtivo e, portanto, não significativo. Não havia interesse do Estado em relação aos problemas das crianças. Quem determinava quando os filhos iriam trabalhar ou quando eram considerados adultos eram praticamente os pais (o pai por excelência). Demorou muito para que a sociedade e o governo começassem a voltar os olhos para a infância.

O Estado do Tocantins é um estado criado recentemente, numa região que era abandonada e parte pobre do Estado de Goiás. A situação das crianças neste início acompanhava esta desatenção. Hoje, a conjuntura mudou bastante ao ponto de Palmas ter se tornado uma das capitais em que as crianças são melhores assistidas em termos de educação, pelo menos, por que não acontece o mesmo na questão da saúde.

A Pastoral da Criança foi o objeto desta dissertação. Ela serviu como exemplo concreto e reconhecidamente eficaz quando se analisam os resultados de uma ação solidária. Escolhida como uma ação solidária importante para o Brasil das três últimas décadas, ela ainda continua atuante em muitos lugares e hoje indo para o exterior em comunidades empobrecidas. É claro que em muitos lugares já não se precisa da atuação direta da PC, pelo menos com suas atividades tradicionais da pesagem, da multimistura, do soro e das orientações para gestantes, pois além de ter melhorado um pouco a assistência do Estado. O desenvolvimento econômico gerou oportunidades de renda para o povo empobrecido.

Uma coisa importante para se destacar na ação dos voluntários da Pastoral é que ela só se manteve por eles. O número de voluntários vai para além de 200 mil. Nenhum deles ganha um real e a motivação não diminui. É o que se pode chamar de retroalimentação mútua. Os voluntários dinamizam e impulsionam a PC e ela com seu método anima os voluntários que se sentem importantes e úteis para a vida dos outros. A solidariedade percebida nesta ação é o que se tem de melhor, mas não mais completo, em termo de ação urgente. Ela pode servir de

inspiração para outras ações emergenciais.

Dona Zilda Arns é o grande ícone desta ação social evangelizadora. Ela conseguiu não sozinha é claro, coordenar uma ação nacional com simplicidade e dinamicidade. A PC entrou com tanta força no meio popular que rapidamente virou referência no atendimento às crianças. Os dados registrados pelas líderes, na FABS (formulário) e enviados à Curitiba, eram repassados ao Ministério da Saúde para controle e registro.

As entrevistas com os voluntários da Pastoral da Criança de Palmas/TO também merecem uma retomada por que ajudaram a ver tanto o real benefício desta ação solidária como os problemas e as dificuldades enfrentadas na prática. Além das motivações que devem ser destacadas, tanto na execução das entrevistas como em sua análise, percebeu-se que o projeto da Pastoral da Criança é algo de um valor inestimável para os voluntários, para a sociedade e para a própria Igreja. Na conversa com os líderes (assim que eles são chamados na Pastoral) deu para perceber na expressão do rosto, no sorriso e no choro o quanto é marcante esta ação e o quanto eles se sentem solidários com as crianças de famílias empobrecidas. Todos eles continuam com o pique dos primeiros tempos. Apenas, alguns não estão podendo mais ajudar por motivos pessoais ou porque a demanda da Pastoral diminuiu muito.

Existe um movimento de retomada tanto da grande ação da Pastoral da Criança, quando de outras ações que a Igreja tinha e que, com as mudanças ocorridas, foram se perdendo ou diminuindo a sua força. Na fala dos próprios líderes entrevistados, percebeu-se uma ânsia muito grande por agir solidariamente. A motivação continua forte. A concepção de uma Igreja humanizada e humanizante está retornando nos discursos e nos projetos. Pode-se dizer que a escolha do Papa Francisco é um grande sinal deste anúncio de mudanças.

Esta retomada não só está acontecendo dentro da Pastoral ou do Catolicismo. Os outros movimentos religiosos também estão percebendo que é preciso dar mais vida e significado às expressões religiosas e ao jeito de seguir o grande inspirador dos cristãos que é Jesus Cristo. Por um tempo houve um combate grande aos movimentos sociais e aos teólogos que interpretavam de forma mais concreta a doutrina cristã, mas isso tudo está perdendo a sua força, pois se começou a ver a grande importância que o movimento iniciado por Jesus teve e tem na mudança das relações e das ações humanas. Para o Cristianismo recuperar a solidariedade, que é um dos elementos de seu DNA, é preciso ligar a fé com a vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Carlos. Antropologia da solidariedade. *Notandum 14*. Disponível em: [http://www.hottopos.com /notand14/joao.pdf](http://www.hottopos.com/notand14/joao.pdf) - CEMOrOC-Feusp / IJI – Univ. do Porto - 2007. Assesso em 23.12.14.
- ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Edições Loyola, 9ª ed. 2008.
- AZZI, Riolando. *A Igreja e o menor na história social brasileira*. São Paulo: Paulinas e CEHILA. 1992.
- BATALHA, Martha Mamede (Org.). *Pastoral da Criança: 20 anos de Vidas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora PUC-Rio, Desiderata e Loyola, 2003.
- Bíblia Sagrada, Copyright 1995, 1995. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, Londres; Certificado de Registro ISBN 09-078-6141-5.
- BLOG DA PC/PE - <http://pastoraldacriancabc.blogspot.com.br/2011/10/multimistura-receita-da-pastoral-da.html> - Acesso em 02.12.15.
- BOFF, Leonardo – *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis. São Paulo: Vozes, 2002.
- _____. *Civilização planetária – Desafios à sociedade e ao cristianismo*. São Paulo: Sextante, 2003.
- _____. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Record, 2008.
- BRASIL, Júnior. *Zilda Arns, vida e obra* (Literatura de Cordel). Palmas: Exata. 2010.
- BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CARNEIRO, Moaci Alves. *LDB fácil – Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis: Vozes, 7ª Ed., 2002.
- COELHO, Marco Antônio. Lições da Pastoral da Criança (Entrevista com Zilda Arns). *Estudos Avançados - USP*. V. 17, n. 48, maio/agosto, 2003, p. 63-75.
- CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. *Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010: Texto-Base*. Brasília, Edições CNBB. 2009.
- CORREIA JR., João Luiz. Atitude cristã frente aos conflitos humanos e sociais: viver o amor-solidariedade. *Revista Ciberteologia*, revista de teologia e cultura. Ed. Nº 2, Out/Nov/Dez, 2005. Disponível em: http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/atitude_crista.pdf, acesso em 1º de abril de 2013.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DEMO, Pedro. *Solidariedade como efeito de poder*. São Paulo: Cortez, 2002.
- DOCUMENTO DE PUEBLA - Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 1979. Texto original disponível em: <http://animacaoajc.com.br/paginas/downloads/projetoalicerce/02-Organizacao/01-Documentos/Documento-Final-Puebla-III-CELAM-1979.pdf>, Acesso em 04.08.2013.
- DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Da divisão do trabalho social*. Tradutor Eduardo Brandão. 2º ed. São Paulo: Martins

Fontes, 1999.

DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação* (1965-1991). São Paulo: Paulinas 1997.

FOLHA DO BICO (Virtual) - *IDH do TO cresce 89,43% nas últimas duas décadas*. Disponível em <http://www.folhadobico.com.br/07/2013/idh-do-to-cresce-8943-nas-ultimas-duas-decadas.php> - Acesso em janeiro de 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 17º Ed, 1987.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 5. Ed., rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

LUZIO, Luis Miguel dos Santos, OLIVEIRA, Bernardo Carlos Spaulonci Chiachia Matos de. Solidariedade e natureza humana. *Serviço Social em Revista*. V. 13, n. 1, 2010, p. 103-118.

MARCÍLIO, Maria Luiza (coord.). *História demográfica da infância brasileira: quatro séculos de marginalização*. São Paulo. Sn. 1992. Relatório final de projeto. FFLCH.

_____. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e a assistência à criança abandonada na História do Brasil. In: MARCÍLIO, M.L. (org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo. Loyola/CEDHAL/CEHILA. 1993. Capítulo. FFLCH (parte monografia).

_____. Amas de leite mercenárias e crianças expostas no Brasil Oitocentista. In: RIZZINI, I. (org.). *Olhares sobre a criança no Brasil: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Petrobrás-BR/Ministério da Cultura/EDUSU mais. 1997, p. 143-54. Capítulo. GEHPAI.

_____. Documentação: fontes para o estudo da criança: período colonial e imperial. In: RIZZINI, I. (org.). *Crianças desvalidas, indígenas e negras no Brasil: cenas da Colônia, do Império e da República*. Rio de Janeiro. EDUSU. 2000, p.201-9. Capítulo. GEHPAI.

_____. *História social da criança abandonada*. São Paulo. Hucitec. 1998. Livro. FFLCH, FD.

_____. Marginalidade, pobreza e abandono de crianças no Brasil: séculos XVIII e XIX. Portugal. *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense. 1996, n.11, p. 163-73. Artigo. FFLCH-HI.

_____. O tempo da vida e do nascimento. In: MARCÍLIO, M.L. *Caiçara: terra e população, estudo da demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo. Paulinas. 1986, p. 202-214. Capítulo. FFLCH, IEB, FEA.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Trad. Alex Marins. Ed. Martin Claret, 2001.

NOVAK, Philip. *A sabedoria do mundo – Textos sagrados sobre as religiões universais*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

PEREZ, José Roberto Rus; PASSONE, Eric Ferdinando. Políticas Sociais de atendimento às crianças e adolescentes no Brasil. *Cadernos de Pesquisa (UNICAMP)*, v.40, n.140, p. 649-673, maio/ago. 2010.

PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”. *A fome no mundo, um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*. São Paulo: Paulus, 1997.

PRATES, Lisaneos. A V Conferência de Aparecida e a Tradição da Igreja Latino-Americana: Avançar Ou Retroceder. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/6730/4873> – Assesso em: 12.12.2015.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Crianças no Brasil*. 5 ed. São Paulo: contexto, 2004.

REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo. Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica. *Estudos de Religião / Universidade Metodista de São Paulo / Pós-graduação em Ciências da Religião*. Vol. 1, n. 1, mar. 1985. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010, p. 181-197.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

REVISTA CONASEMS – *Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde – Pastoral da Criança: vontade de salvar vidas*. Fasc. de janeiro – fevereiro de 2010, p. 19-24.

Revista T&C Amazônia. Entrevista com Zilda Arns Noemann. Pastoral da Criança: a semente da solidariedade. Ano V, Número 10, Fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.fucapi.br/tec/imagens/revistas/Ed10_01.pdf, acesso em 20 de março de 2013.

SALVOLDI, Valentino. *O evangelho da solidariedade – Jesus com os pobres, os pecadores, os não violentos*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SAMPAIO, Carlos Magno Augusto, SANTOS, Maria do Socorro, MESQUIDA, Peri. Do conceito de Educação à educação no Neoliberalismo. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v.3, n.7, p. 165 -178, set/dez 2002.

SITE DA PASTORAL DA CRIANÇA - <http://www.pastoraldacrianca.org.br> - Acesso em 05.01.15.

SMITH, Huston – *Porque a Religião é Importante: O Destino do Espírito Humano Num Tempo de Descrença*. São Paulo: Cultrix, 2001.

SOARES, Eliane Pesente. *Políticas públicas e educação infantil no estado do Tocantins: história e concepções norteadoras* (Dissertação – UFG, 2005) – Disponível em - <https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert-%20Eliane%20Pesente.pdf?1324613280> - Acesso em 30.12.14.

SUNG, Jung Mo, *Conhecimento e Solidariedade: educar para a superação da exclusão social*. São Paulo: Salesiana, 2002.

SUREKI, Luiz Carlos. Ética e Religião: o desafio da humanização. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 68, Fasc. 272, outubro de 2008, p. 943-949.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião. Enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

[Veja.abril.com.br/noticia/ciencia/generosidade-e-mais-forte-em-ateus-do-que-nos-mais-religiosos-diz-estudo](http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/generosidade-e-mais-forte-em-ateus-do-que-nos-mais-religiosos-diz-estudo) - Acesso em 10 de janeiro de 2014.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. (Trad. Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa) São Paulo: Perspectiva, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. (Trad. Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa) São Paulo: Perspectiva, 2004.

www.dicionarioinformal.com.br/dna/, acesso em 15 de novembro de 2014.

www.pastoraldacrianca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=66&Itemid=

48, acesso em 20 de novembro de 2014..

www.unicef.org/brazil/pt/activities.html - Acesso em 15 de novembro de 2014.

ANEXO 1

Entrevistas completas com os seis voluntários da Pastoral da Criança.

1º IDENTIFICAÇÃO

- Seu nome completo

V1: Pe. Paulo Cristiano Luz Frade (Padre)

V2: Marilzete Dias Gomes (Professora – Coordenadora)

V3: Maria Aparecida Lopes (Dona de casa)

V4: Ana Helena Aragão Oliveira (Coordenadora de Equipe de limpeza)

V5: José Antônio da Silva (Empresário - diácono)

V6: Ir. Noemia Ricardo (Irmã Religiosa)

- Sua origem geográfica

V1: Varginha, sul de Minas Gerais.

V2: Santa Filomena, Piauí.

V3: Cristais, Minas Gerais.

V4: Sou de Maranhão, Brejo, Maranhão.

V5: Pirinópolis, Goiás.

V6: Sou natural do Rio Grande do Sul, cidade de São Lourenço.

- Há quanto tempo mora na região?

V1: 18 anos.

V2: 21 anos.

V3: 22 anos.

V4: 13 anos.

V5: 30 anos.

V6: 4 anos.

- Formação

V1: Bom, fiz então curso de Teologia, Filosofia, também sou formado em Tecnólogo em Processos Gerenciais.

V2: Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar. No segundo grau fiz Magistério.

V3: Olha, quando eu era jovem, quando eu cresci fui professora muito tempo, professora rural. Depois que eu casei aí é... só essas coisinha mesmo, Pastoral da Criança, Pastoral do Idoso, faço curso de computação. Estudei até a quinta série na época. Mas eu dei aula na fazenda, era colégio mesmo, mas era rural.

V4: Só o Ensino Médio.

V5: Ensino Médio, estudando 7º de Engenharia Civil.

V6: Eu tenho o Ensino Médio. E cursos sempre a trabalho, de pastoral.

- Experiência

V1: Então eu, pároco já em oito paróquias, trabalhei na Pastoral Carcerária, como agente, em 1997. Trabalhei na Pastoral da Criança também, em 1991 lá em Minas Gerais. Eu fiz dentro da Pastoral da Criança diversos cursos, de educação essencial, alimentação alternativa. Naquela época que a pastoral da criança entrou com o trabalho de diminuir a mortalidade infantil fui ativo no sul de Minas, na nossa diocese de origem, em várias cidades. Não lembro direitinho da data, deve ter sido em 93 ou 94, por aí. Meu trabalho maior com a pastoral mesmo foi lá. Hoje aqui em Palmas eu estou como diretor espiritual da Pastoral da Criança. Minha missão é acompanhar as lideranças, fomentar o aumento das lideranças. Acho que a Pastoral da Criança

teve um auge, depois em certo aspecto após a morte da Dra. Zilda também, quer dizer a própria pastoral entendeu visionariamente que precisava trabalhar com a pessoa idosa porque são as duas vertentes do país, muita criança, mas também ficando muito idoso. Então a Pastoral da Criança fundou a pastoral do idoso, a própria Dra. Zilda que teve essa visão. Porque a pastoral da criança já estava, quer dizer, o governo assumiu a política pública com os agentes comunitários de saúde em todo o país, com aquilo, ou seja, o líder que visitava as casas é hoje o agente de saúde, então diminuiu o trabalho da Pastoral da Criança significativamente. Dá para se dizer que foi da Pastoral da Criança a inspiração para o governo criar esse suporte de saúde, porque toda ação pastoral da Igreja a ideia dela é que o governo assuma a sua parte, que na realidade ela acaba fazendo um trabalho supletório do trabalho que o governo é incapaz de fazer.

V2: Meu trabalho profissional sempre foi em escola mesmo, trabalhei em sala de aula com séries iniciais, depois como coordenadora pedagógica, até hoje.

V3: Além de ter sido professora, hoje eu sempre ajudo na Igreja, nos festejos, na limpeza, embora agora eu já esteja um pouco idosa. E sou da PC desde quando começou aqui nessa redondeza, aqui da Paróquia São José, desde 2003. E me dediquei a cuidar da família.

V4: Eu hoje trabalho com pessoal encarregado de limpeza em uma empresa privada que presta serviço terceirizado. Trabalho nessa área há nove anos.

V5: Trabalho com construção de estrada, asfalto, sou empresário; Trabalhei um tempo como voluntário na Sociedade São Vicente – Vicentinos.

V6: Eu? Barbaridade... te dizer com o que eu já trabalhei... Bem, eu trabalhei com Pastoral Vocacional da Diocese de Pelotas, trabalhei também em presídio, trabalhei na enfermagem e cozinha cuidando da nutrição; foram dezoito anos que eu trabalhei lá em Taquara-RS, trabalhei na parte de enfermagem e coordenava a cozinha de uma creche com duzentas crianças. A PC aqui, e trabalho numa vila com catequese e liturgia.

- Quais são as principais dificuldades que o povo encontra aqui?

V1: Aqui na paróquia nós começamos a Pastoral Social, há nove meses que a gente está aqui na paróquia. Imediatamente iniciando essa pastoral, nós vimos que tivemos respostas surpreendentes, as pessoas se envolvendo conseguindo muitas cestas básicas, trabalho, roupa. O problema é o espaço físico, tem espaço demais, mas é preciso organizá-lo. Mas eu entendo que um dos aspectos para toda a funcionalidade da Igreja é conseguir voluntariados. Porque o voluntário existe, mas ele tem que ser focado. Na pastoral social as pessoas quiseram entrar, por quê? Porque vai ajudar a sociedade porque talvez vá poder correr atrás de situações diversas. Existe outro voluntariado dentro da Igreja que tem dificuldade, porque hoje a grande dificuldade é a visita de casa em casa. A evangelização na verdade sempre aconteceu assim e essa visita de casa em casa precisa de tempo e adequar o tempo das pessoas. Por exemplo, a pessoa trabalha 44 horas, então ela não para em casa. Qual o horário que se está em casa? À noite, então à noite a pessoa vai aceitar receber uma visita? Hoje se tem uma dificuldade nesse aspecto da evangelização, a questão do tempo.

V2: Acredito que toda dificuldade que tenha aqui na quadra 1106 sul é a mesma de toda a cidade, a falta de segurança, a infraestrutura que ainda deixa muito a desejar, a questão das drogas, desses meninos que ficam soltos aí e a saúde também é uma coisa que eles falam muito em prioridade, mas acaba ficando lá no final, como não sendo essa prioridade que tanto pregam.

V3: Olha aqui, no princípio quase não tinha igreja e eu ia lá pra São José. Aí então depois, foi muito difícil, mas nós temos a nossa igreja, Nossa Senhora do Rosário. E outra coisa também a saúde, né? Não é todo tempo, mas tem tempo que fica precário. Quanto ao emprego eu acho que aqui é bom, fica à toa quem quer, às vezes um emprego que achou não quer trabalhar. Eu penso assim.

V4: A saúde. Porque as outras coisas tudo o que se precisa tem fácil acesso, mas a questão da saúde é o complicado. Até nós mesmos que na época lutava por essas mães, nós tínhamos que brigar para eles terem direito à saúde da criança e às vezes até da gestante. Nós tínhamos que enfrentar isso nos postinhos de saúde, estar lá brigando, reivindicando, mas a saúde é o mais difícil pra eles.

V5: Um dos problemas de Palmas é a dependência do governo. Outra dificuldade do povo daqui é a questão da pobreza; a educação é um dos principais problemas, porque se você der educação, as outras coisas ficam mais fáceis.

V6: A pobreza. É muita falta de trabalho. Eu na Pastoral tenho dificuldade de encontrar líderes para trabalhar, que eu estou trabalhando em quatro grupos na Pastoral e aí eu tenho poucos líderes. Então quando eu mandava as FABS pra lá, sempre me diziam assim “muitas crianças e poucos líderes”, e eu dizia pra elas “se eu deixar de pegar essas crianças por falta de líder, a PC acaba”. A Pastoral acaba porque aí não tem nome de pastoral. PC sem criança não é pastoral. Outro problema é a saúde e muitas menores gestantes... Elas não têm formação, então eu vou lá conversar, animar elas.

2º ENVOLVIMENTO

- Quando e como conheceu a pastoral da criança?

V1: Na diocese de Campanha, na minha cidade Varginha. Nós entramos nesse trabalho, como voluntário. Antes de eu ser sacerdote, como leigo eu entrei na Pastoral da Juventude, era jovem com aquela vontade de resolver as coisas e depois eu entrei na Pastoral da Criança, que era um trabalho social, levado a uma espiritualidade que a gente já tinha dentro do coração que é a questão da misericórdia. Quer dizer, a bondade de Deus para nós, então tem também que ser bondoso para com os outros e a Pastoral da Criança encaixava nisso. E outra questão era também a ideia de ajudar o mundo a ser melhor, aquela ideia de jovem, então entrei, fiz as formações todas, em Brasília com a Dra Zilda Arns e com a Dra clara Brandão, da alimentação alternativa. Esse curso foi bom para nós, quer dizer a carga pessoal, na vida e esse do curso de Educação Essencial. Que a Pastoral, ela vai oferecendo além, de um curso primeiro que é chamado guia do líder, que é das ações básicas de saúde, que a gente aprende; e depois, temos cursos específicos também, dentro de áreas exatamente para ajudar em situações específicas. Por exemplo, catequese do ventre materno, que seria a mãe conversar com a criança, e começar a preparar a criança para o ambiente em que vai viver. Então a pastoral trabalhava a questão do corpo, tomar sol nos seios, preparar os mamilos e tudo o mais, e também a questão da espiritualidade, preparando a mãe para ela receber a criança.

V2: Olhe, eu conheci a PC quando ainda morava no Piauí. Eu na época não tinha muito esse aconchego na Igreja, essa vida de trabalho na Igreja, e através de uma moça que era irlandesa, tinha vindo da Irlanda para trabalhar lá no Piauí e com a PC. E aí eu não sei como a gente tornou-se amiga e foi o primeiro convite que ela me fez, o de trabalhar na PC. A PC foi a primeira relação de trabalho voluntário que tive. Aí ela me convidou e eu fiquei meio assim, naquele tempo meus meninos eram pequenos, meus dois filhos, aí eu fui com ela. E aí pronto, a realidade lá é outra, hoje também já deu uma melhorada. Eu fico pensando assim, que há trinta anos, ave-maria se ainda fosse desse jeito, mas aí a gente começou a trabalhar e eu sei que ela fez um trabalho muito bonito com os padres lá também e o pessoal abraçou a causa. A gente preparava multimistura para uma criançada que a gente nem tinha o número de quantas eram porque as pessoas iam lá atrás procurar. Foi o tempo em que saiu que a questão que a folha da mandioca e outras coisas fortaleciam, aquelas pessoas pobrezinhas que não tinham condições de comprar nem remédio, se tornou um grupo muito grande. Nós abraçamos a causa e quando vimos já éramos um grupo de 21 pessoas, mulheres trabalhando com a PC. Toda final de semana a gente ia para aquele local, não tinha máquina para fazer, era tudo manual, no

pirão, a gente botava as folhas para secar no sol mesmo, porque a gente nem sabia na época que o ideal era secar na sombra para hidratar, mas a gente fazia isso e viu o resultado. Na época, lá morreram muitas crianças desnutridas, quando tomamos o conhecimento que tinha que medir o braço, via aquela diferença, que a gente media com a fita, aí ela dizia “o filho de fulano morreu porque era fome mesmo”. Eles passavam muita fome. Trabalhei lá no Piauí cerca de seis anos com a PC. Aí quando eu vim embora para o Tocantins, morei em Miracema, também fui convidada para participar da PC lá, mas devido à situação ter sido muito difícil para nós que tínhamos chegado lá, eu não fui. Aí quando eu cheguei a Palmas, aqui, nos deparamos com a mesma situação, devido à diversidade, aí é que a gente viu coisa feia aqui. As pessoas chegavam aqui não tinham onde morar, não tinha o que comer. Teve criança aqui, o Maurício, que caiu o cabelo e a unha de tanta fome, de tão desnutrido. Foi na época em que os franciscanos chegaram aqui e tomaram conta desse menino. Ele e outros não tinham onde morar, não tinha nada, um franciscano então levou o menino para Goiânia, isso foi em 1994. Aí ele levou para a Santa Casa em Anápolis e descobriram que a queda do cabelo e das unhas eram consequências da desnutrição. Era difícil porque as pessoas também não se ligavam muito e como o trabalho dos franciscanos foi de sair de casa em casa divulgando que eles estavam chegando e a gente começou a trabalhar sem nenhum material, não tinha nada. Não tinha local de reunir, usava a escola para reunir nos finais de semana e fazia sempre esse trabalho de visita. A nossa coordenadora ainda hoje mora lá nas Arnos, na 31. Ela vinha de lá, uma vez ao mês para dar formação pra gente, trazer o material, a gente tinha o material para pesar a criança uma vez ao mês e nós fizemos um grupo bom. Olha até a Dra Zilda veio aqui em Palmas, mais tarde, quando ela soube que a pastoral já não estava tão animada. Nós não tínhamos patrocínio de ninguém, então era aquilo mesmo, para recepcionar era na porta da igreja. Uma vizinha correu e fez um buquê de flores a coisa mais linda, para uma menina receber a Dra Zilda na porta da igreja. Para ela, ela disse que foi a coisa mais gratificante do mundo. Umas vasilhinhas também com as multimistura que nós fazíamos tudo manual, nós suávamos para fazê-las. E a fala de Dra Zilda, em qualquer lugar que ela estava, era aquela mesma coisa, sobre a vida, que a gente tinha que ter muita simplicidade, que tinha que arregaçar as mangas e não ter muita preguiça de estar atrás de fazer aquele trabalho com as crianças porque muito importante era a vida. A defesa da vida.

V3: Olha, um dia a gente estava na missa, eu e as outras que hoje é da pastoral e outras que já desistiram, a gente estava na missa e o padre convidou para uma palestra. Tipo assim uma palestra, e a gente reuniu e foi no dia que ele falou para ir e chegando lá ele foi dando caneta, lápis, aquelas coisas assim, era um cursinho. E aí depois que ele foi falar que era um curso da Pastoral, que era bom a gente envolve naquilo e também tinha a chefe, não era o padre, mas já tinha uma coordenadora, não lembro quem, que não era daqui. Aí depois que a gente fez o curso, a minha filha também fez, mas ela estava grávida, aí ela ainda trabalhou um tempo, mas depois ela tinha duas crianças pequenas. E aí a gente fez o curso e começamos a trabalhar.

V4: Eu conheci a PC em 2000, lá no Maranhão. Só que foi numa época que eu já tava vindo embora pra cá. E chegando aqui, dois anos depois eu conheci um grupo de pessoas que rezavam nas casas, lá na comunidade Nossa Senhora do Rosário. E lá eu conheci e me convidaram para participar dos terços e na época apareceu lá uma coordenadora da PC convidando as pessoas para fazer uma formação. Aí eu não fiz a formação porque não tive como fazer, aí eu entrei só como apoio. Aí depois eu fiz a formação, virei líder e aí começou minha história na PC.

V5: Tínhamos um Padre de Anápolis, aqui na São João Batista. Foi ideia dele montar esta Pastoral. Ele conseguiu um recurso pra gente conseguir a aquisição dos equipamentos. Fogão, geladeira, freezer, panelas, enfim toda a infraestrutura pra gente trabalhar. Foi daí... Por a gente participar da Igreja e ter uma convivência boa com ele, que a gente foi nos unindo; a Marilzete e várias outras pessoas. E a gente tem aquela vontade de estar colaborando com os

que menos têm. Principalmente quando se trata de criança, né... Na época tinha um médico, que hoje é meu amigo, e a gente pedia para ele vir fazer as consultas. Hoje a Pastoral não existe mais não. Ele até me pediu nesses dias se ela tinha acabado. Aqui em Palmas, na 1106, ela não tinha estrutura própria, usava a da igreja. Duraram uns oito anos aqui na paróquia.

V6: Eu conheci um pouco em São Lourenço do Sul, porque eu participei, tinha encontros, eu fui convidada para coordenar a liturgia, animação no encontro da PC. Foi lá que eu conheci, mas eu nunca pensei em atuar na PC. E eu cheguei aqui, em Palmas, nesta paróquia (no bairro Aurenny 3), e não tinha uma criança cadastrada, não tinha uma líder, só tinha a coordenadora diocesana que mora aqui com mais uma senhora que ajudava ela, e aí eu comecei. Agora estou com trezentas crianças e sempre aumenta mais. Está sempre aparecendo mais crianças.

- O que você fazia ou faz no projeto? Tem ou tinha algum cargo?

V1: O primeiro cargo de qualquer membro da Pastoral da Criança é chamado líder. Foi meu primeiro cargo, depois eu fui assumindo também a coordenação da região de Campanha e depois fui assumindo também como monitor de alimentação alternativa e instrutor de educação essencial, porque a gente sempre repassava tudo o que aprendia para os outros líderes já existentes e para os novos também.

V2: Além de líder, eu fiquei um ano como coordenadora da PC aqui da paróquia, na época comunidade, somente.

V3: Olha, visitava as famílias, visitava... Tinha a pesagem, tinha a festinha todo o mês, no último domingo do mês. Era na Igreja, outra hora lá na 75. E sempre tinha o lanche e como não vinha dinheiro o suficiente a gente juntava as líderes e juntava para fazer a festinha, nunca deixou de fazer, direto, direto, todo o mês a gente fazia. Hoje, aquela que era nossa chefe mesmo, mudou para outra quadra e daí depois passou para a Antônia, não sei Antônia de quê, e aí parece que foi desgastando assim esse negócio sabe. Outro dia nós tivemos uma reunião aqui na nossa igreja, ela veio, convidou a gente para erguer a Pastoral e tal, mas ficou mais ou menos por isso, não veio em frente. Aqui parece que são cinco líderes na quadra e parece que tem duas na 75, mas aí quando fala que é reunião a gente vai, sabe. Só que o último dia que nós tivemos a reunião ali na igreja, até o Pe André estava também, sabe, só que eu acho que aqui nessa quadra não tem criança que precise mais, entendeu? Já teve muitas crianças que precisavam, mas hoje em dia o pai é empregado, a mãe é empregada, os meninos ficam o dia todo no colégio, [pausa] entendeu? Já não tem aquela... Porque tem obesidade, mais é pra isso, criança desnutrida não tem mais isso aqui nessa quadra, nem aqui nem na 75. Pode ter nas outras quadras até que essa Antônia perguntou a gente se a gente podia ajudar ela nas outras quadras lá pra são... Santo Amaro e nos Aurenny, aí nós falamos que no dia da pesagem a gente vai porque também assim pra visitar é mais difícil porque é longe, né? Aí depois ela aquietou, não veio mais, nem nada. Porque aqui mesmo, aqui nessa quadra, ali tem uma família que agente acompanhava, eu comprava a multimistura porque primeiro era dado e agora não é, é pago. Eu comprava a multimistura e levava pro menininho dela que é bem franzininho, sabe. Só que lá é seis filhos que ela tem, dois vai pra creche e quatro vai pro colégio integral. O marido é pedreiro, então os que mais precisava na época, que a gente ajudou muito. Quando foi para batizar, todo mundo ajudou, o pessoal da igreja mesmo que batizou e tal, eles era chegando daqui. Então o pessoal ajudou no que pode, era roupa, eu dei berço usado dos meus menino, sabe? Mas agora, marido é pedreiro, não ganha mal, os meninos tudo fica na creche e na escola, tem casa deles. Estão estruturados. Os que mais precisavam aqui... Não é assim que não precisa, não precisa, uma ajudinha às vezes precisa, mas não é aquela coisa. E o cargo que eu tinha era de líder de pastoral.

V4: A minha função é... Eu entrei como líder que era fazendo as visitas para as famílias, mas logo depois teve a necessidade de trocar a coordenação de ramo – a que fica na paróquia – então assim, era uma coordenadora que administrava as líderes, que eram as mulheres que iam

fazer visita. O meu papel era pegar todas as informações que elas traziam das casas, porque a gente tinha um caderninho de acompanhamento delas, elas preenchiam, tinha as perguntinhas e perguntavam as mães como tinha sido o mês. Elas traziam pra mim eu preenchia uma FABS [Folha de Acompanhamento e Avaliação Mensal das Ações Básicas de Saúde e Educação na Comunidade] e mandava pra Nacional que é em Curitiba. Todo mês a gente tinha que fazer isso porque essas informações também vão para o Ministério da Saúde.

V5: Não tinha esse negócio de dizer eu sou o presidente. A gente fazia tudo. Na época a gente fazia muita coisa. A gente ia na hora da missa e pedia para o povo trazer semente de abóbora, folha de mandioca, pra gente poder fazer a multimistura. No início a gente encomendava a multimistura, mas depois a gente mesmo começou a fazer. Fazia alguns eventos para arrecadar.

V6: Sou coordenadora paroquial da PC da Paróquia Santo Antônio. Eu faço a PC funcionar com essas poucas líderes que tem aí, dez líderes. Mas são pessoas que não têm muita formação, mas já me ajudam a pesar as crianças, organizam o local, o lanche das crianças, é esse o trabalho. E eu faço as FABS, que é um relatório sobre quantas famílias estão cadastradas, quantas crianças visitadas, quantas crianças menores de um ano, quantas crianças com seis meses, quantas crianças já completaram seis anos, porque quando chega os seis anos eles saem da Pastoral. E tudo isso aí... Quando estão obesas, desnutridas ou doentes. E envio os dados para Curitiba.

- Recebe ou recebia alguma ajuda de custo para o seu trabalho junto a PC?

V1: O governo federal sempre teve um convênio para dar uma ajuda de custo para o ramo, para a diocese desenvolver o trabalho, para fazer a alimentação alternativa, para comprar alguma coisa pequena, mas pessoal não, é voluntariado mesmo. Líder é um voluntário, coordenador é um voluntário. Todo o trabalho é gratuito, a ajuda de custo é para fazer acontecer o próprio projeto.

V2: Nada, era espontâneo mesmo. Nunca recebemos nada. O que a gente recebia eram as camisetas de identificação para usar durante as visitas. E a cada dois meses nós fazíamos uma confraternização com as crianças, na escola ou na igreja.

V3: Vem da Pastoral. Vem de Curitiba, lá da onde é a senhora que fundou a PC. Vinha de lá. Veio até um carro escrito que é da Pastoral da Criança, mas eu não sei quantos.

V4: Não. Quando entra a gente recebe o livro do voluntário, que eu tenho até ele aqui, que a gente assina que é voluntário, não tem nem que esperar que um dia vai ter uma remuneração porque não existe. É 100% voluntário.

V5: Não. Era espontâneo mesmo. Eu acho que se recebesse ficava muito se graça.

V6: É voluntário. Eu recebo dinheiro que administro para manter a Pastoral, somente.

3º MOTIVAÇÃO, SENTIMENTO E SIGNIFICADO.

- Quais as motivações que o (a) levaram a se envolver com esse projeto?

V1: Primeiro a fé. A gente acreditando em Jesus Cristo, a gente acredita que o mundo pode ser melhor. E a forma que o mundo pode ser melhor é eu dando a minha parcela de contribuição para que o mundo seja melhor. Se você não se interessa pela ação, pela causa da sociedade você também não constrói um mundo melhor. A gente é motivado, acredito que todo cristão é motivado, primeiro a querer transformar o mundo, quer dizer, pensamos numa grande ideologia cristã que é essa, que todos tenham vida e tenham vida em abundância. E exatamente esse é o lema também da PC, João 10, 10 “Eu vim para que todos tenham vida e tenham vida em abundância”. Então, esse lema sempre ficou no meu coração, também pessoal, Cristo veio para que as pessoas tenham vida, quer dizer, todos tenham vida, mesmo aqueles que estão desnutridos. E o grande problema é a abundância dessa vida, usar de todos os recursos, que

todos os recursos estejam disponíveis. Então isso me motivou mesmo, esse texto de João 10, 10; para que a gente realmente ajude o mundo a ter uma vida melhor, que cada pessoa tivesse uma vida melhor. Como era interessante, você numa visita a uma casa, uma mãe com cinco filhos, dez filhos, quer dizer, como essa vida ser melhor aprendendo a dividir entre tantos. Lógico que também sou de uma família grande, então a gente aprendia a dividir comida, roupa, a dividir tudo. Então isso também nos mostra que a gente precisa mostrar aos outros como aprender a partilhar, que é um dos grandes problemas do nosso tempo é o homem partilhar. Retomando aquela pergunta anterior, “qual a dificuldade?”, a dificuldade ainda é a partilha das pessoas, a partilha de tempo, a partilha de experiências, partilha de paciência, isso também falta muito para a sociedade hoje. Quer dizer, é fruto do nosso tempo, do capitalismo. As pessoas ficaram mais individualistas, hoje você tem um celular com pessoas em redes sociais, então você não precisa olhar frente a frente, como nós estamos aqui; ver sua reação, se gostou, se está chateado, e lá nas redes sociais não, você pode estar mentindo, fazendo outras coisas, é uma realidade desse tempo que a gente vive.

V2: Eu penso que, o que eu falo muito dentro de mim hoje é o amor ao próximo, de se preocupar com aqueles mais necessitados. E porque que a gente via isso naquele tempo e eu vejo isso até hoje, que isso pra mim eu sempre falo que nunca vou deixar de fora um trabalho comunitário e o da PC era que me chamou atenção até porque eu já tinha a experiência de um lugar muito mais pobre do que aqui e assim a gente deixou os frutos, viu as crianças crescerem saudáveis, a gente viu as mães elogiarem, dizer que a partir do momento que o filho estava participando daquilo tinha melhorado. Aí veio a melhora da saúde, da vida mesmo e até na escola porque a fome acaba e pra mim ficou uma lição, eu nunca mais fiquei fora de trabalho comunitário da Igreja porque para mim tudo o que eu faço é de coração e eu vejo também na Igreja esse trabalho de sempre ligar a fé com a vida, não só às vezes louvar, rezar lá sem estar vendo a necessidade do outro, sem saber como está a vida das pessoas que necessitam da gente.

V3: Olha uma coisa assim que a gente... Eu achava bom ficar assim no meio das crianças, ajudar a pesar, quando era aniversário de alguma a gente levava um bolo... As líderes mesmo que juntava, sabe, o dinheiro que vinha não dava pra isso não. Fazia um bolo de aniversário, fazia vaquinha, quando era Natal juntava também. A Ana... Aquela é porreta... Ela juntava, ela punha envelopinho na árvore lá na São José pra cada um tirar um daqueles bilhetinhos para dar um presente dia de Natal para as crianças e vinha os presente, a gente... Eu me sentia bem em ajudar os que precisava e ajudava a fazer o bolo.

V4: O que me levou a me envolver foi a própria Igreja, porque ela tem um cuidado com as pessoas mais carentes. É um trabalho social que eu gosto de fazer e me identifiquei muito com as dificuldades que as mães falavam pra gente e a gente ia se envolvendo e cada vez mais gostando do trabalho e assim quando a gente vê nem sabe explicar o tamanho do amor que a gente tem por estar cuidando dessas pessoas. Então era isso que me levava a cada dia, não é fácil, é difícil, mas a cada dia a gente enfrentava a dificuldade delas juntas. A Igreja motiva a gente a ser mais cristão, estar mais presente na vida das pessoas, ter mais cuidado, um zelo pelas pessoas que mais precisam. São pessoas que não têm muitas informações, não têm muito conhecimento, então a PC prepara a gente pra gente ir até essas pessoas, conhecer a dificuldade delas e partilhar com elas.

V5: A fé sem a obra, é uma fé morta. E eu considero tudo isso que eu fazia na época, a obra. Não adianta a gente só ir na igreja rezar, pedir, e muitas vezes até esquecer de agradecer, e não fazer nada. Vai lá e fica uns 40 min. dentro da igreja e depois não faz mais nada. Então, é doar um pedaço do seu tempo pra quem mais precisa.

V6: Eu gosto de trabalhar com o povo. Eu gosto de ir no meio do povo, de trabalhar com o povo pobre, com as pessoas que precisam. E como religiosa, nós temos uma missão, uma missão de levar adiante a Pastoral, trabalhar na Igreja, ajudar onde precisam de mim. Onde

precisam de mim estou lá. Então esse é um dos motivos que me levam a levar adiante. Quando me dizem assim “não pega muitas crianças, não vai muito atrás, tu não vai poder” eu digo “não, enquanto eu posso vou levar adiante, eu acho alguém pra me ajudar e eu vou levar adiante, sim”.

- Como você se sentia ou se sente ao trabalhar na PC?

V1: Eu me sinto realizado, poder dar parte da minha vida também e contribuir para que outras pessoas sejam melhores. É uma realização pessoal quando eu entro no projeto da outra pessoa e sou capaz de ajudar a outra pessoa.

V2: Na época eu me sentia bem e ao mesmo tempo insegura, porque eu não tinha uma formação. A formação que a gente tinha era assim, o material que vinha muito livro e a gente lia aquilo ali. Então a gente trabalhava numa coisa que eu pelo menos não tinha muito conhecimento se aquilo ali era certo se estava fazendo um trabalho certo mesmo, mas assim, quando a gente juntava a equipe e colocava isso, todo o mundo falava que era inseguro, mas a gente via que estava fazendo isso e que estava dando certo. A gente estava na parte prática sem saber muito bem como era a teoria. Não tinha muito conhecimento em relação à saúde, à desnutrição. Assim, no final, na época em que a pastoral aqui praticamente acabou, até médico já vinha pra cá, tinha um médico que vinha uma vez por mês atender as crianças aqui na igreja. Ele começou vindo assim, a gente convidou para ele vir aqui dar palestra. Tem uma pediatra chamada Dra Érika, ela veio, o esposo dela também veio, conversamos sobre o trabalho e eles também vieram ajudar. Foi uma experiência que ficou real.

V3: Eu achava bom demais sair assim nas casas procurando as crianças e vendo se alguma estava doente porque se tá doente e não conseguiu médico é aquela coisa, a gente tem que enfrentar. E ajudar a comprar o remédio, que a gente já fez isso, se a pessoa não consegue, a gente tem que dar um jeito, fazer uma vaquinha e comprar o remédio. Eu sempre ajudo. Ajudo na PC, ajudo na creche que tem, que eu nem sei onde é, mas sempre vem um rapaz pegar um dinheiro, sabe. Criança a gente tem que dar apoio porque hoje em dia tá tão difícil quando eles querem uma coisa que o pai ou a mãe não conseguem dar.

V4: Ah, realizada! Porque é um trabalho muito bom de fazer, muito bom. Hoje assim, a gente não trabalha mais, passei dez anos trabalhando na PC. A gente não trabalha mais... [lágrimas] Até me emociono com isso... [lágrimas] porque a PC não trabalha com a dificuldade que eles enfrentam... Deixou de ser desnutrição para ser violência. Então a gente não consegue acompanhar, a Igreja não tem essa preparação. Então assim, hoje lá é difícil, a gente vê criança que a gente acompanhou hoje no mundo das drogas. Algumas crianças até já morreram na violência. Porque o objeto da PC é a saúde, a preocupação com a desnutrição, então hoje há muita criança lá que já cresceu, tem seus treze, catorze anos e que hoje é só envolvido com droga. [em “lá” a entrevistada se refere às quadras 612, 712 e 1304 Sul].

V5: Me sentia feliz demais. Eu acho que você se completa. Parece que você tira um peso de suas contas. Se não você fica só no comodismo.

V6: Me sinto bem. Me sinto bem, envolvida com esses pobres que precisam da gente. É diferente trabalhos com os pequeninos, se bem que quando eu trabalhei na creche, por 18 anos, eu também trabalhei muito com criançinhas desse tipo. Eu cuidava de um dormitório à noite com dezoito crianças pequeninas, tinha de seis meses até 6, 7 anos naquele berçário. Durante o dia eu cuidava para observar se não estavam doentes, se não estavam com febre, a minha responsabilidade era ver a saúde delas. Eu me sinto bem, muito bem... Dá uma sensação de mãe [risos], porque é maternidade e ajudar, porque a gente como religiosa tem esse sentimento, essa coisa de ver as crianças, de orientar as mães.

- De onde vem essa vontade de ajudar neste projeto?

V1: A partir de Jesus Cristo, o amor ao próximo. “Amai-vos uns aos outros”, quer dizer que está enraizado sim no cristianismo e também estar realizado no humano, o humano só pode

amar quando ele também se sente amado. É reciprocidade desse amor.

V2: É o amor, o amor de Deus. E saber que alguém está bem através de uma ação, isso me fortalece muito.

V3: É de mim mesma. Sempre a gente ganha uma ajuda e ajuda o outro...

V4: Ah, meu irmão, é do coração mesmo.

V5: Essa vontade vem do coração. Eu gosto muito de ajudar. Doar meu tempo e também coisas que as pessoas precisam. Você vai fazer a felicidade de alguém. E com isso você também se sente feliz.

V6: Para mim é uma missão. Porque eu já trabalhei na saúde também e foi aí onde despertou a trabalhar na missão. Antes de ser religiosa fui convidada a trabalhar num hospital, quando tinha uns 28 anos. Fiquei dois anos no hospital, antes disso trabalhava em casa de família como doméstica, depois eu fui trabalhar no hospital e lá eu achei que ali estava a minha vocação, de cuidar de quem tem vida, de salvar vidas. E se eu estava trabalhando não olhava a hora, eu ficava lutando para que a pessoa se recuperasse. Eu trabalhava numa sala de cirurgia e trabalhava na maternidade, ajudava na sala de parto, ajudava onde precisava.

- Tem ou teve apoio para essa missão?

V1: A família foi aquela que realmente ajudou, impulsionou muito a estar nesse projeto e a Igreja acolhe todos que querem servir. Agora, a Igreja hoje, na PC, em todas as pastorais, tem um pouco de dificuldade também para apresentar o projeto porque ela tem muitas realidades ou muitas demandas ao mesmo tempo e às vezes ela não consegue focar. Na verdade nós temos na pastoral a coordenação nacional forte, mas eu vejo que as dioceses ainda não conseguem dar a resposta devida que deveria, ou seja, a Igreja hoje, ela precisaria mais ainda atender essa realidade de todas as pastorais, inclusive da PC. Porque como eu disse para você também, a PC ocupa um espaço na sociedade, a sociedade ocupou o espaço que a Pastoral havia apresentado como políticas públicas a serem exercidas e então também isso mudou o cenário nacional. Quer dizer que na cabeça dos bispos agora tem alguém que assume essa missão, o próprio governo está assumindo, então nós temos que ir para as águas mais profundas como diz o Evangelho. Então nesse aspecto, agora em janeiro vai se celebrar a vida de Dra Zilda Arns, iniciando a coleta de assinaturas para pedir a beatificação dela, devido ao projeto visionário dela, uma marca importantíssima na Igreja, no Brasil todo, então agora em janeiro vai acontecer esse evento. Esse evento é uma forma de reconhecimento do trabalho dela e da PC. Ela foi uma pessoa que doou a sua vida em uma missão para transformar o Brasil, e morreu exatamente em missão.

V2: Tive. Primeiramente Deus, a comunidade. E apoio da família eu sempre tive, apesar de que na época meu marido não era muito igreja, mas nunca impediu. E toda vida eu fui muito líder, aquilo que eu sabia que era missão para mim e que eu tinha responsabilidade, que eu tinha me dado o sim dizendo que eu ia fazer.

V3: Tive. Quando meu esposo era vivo eu falava to indo a tempo de voltar pro almoço e deixava o café e tudo arrumado. Era todo domingo que fosse pesar na parte da manhã.

V4: Tive. Tive muito apoio do meu esposo. Assim, porque uma vez por mês a gente reunia todas essas famílias, lá na 712, então a gente um dia antes preparava lanche, bolo, a gente pedia patrocínio, tinha algumas pessoas que nos apoiavam e ajudavam a gente. E a gente reunia toda a criançada da PC com a família para fazer a celebração da vida.

V5: Tranquilo, isso aí nunca teve problema não. Sempre fui apoiado pelos familiares. Quando você está fazendo um bem ao próximo é muito difícil ter obstáculos. A minha esposa também trabalhava na Pastoral.

V6: Quando eu vim pra cá, não me disseram o que eu vinha fazer aqui, que serviço eu iria pegar aqui. E eu cheguei aqui e a Antônia pediu para eu trabalhar na PC, eu disse que podia trabalhar, mas que pouco sabia sobre a PC. Aí eu encontrei o padre Paulo e ele também me

entusiasmou, encontrei o arcebispo também, o Dom Pedro, ele disse para o padre Paulo que me colocasse na PC e o padre me colocou na PC.

- Quais são os benefícios trazidos pelo trabalho na PC? Nível pessoal e comunitário.

V1: Eu tenho a Pastoral como parte da minha vocação também, porque ela me ajudou a entender que eu teria que ajudar as outras pessoas, na minha vida toda eu teria que ajudar as outras pessoas, ela não teria sentido se não fosse assim. E mais uma vez que todos tenham vida em abundância, eu tendo a vida em abundância que os outros tenham também a vida em abundância. E para o comunitário acredito também que quando você resgata pessoas, você traz projetos sociais em todos os sentidos para uma vida comunitária, você também está transformando aquela sociedade e fazendo aquela pessoa ser mais feliz lá no futuro. Se a gente tivesse hoje igual à Rede Globo está fazendo aí com o Criança Esperança, falar da PC é falar em diversos momentos dessa pesquisa de muitos projetos no Brasil, justamente por isso, porque ficou essa marca, talvez tivesse muitas crianças que fariam como foi ser resgata, sair do baixo índice de nutrição e hoje vencendo aí na vida. Comunitária ela vai deixar uma marca realmente de “a Igreja olhou para mim”. A PC ocupou esse grande espaço na sociedade, “a Igreja olhou para mim”.

V2: Para mim, através desse trabalho eu cresci, eu comecei a ver e com a visita da Dra Zilda, na época que ela veio e falou que era um trabalho que ninguém era obrigado a fazer, que era voluntariado, mas que quem fosse fazer fizesse com carinho e eu mesma fui vendo que não precisava ter uma formação obrigatória porque aquilo era um trabalho comunitário e assim, eu fiquei mais segura porque as coisas foram acontecendo, a gente foi trabalhando e a gente começou a estudar, a gente foi tendo certeza que aquilo que estava fazendo era certo. E para a comunidade o benefício é essa questão da criança. Na época os padres iam buscar roupa em Brasília para fazer bazar aqui, porque a PC não tinha dinheiro. Vinha gente do centro aqui para comprar roupa usada. Dinheiro que era usado na alimentação e inclusive na construção de casas que eram construídas em mutirão. Naquela época a Pastoral da Juventude também ajudava, o grupo de jovens sai na rua pedindo alimento para fazer cesta básica, eles queriam fazer um gesto concreto.

V3: Você sabe o que acontece? Acontece que quando as crianças crescem na PC elas envolvem mais na Igreja. Sabe que as crianças vê a gente e outras crianças indo e também quando não tem a PC no meio, criança não vai. Criança não gosta de ir na igreja, todo mundo sabe disso. Mas tem que crescer na Igreja, nem que depois de grande não vai, mas enquanto a gente tem como manter na Igreja é bom.

V4: Em conhecer, em conhecimento, porque a gente tem uma formação, uma preparação mais humana, mais cristã. Então isso ajuda muito e o reconhecimento que as pessoas têm, eles se aproximam mais da gente, buscam mais a gente por estar envolvido na PC. Ainda hoje a PC no São José tem três anos que acabou, mas as pessoas não deixam de me ligar na hora de uma dificuldade, de uma orientação, a gente tá sempre orientando. Não tem mais a PC, mas as pessoas ainda buscam ajuda, porque foram dez anos. Na época, a PC foi a primeira pastoral criada na comunidade, ainda não tinha nem Igreja. Então assim, a comunidade cresceu muito com a PC porque a gente tinha aquelas visitas nas casas e aí informava sobre a Igreja, a participação da comunidade aumentou muito com a PC. Então o objetivo da comunidade, da Igreja, era que todos viessem e aí foi muito bom para a comunidade. A comunidade era beneficiada com o Mesa Brasil, aí durante o mês vinham doações e a gente era cadastrado, eles davam... Nós fizemos o cadastramento da quantidade de famílias que a gente tinha e aí vinha aquele material e a gente passava para as famílias. Tudo se distribuía para as famílias. Final de ano, do mesmo jeito, sempre tinha alguma coisa que eles beneficiavam, mas não pela gente, por eles, nós éramos só a ponte de chegar até eles.

V5: Primeiro é a questão de fazer o bem. E depois a gente trazia o pessoal para a igreja. Teve

mães que começou a ajudar a gente na Pastoral. Pra gente também é muito gratificante. Inclusive a mãe de uma das crianças me convidou para ser padrinho de seu filho. Isso me alegrou muito. Nunca tivemos curso de preparação. Tínhamos uma cartilha e orientações do padre.

V6: Em princípio acho que a espiritualidade e a ajuda à formação para as mães, porque nesses encontros sempre há palestras e entusiasmo dessas mulheres, além da saúde. E aqui tem muita coisa agora que está surgindo nas mãos das mães e tem a Casa de Marta que acolhe as gestantes com 14, 15 anos. Me sinto muito feliz de poder ajudar, muito feliz em poder ajudar os outros, por que parece que a minha missão aqui é ajudar as mães, ajudar essas crianças, e isso é muito importante para mim.

- Quem você destacaria como importante para a PC?

V1: Dra Zilda Arns. Ela realmente foi muito importante para a PC. E também o filho dela, Dr. Nelson, que segue até hoje na PC. Estive em Curitiba, há pouco, em curso sobre diretores espirituais, quer dizer, há muitas pessoas envolvidas no projeto, no Brasil todo, mas em cenário nacional os dois é que foram os mais importantes.

V2: Dra Zilda.

V3: Pe Paulo... E aquela que morreu, a Dra. Zilda.

V4: Importante... Acho que todos que já trabalharam na PC. Todo ser humano que queira conhecer a PC é importante, porque PC é assim você, vamos supor, entra cego e sai bom das vistas, porque ela ensina muito. Destaco a Deuzina, a Neide, a dona Aparecida, que até hoje estão lá e se for para recomençar a PC elas estão prontas. E nacionalmente destaco a Ir. Vera, que atualmente coordena a PC; e o filho da Dra Zilda, que está implantando a PC fora do Brasil, porque era uma missão da Dra Zilda, inclusive ela morreu em missão. Ela estava no Haiti, implantando a PC na época. Conheci a Dra Zilda pessoalmente, em congresso e em formações.

V5: O que foi bom na Pastoral foi o envolvimento da comunidade. Da Pastoral da Criança saíram outras pastorais, de pessoas que foram se envolvendo. Tinha muita coisa morta. A Pastoral foi avivando muita coisa dentro da Igreja. Foi uma pena ter acabado. Tínhamos um padre que deixou a batina e com isso começou a esfriar até que acabou. O que segura a pastoral é a espiritualidade. Pastoral sem religião não vai pra frente.

V6: As coordenadoras da Pastoral que orientam para a caminhada. Nós temos o coordenador diocesano, o coordenador estadual, agora a Antônia vai sair, mas teremos outro coordenador o senhor Celso.

- O que é mais significativo dentro dos trabalhos da PC?

V1: Eu acho que é a pessoa sair um pouquinho de si para o outro. Todo o trabalho de pastoral é esse, a pessoa tem que sair um pouquinho, dedica um pouquinho para ir até o outro.

V2: O incentivo, ensinar as mães a trabalhar. A gente fez um trabalho muito bonito. Vinha uma moça, da ação social, ensinar as mães a fazer alimentação alternativa. Outra coisa que lembrei é que nós fazíamos sabão caseiro. Mas as mães participavam porque tinham interesse na área da alimentação.

V3: [risos] Eu gostava da pesagem, porque sempre tinha uns choravam, outros que riam... E dia de presente então... Olha quando nós começamos na PC tinha até dentista, psicólogo vinha, entendeu? Para dar palestras, porque tem criança que também precisa de psicólogo. E dentista arrumou muito dente, e os que não dava para arrumar aqui depois tinha o consultório lá na São José, entendeu? Aí arrumava os dentinhos das crianças, e quando era preciso bater um raio-x alguma coisa, era lá no fim da Palmas Brasil [apelido de uma rua da cidade]. É... Tinha consultório dental.

V4: Era a celebração da vida, que era todo final de mês e juntava todo mundo. E assim, a

gente sempre levava uma pessoa para dar palestra, fazer brincadeira com as crianças, orientar as mães, porque assim, infelizmente tem mãe que só carrega o nome, mas não sabe qual o significado dela na vida da criança.

V5: Como eu disse antes, a Pastoral veio reavivar muitas coisas dentro da igreja. A Pastoral animava o povo. É igual a você fazer uma caminhada só e você arranjar um companheiro pra caminhar junto. Anima, né?!

V6: Esse trabalho como um encontro com as mães, de orientação, com as crianças. Por dar informação para elas e autoestima porque ajudamos elas.

- Qual a importância da PC na missão da Igreja?

V1: Ajudar a que todos tenham vida em abundância. Essa é a missão primordial da Igreja, fazer Cristo ser reconhecido em todos os cantos, por todas as pessoas.

V2: É uma pastoral que trabalha o humano da pessoa. E eu vejo que a partir do momento que você trabalha com o humano da pessoa, a gente precisa não... Eu sempre falo que antes de a gente exercer uma profissão, não pode esquecer da nossa parte humana, das nossas misérias, das nossas fraquezas, mas assim, o trabalho da PC resgata muito isso. Quando a Dra Zilda morreu naquela época o mundo todo se sensibilizou por perder uma pessoa que foi um bom sinal, que incentivou, ela buscou muitos recursos, mas acima de tudo ela valorizava muito a vida.

V3: eu acho que ... Sempre a gente, aquelas crianças que era da pastoral ainda hoje vai pra Igreja. É uma ajuda para puxar as crianças para a Igreja. Não é na Igreja que a gente faz as reuniões, as coisas, embora tenha vez que seja, mas se tem um padre, as pessoas chama mesmo para ir pra Igreja, quem não quer batizar quer que batize, a gente fala que é pra batizar e tal. É bom a Igreja fazer isso porque aí está puxando um pouquinho as pessoas para a Igreja.

V4: A Igreja em si é o ponto de apoio da PC e quem ganhava era a Igreja porque era papel dela fazer isso, mas aí já tinha esse grupo nacional que dava toda a formação e todo benefício vinha só pra Igreja, porque havia o reconhecimento das pessoas e participar da vida da Igreja. A Igreja ganhava muito com isso.

V5: Como eu disse antes, a Pastoral veio reavivar muitas coisas dentro da igreja. A Pastoral animava o povo. É igual a você fazer uma caminhada só e você arranjar um companheiro pra caminhar junto. Anima, né?!

V6: Eu acho assim, a espiritualidade eu acho que é. O ganho da formação espiritual, a Igreja fica mais conhecida também porque tem gente que não conhece nada sobre a Igreja. [a Ir Nair, que acompanha a entrevista e que é da mesma congregação da Ir Noemia (Irmãs de Notre Dame) não resiste e também faz um comentário “É interessante, assim, quando a gente convida para a PC, eles querem saber que Igreja é e eles têm medo que a gente vai buscar eles também para a outra Igreja, ficam desconfiados”.] – E a Ir. Noemi prossegue: A gente convida para a PC e alguns dizem “não, a minha igreja já tem” e eu digo não é a Igreja, é toda Igreja, é ecumênica, não é só Igreja Católica ou evangélica, é quem precisa, sua criança pode não estar precisando, mas outras estão, e isso é o nosso trabalho, de ver o desenvolvimento da criança como um todo. O desenvolvimento da criança desde o ventre materno até a idade de seis anos, independentemente de religião.

4º DIFICULDADES

- Se decepcionou com alguma coisa da PC?

V1: Bom, praticamente nada, talvez o que é mais sério entre nós é a dificuldade de pessoas para esse trabalho e às vezes o que aconteceu muito foi de pessoas quererem usar até para emprego, para entrar nos conselhos comunitários, mas isso é inevitável no Brasil, pois é até cultural.

V2: Não, até porque a gente não tinha uma divulgação talvez e era difícil mesmo para correr

atrás de recurso. Às vezes alguns líderes faltavam reunião ou até famílias, mas aquilo a gente sempre levou como normal e quando faltava a gente ia atrás para saber o que tinha acontecido, a gente tinha tanto tempo para fazer isso.

V3: Nada. Sempre deu certo. A gente era muito unida, as líderes.

V4: Não, porque a característica da PC é clara, não adianta a gente entrar achando que as coisas vão ser fáceis. Primeiro a gente que tá na Igreja entende que a gente mexe com ser humano independente de como ele seja, então a PC prepara a gente para aceitar as pessoas no seu jeito, na opinião dela, do jeito que ela é, então isso fica mais fácil da gente trabalhar, que lá a gente tem os líderes que fazem a visita e cada um tem um pensamento diferente, e eu, como era coordenadora, era preparada para mexer com cada um, na sua dificuldade. Então assim, na PC, pelo menos aqui, sempre a gente fala com as meninas, fala com o padre também, que é uma pastoral que nunca tinha desavenças uns com os outros, porque todo o grupo sempre tem e a PC, em dez anos que a gente trabalhou nunca houve uma desavença de uns com os outros. E quanto a PC ter acabado na Paróquia São José, não foi uma decepção porque a gente vinha lutando contra uma coisa que já não tinha mais, então assim já estava ficando muito difícil. Porque a gente tem a FABS, e na FABS todo mês pergunta quantas crianças estão desnutridas, quantas obesas, quantas tiveram diarreia, que esse é o problema da criançada, e já não tinha mais. Acho que a Igreja tem que... Por que você sabe que a nossa sociedade está tomando um rumo muito diferente, desgovernado, que é a droga; então assim, nunca ninguém tá preparado pra isso. Então, a Igreja em si, não sei quando que ela vai abrir os olhos para esse lado, que é muito difícil, assim até hoje eu não vejo que a Igreja tenha essa coragem de enfrentar, se preparar para enfrentar isso. Enfrenta a família, a criança, o idoso, mas nessa parte... Eu vejo ali na paróquia, vira e mexe eu falo com o padre que assim o sentido do grupo de jovens eu não vejo... É ir atrás desses jovens aí que estão soltos para não deixar cair no mundo das drogas. Aí fica só aquele grupinho dentro da Igreja, atrás daqueles que já estão lá dentro. Aí não tem sentido também, eles não estão preparados, a Igreja nunca preparou eles para uma missão...vão fazer missão, vão fazer missão lá em Lavandera enquanto bem aqui, na biqueira da casa tem jovem ali, jovem que eles conhecem...

V5: Nunca me decepcionei com nada. Apesar de não ter nenhum custeio, a turma era unida. A minha frustração é com o término da Pastoral na comunidade. Não precisava. Nem que fosse para atender em outra parte onde havia mais crianças.

V6: Ah, às vezes sim, porque há falta de gente para trabalhar, de perseverança. E o padre Paulo outro dia me disse assim “Bah, irmã, eu te consegui para a PC e não consegui mais ninguém para te ajudar”. Eu digo, pois é eu pedi pra tu me ajudar e tu não me ajudou [risos]... Ontem eu saí para ver uma líder que está por desistir e eu perguntei pra ela “o porquê que tu vai desistir?” e ela disse “porque eu não tenho jeito de chegar numa casa e convidar, ficam todos olhando para mim”. Eu digo assim, tu não tem jeito pra isso, pode me ajudar de outra maneira, vem fazer as visitas comigo que eles olham pra mim [risos]. E a gente dá uma mensagem evangélica, uma coisa assim que anima, eles aceitam a gente. E se diz assim, sou evangélico, mas a gente diz não tem nada a ver, sou católica, mas estou aqui. Eu tenho líderes que são evangélicas.

- O que você mudaria no projeto para que ele ficasse mais interessante?

V1: Eu acho que a Igreja está dando essa resposta, aliás, a Igreja não, os líderes de pastoral estão dando que é a questão da beatificação da Dra Zilda, porque você veja bem, quando um projeto, ele fica com uma marca indelével, se santificar alguém, aquela marca vai ficar para sempre. Então um santo, lógico que nós temos milhões de santos no mundo não tenha dúvida, pessoas que são perfeitas, mas se a Dra Zilda realmente alcançar essa glória, a marca da pessoa dela, a PC vai ficar impressa no coração do brasileiro, porque muitas pessoas vão querer beber dessa espiritualidade também, porque existe um trabalho social, mas existe

também uma espiritualidade, existe uma mística desse trabalho, que é exatamente fazer as pessoas saírem de si mesmas e irem ao encontro do outro.

V2: Eu acredito que hoje, como é uma pastoral, que é um incentivo pra vida, o que tinha que mudar é que as pessoas abraçassem a causa, principalmente os governantes, a ação social, essas pessoas que a gente sabe que teriam todas as condições de divulgar, de trabalhar, de espalhar esse trabalho nas periferias, naqueles lugares que têm muita necessidade. Aqui em Palmas há muita carência, tem muita gente que passa fome ainda, que passa necessidade. A gente fala que passa fome, talvez ele até tenha o arroz e o feijão para comer, porque isso aí não falta, mas na questão da alimentação isso não é o suficiente. A gente tem isso aqui.

V3: Voltar igual era que tinha dentista, coisa assim, tinha psicólogo.

V4: Eu acho que se ela mudar a característica dela não funciona. Só precisa se adaptar a novas demandas... E eu acho que nem isso vai conseguir porque não tem preparação. Quando a Dra. Zilda começou foi em parte de saúde e a gente é orientado nessa parte social, vou na sua família está passando necessidade de alimentação, nem isso a gente não fazia porque conhecia a família a fundo, mas havia esse outro lado desse problema, que é a Pastoral Social da Igreja, e ela quem ia lá. Nossa parte social realmente é a saúde, porque senão a gente não dava conta.

V5: Não mudaria nada na metodologia da pastoral. Apenas a questão do espaço físico que nós não tínhamos e que dificultava as ações.

V6: Até hoje ainda não achei... Pode até ser que tenha, mas não tenho claramente o que eu iria mudar. [nova contribuição da Ir Nair: Eu penso assim, vendo ela trabalhar, é muita burocracia, é muito pedido, é muita pergunta]. E se tem um errinho eles mandam de volta. Eu não posso ter um número errado, se eu errei o número de crianças, eles me mandam de volta. Se eu esquecer de uma data, eles mandam de volta.

- Esse trabalho exigiu muito de você?

V1: Não, porque na realidade nós somos cooperador. O grande problema das pessoas é que acham que a gente assume a missão e tem que fazer tudo sozinho e não é verdade. Tudo na vida da Igreja, se nós trabalharmos em equipe e parcelando e dividindo e sabendo dividir, sabendo administrar essa divisão de poderes e serviços, o fardo fica mais leve. E quando estiver pesado, a gente joga para Jesus, Ele mesmo disse “quando estiver pesado demais o fardo joga para mim, que o meu é suave”.

V2: Não, até que não exigiu muito não. Porque a gente se planejava, se organizava, sabia que no segundo domingo do mês a gente se reunia e visitava as famílias. Uma vez no mês a gente visitava e outra vez reunia para pesar as crianças. Eu não me cansava e na época eu trabalhava na sala de aula com 40 horas, de manhã e de tarde e aí eu fico analisando que talvez se fosse hoje eu não tivesse mais esse tempo, essa facilidade de sair daqui correndo com sol quente visitar as pessoas.

V3: Não. Assim porque eu sou aposentada, de vez em quando viajo, mas quando eu não tava presente deixava uma em meu lugar, a Neide. Aí ela me substituía ela e eu... [risos] fazia o papel dela e o meu.

V4: Não, porque era uma vez por mês que eram feitas as visitas e uma vez por mês a gente se reunia. E aí se acontecia alguma coisa com as famílias, as mães sempre procuravam a gente, ou se tinha alguma que estava mais doentinha, uma responsável ia visitar e estar conversando, mas não cobra muito do tempo da gente não.

V5: O trabalho não exigiu muito de mim não, nem me cansou. Pelo contrário, ele desestressava.

V6: Exige porque eu tenho que caminhar, eu ando muito de um lado para o outro distante. O bairro é grande e eu ainda não fui por todo o bairro, falta cadastrar muitas pessoas. E agora surgiram os predinhos, eu vou ter que fazer umas visitas. Outro dia já veio uma assistente social da prefeitura pedir para nós darmos um pouco de assistência para essas famílias. Aqui

nesse bairro há mais de trinta mil pessoas vivendo. Há até duas ou três famílias dividindo o mesmo espaço e à noite botam os colchões no chão para dormir, vivem em duas ou três peças. E eu vou numa casa no Lago Sul que tem doze crianças na mesma casa. Filhos de mães diferentes e também de mães que também deixam as crianças porque são traficantes, ou as pessoas pegam pra criar, porque o pobre ajuda o pobre.

- Pensou em parar de ajudar em algum momento? Por quê?

V1: Não. Nunca deixei de ajudar, mesmo depois de padre ajudo na direção. Lógico que o que acontece às vezes na Igreja, quando a gente assume muitas missões (já fui pároco, Vigário Episcopal, sou do Tribunal Eclesiástico, já fui juiz e hoje sou defensor do Vínculo Promotor de Justiça, sou Diretor Espiritual da PC, sou Diretor Espiritual do ECC terceira etapa, sou pároco da Paróquia São João, sou vigário geral do arcebispo, mais uma missão junto com ele) ou seja, nós assumimos um monte de coisas, isso quer dizer que a gente tem que estar o dia e a noite por conta de uma missão ou se teria que ficar num lugar só. Só a missão de ser pároco já é absorção, então se eu pegar e ir atrás de cada situação a ser resolvida então acabou, aí não precisa de mais nada, mais nenhuma coisa para fazer. Essas pessoas todinhas que estão aqui sob o meu pastoreio têm milhões de necessidades. Se eu estivesse envolvido mais ou se eu quisesse me envolver mais, eu quero, eu posso, eu devo? Eu tenho condições de fazê-lo? Em toda ação a gente tem que perguntar tudo isso. De repente eu até quero, mas não tem como fazer. Então o trabalho da vida da Igreja é imenso, porque quando você quer mudar a realidade da sua vida a partir da vida do outro, você tem que ajudar o outro a entender como viver melhor. E fazer o outro entender que ele precisa viver melhor.

V2: Não, nunca pensei. Engraçado que a gente foi até o final, a mesma equipe. Até o “final” porque quando chegaram outros padres, já não franciscanos, não houve outro apoio para continuar o trabalho. Sinto falta disso, embora hoje as famílias já estejam melhor estruturadas, os pais já têm seu trabalho, mas ainda há carência de pessoas que precisam de ajuda, diante das mais variadas situações.

V3: Não, não pensei não. Só que agora esfriou. A hora que reerguer, eu gostaria que voltasse a ser como era.

V4: Não, mesmo diante das dificuldades que a gente enfrentava, estava envolvida na Igreja e gostava do trabalho. Saí mesmo porque acabou.

V5: Nunca pensei em parar. Pelo contrário, gostaria que ela tivesse continuado.

V6: Não, recém que estou no início. Enquanto a gente tem saúde para caminhar tá bom.

ANEXO 2

Literatura de Cordel

ZILDA ARNS NEUMANN (vida e obra)

Autor: Júnior Brasil (Palmas-TO)

*Nascida em trinta e quatro, para os pobres viveu
Toda a sua habilidade com carinho exerceu
Para crianças salvar, atingindo o almejar essa guerreira venceu!*

*Assim começo o folheto que você está a ler
Sobre essa sanitarista que teve o que fazer
Pois as crianças morriam sem água se ressequiam e ela as fez viver!*

*Ela era Zilda Arns, mulher muito especial
Que se foi para a glória do Papai celestial
Do seu duro batalhar lá na glória divinal.*

*Vamos logo ao início dessa história maneira
De uma diva da coragem, de uma boa guerreira
De um exemplo de vida, uma moça verdadeira.*

*Gabriel era seu pai, sua mãe era Helena
Era dócil, mas não frágil e se fez desde pequena
Exemplo de fé e força por sua ação serena.*

*Irma de um sacerdote que ao Brasil muito honrou
E que por nossos direitos, firmemente atuou
E à insana ditadura com brio desafiou.*

*Esse irmão é o Cardeal que em Sampa pastoreou
Dom Paulo Evaristo Arns que para o mundo mostrou
Como age o cristão que a cristo agradou.*

*Sua irmã, religiosa, não tinha a vocação
Para ser freira, pois outro foi o seu chamado e missão
Outra foi sua carreira, na vida outra visão.*

*Seguindo esse chamado, Pai do céu determinou
Estudos ia seguindo e aos poucos se formando
E em médica a moça esta se transformando.*

*Ela foi de Forquilha, cidade onde nasceu
Pra capital, Curitiba e ali desenvolveu
Sua formação de vida, o dom que Deus concedeu.*

*Pois o nosso Deus da vida há muito tinha pensado
E à Zilda, fiel serva, já tinha determinado
Que às crianças salvasse como Deus tinha sonhado.*

*Depois que se diplomou, foi se especializar
Na USP ela passou, na Colômbia, a estudar
Pediatria Social esta a assimilar.*

*Seu estudo incessante muito a capacitou
Para ser a grande chefe de um trabalho a preparou
Para salvar criancinhas, nosso Deus a enviou.*

*Mas antes de seu destino, na terra ela cumpriu
Ela foi para o trabalho para de perto sentir
A precisão das crianças pro quem tinha que intervir.*

*Trabalhou em Curitiba, firme, na pediatria
Porque salvar as crianças era o que ela queria
Hospital Cezar Pernetta, fez tudo o que podia.*

*Nesse tempo a corajosa mulher sofreu grande dor
Seu marido faleceu, mas em vez de estupor
Dedicou-se ao trabalho dando a nosso Deus louvor.*

*Era Aloysio Bruno, o marido e amado
Dessa brava e corajosa e que morreu afogado
Para salvar uma jovem que eles tinham adotado.*

*Foi o mar, com suas ondas que pro seu seio trouxe
O pai dos filhos de Zilda e não se apiedou
O mais velho tinha doze quando órfão se encontrou.*

*Dos seis filhos, dois já foram para os braços do Senhor
O primeiro foi de parto deixando imensa dor
E Sylvia num acidente deixou o mundo de horror.*

*Mas Zilda a tudo isso superou na devoção
Ao Senhor que tudo sabe e que estendeu a mão
Para abençoar aos pobres, através de sua ação.*

*Zilda Arns não sabia quando ainda trabalhava
E até vacinação contra a pólio comandava
Que sua atuação para o Bem se preparava.*

*Num encontro para a Paz, que a ONU realizou
No ano de oitenta e dois, a UNICEF dialogou
Com Dom Paulo Evaristo, sua ajuda implorou.*

*Dom Paulo Evaristo Arns ouviu da capacidade
Do uso do soro oral pra no campo e na cidade
Impedir que criancinhas morressem sem piedade.*

Pois quando a diarreia ataca o corpo humano

*É um mal grande e terrível, causa dor e desengano
A pessoa desidrata assustando a todo mano.*

*Por isso que a pessoa que assim tá tem que tomar
O soro, seja bebendo, ou na veia a se injetar
Para que seu organismo possa se reidratar.*

*O Cardeal de São Paulo, quando o fato conheceu
Que a UNICEF lhe expôs na hora reconheceu
Vocação de sua irmã e graças ao bom Deus deu.*

*Zilda, ouvindo a proposta, pediu tempo pra pensar
O tempo de uma noite, resolveu se entregar
Ao trabalho que o irmão estava a lhe outorgar.*

*Assim nasceu um orgulho do país continental
Com o nome de Brasil que foi a terra natal
Da neta de alemães, que em vida foi genial.*

*Zilda Arns reuniu voluntários pra atuar
Contra a desnutrição, contra o mal a campear
Que matava as crianças causando dor e chorar.*

*Zilda Arns percebeu que era a prevenção
O meio de resolver o mal que nesta nação
Vitimou muita criança, causou mortes de montão.*

*Viu que a dignidade era a maior 'precisança'
Das famílias em miséria um meio de esperança
Virar a realidade e causar grande bonança!*

*E não foi só no Brasil que dona Zilda atuou
E para tanta criança, rumo da vida mudou
Pro fora, no exterior, essa guerreira lutou.*

*Nossa ida ao estrangeiro, a dona Zilda chegou
Às terras do Haiti, onde a ONU entregou
O Brasil a um lamaçal do qual inda não se içou.*

*A tal da 'força de paz', uma força militar
Terrível intervenção que trouxe a sacrificar
De alguns jovens militares, no serviço a se engajar.*

*Essa força eu critico e penso que é errado
O Brasil se empenhar nesse projeto largado
Pelos estadunidenses de intervir em outro Estado.*

*Mas esse é outro assunto que não quero debater
Nesta obra de Cordel que é pra enaltecer
A vida de Zilda Arns que teve um bem fazer.*

*Pois bem: como eu dizia, Zilda Arns viajou
Para as terras do Haiti, onde participou
De um evento religioso de seu trabalho falou.*

*Pretendia no Haiti, em muito colaborar
Para o bem das criancinhas, suas vidas resgatar
Par o bem da humanidade, mais uma vez ajudar.*

*Mas veio terremoto que a cidade abalou
Quando dona Zilda andava e ao povo visitou
Ali a foice da morte de repente a ceifou.*

*No tremor, alguns escombros sobre ela desabaram
Não teve escapatória, foram muitos que tombaram
Que junto com dona Zilda, o fim da vida encontraram.*

*Assim, depois de uma vida em que muito ajudou
E que muita criancinha da cruel morte escapou
Dona Zilda foi pra Deus, a nós no mundo deixou.*

*Zilda Arns, vim te homenagear, porque eu tenho certeza
Que seria má vileza, hoje me silenciar
E nos versos não falar de sua atuação
E das vidas de montão que, pela graça de Deus,
Também os trabalhos teus receberam atenção.*